

Universidade Federal de Mato Grosso
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós Graduação: Mestrado em História

MARILDES FERREIRA DO REGO



Figura de Moedas Síria. Coleção do senhor Assaad.

**Memória da Imigração de Sírios e Libaneses em
Rondonópolis – MT**

CUIABÁ
AGOSTO- 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Universidade Federal de Mato Grosso
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós Graduação: Mestrado em História

Marildes Ferreira do Rego

**Memória da Imigração de Sírios e Libaneses em
Rondonópolis-MT**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em História da Universidade
Federal de Mato Grosso, para obtenção do
título de mestre em História, sob orientação do
Profº Dr. João Carlos Barrozo.**

CUIABÁ
AGOSTO- 2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R338m Rego, Marildes Ferreira do.
Memória da imigração de Sírios e Libaneses em Rondonópolis - MT /

Marildes Ferreira do Rego. -- Cuiabá: UFMT, 2006.

127 fls.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.

Orientador: Prof^o. Dr. João Carlos Barrozo.

1. Imigração. 2. Mascates. 3. Comerciantes. 4. Descendentes. I. Título.

Universidade Federal de Mato Grosso
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós Graduação: Mestrado em História
Mestranda: Marildes Ferreira do Rego

Memória da Imigração de Sírios e Libaneses em Rondonópolis – MT

Examinadores

Profº. Dr. João Carlos Barrozo - UFMT
(Orientador)

Profº Dr. Marco Aurélio Machado de Oliveira – UFMS
(Examinador Externo)

Profº. Dr. Otávio Canavarros - UFMT
(Examinador Interno)

Profº. Dr. Vitale Joanoni
(Examinador Suplente)

CUIABÁ
AGOSTO- 2006

Dedicatória

Aos meus filhos, pelo tempo que nos foi tirado.

À minha mãe, pela dedicação e fortaleza.

Ao meu pai, minha inspiração, tecendo os fios da memória.

Aos meus irmãos, que sem saberem, mantiveram a teia dos fios.

Ao meu amado, que deu sentido em continuar os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Entre palavras, frases e narrativas está a construção de um texto, fruto da pesquisa, do diálogo com as fontes que se juntam aos seus pares. Mas, acima de tudo, está o ser humano, o acadêmico que lida com sentimentos contidos nos documentos orais e escritos, e saber construir ao longo do tempo os laços que interligam nossas ações dentro da academia.

Esta dissertação de mestrado, não poderia se realizar sem a generosidade de muitas pessoas que me forneceram documentos, fotografias e se dispuseram às entrevistas. Por isso, obrigada a todos os depoentes já citados ao longo do texto, àqueles que, no caminhar dos depoimentos, não conseguiram permanecer no mundo físico, pois, afinal de contas, tudo é efêmero. Porém, através da escrita e deste trabalho, suas memórias serão perpetuadas na história. As lembranças de nossas conversas ficarão para sempre na minha memória. Não faço mais que minha missão de historiadora, a de dar-lhes vida através da escrita.

Em especial ao senhor José Youssef Merhi, que já não está no nosso meio, o meu agradecimento. Obrigada por todas as informações que me foram dadas, durante as nossas conversas. Quando o senhor não queria mais falar, não me mandava embora, mas falava em árabe. Desta forma eu sabia que era o momento de me retirar. Mas foi assim que pude tecer esta rede de informações.

Muitas pessoas receberam-me em suas casas, foram manhãs e tardes de longas conversas e suas palavras de vidas foram gravadas e escritas para se transformarem em conhecimentos. Muitas das minhas idéias foram lapidadas ou modificadas após as leituras que meu orientador e colegas fizeram. Muito obrigada a todos eles.

Há momentos em nossas vidas que são tomados de profunda apreensão. São detalhes e acontecimentos que fogem do nosso controle. O cotidiano é um bálsamo para que possamos dar continuidade ao trabalho que necessitamos cumprir rigorosamente, dentro daquilo que o Programa de Mestrado em História exige. Prof^a Dr^a Leny Caselli e Mônica, obrigada por todas as informações.

Agradeço a CAPES pela bolsa de estudos, que me possibilitou a concretização desta dissertação.

Ao meu orientador Prof^o Dr^o João Carlos Barrozo, sua sabedoria, paciência, confiança, disponibilidade e diálogo foram fios condutores para que eu chegasse até aqui. Acreditou em mim, mesmo nos momentos em que parecia fraquejar. Muito obrigada.

Um agradecimento em especial à banca de defesa; Ao Prof^o Dr. Otávio Canavarros, obrigada por acompanhar-me nesta trajetória, professor na minha graduação, especialização e mestrado.

Prof^o Dr. Marco Aurélio, obrigada pela disposição em ler a minha narrativa. Fez com que eu pudesse ver com mais luz os caminhos da imigração árabe. Muito obrigada.

Meus amigos, Silviane, Fernanda, Selma, Clóvis, Wiltom, Lígia, Cida Fravetto, Katarina, Gilcione, Zenaide, Altair, Sérgio, Carina, Josiane, Seni, Ana Paula e Ana Paula de Freitas obrigada pela proteção e carinho que sempre tiveram comigo nos momentos difíceis.

Meus mestres e hoje colegas de trabalho na UFMT, Prof^a Dr^a Laci Alves, Jocenaide Rosseto, Elza Markus, Ivanildo Ferreira, Júlio César e Adilson Francisco, vocês foram a minha base e hoje o meu suporte, obrigada a todos.

Prof^o Dr. Antonio Carlos Maximo, sua ajuda foi fundamental para que eu pudesse realizar o mestrado. Obrigada.

Prof^a Ana Carla Muniz, sou grata por sua compreensão, pois me ajudou a permanecer em Cuiabá para que eu pudesse estudar.

Prof^o. Fábio Cardoso, dizer obrigado é muito pouco diante de tudo que fez por mim, só sendo o homem que é: generoso, compreensivo. Valorizou meus estudos e deixou-me partir. Obrigada.

A todos os meus colegas da Faculdade UESP/FAIESP obrigada pelo carinho, e a você Viviani Carrenho, obrigada por nossa amizade.

Meu trabalho acadêmico, em última análise, é o resultado do interesse que sempre tive acerca das histórias que o meu velho pai mascate árabe contava-me quando voltava de suas viagens, histórias de reis, rainhas e guerras que compunham um mundo de fantasia sobre o Oriente Médio. Foi ele o grande inspirador para a escolha do tema que foi pesquisado e desenvolvido.

Minha mãe Ana, obrigada, pois me apoiou em cada decisão tomada. Mesmo quando o momento exigia a minha presença, a senhora dizia: “Vai filha”. E eu vim mãe, eis o resultado.

Meus queridos filhos Anderson e Emerson perdoem-me pelos anos de ausência. Este trabalho é de vocês também.

Meus queridos irmãos, Marcelo, Marcino, Márcio, Jean e Leila. Somos frutos de um grande amor e através dele foi possível tecer o fio da nossa história. Obrigada por vocês fazerem parte da minha vida.

Ao enveredar pelos caminhos da História, encontrei também a Arte, a você Valcides Arantes, que me embalou no colorido das colchas de retalhos de suas telas, ouviu-me, trocou idéias, leu e releu os meus escritos, ainda sob forma de rascunhos. Neste momento em que coloco as reticências desta dissertação eu não poderia deixar de dizer muito obrigada.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo fazer a reconstrução da trajetória de imigrantes sírios e libaneses no Brasil, desde a sua chegada ao Porto de Santos e Rio de Janeiro. Chegam à Rua 25 de março em São Paulo, para se tornarem mascates, pois este é um meio de trabalho que o imigrante encontra ao chegar ao Brasil por intermédio dos seus patrícios. Os mascates se tornam no Brasil uma figura importante no cenário do comércio, pois, por intermédio deles, podem se comercializar produtos que não chegam até os mais longínquos lugares. Esta trajetória que apresenta esta dissertação passa pelo interior de São Paulo, Goiânia, Mato Grosso, indo em direção do leste, onde estavam localizados os garimpos de Alto Garças, Barra do Garças, Itiquira, Guiratinga, Rondonópolis, Poxoréo e Alto Coité. Seja em lombo de mula ou a pé, o mascate chegava com as malas cheias de mercadorias: tecidos, perfumes, calças, camisas, pentes, espelhos... Uma variedade de produtos que eram comercializados nos garimpos. Este trabalho demonstra como os mascates árabes se tornaram comerciantes lojistas na cidade de Rondonópolis-MT, entre as décadas de 50 a 70, nas Avenidas Amazonas e Marechal Rondon. Com a decadência do garimpo no leste de Mato Grosso, com a chegada de outros comerciantes, o “turco” foi perdendo o seu espaço de comércio, tanto que muitos partiram e os que ficaram diversificaram suas atividades comerciais, dando lugar à especulação imobiliária. O enriquecimento por parte de alguns árabes foi a grande problemática que permeou esta pesquisa. Os resultados aparecem, e junto a eles a exploração da mão-de-obra, sonegação de impostos, apropriação de terras públicas. Porém, a memória utilizada como subterfúgio para instigar as lembranças foi o ponto crucial para o entendimento e ao mesmo tempo como reconhecimento para com estes imigrantes que de certa forma contribuíram para que a cidade de Rondonópolis se expandisse. São cinquenta e um anos de história da cidade de Rondonópolis, por isso houve muitas dificuldades para começar este trabalho, uma vez que as fontes para a pesquisa quase não existem e, quando existem, precisam ser aprimoradas. Além disso, muitos imigrantes que possuíam valiosas informações morreram levando suas memórias. O importante desta dissertação de mestrado é que as futuras gerações dos descendentes reconheçam e confirmem que seus antepassados chegaram nesta terra, com o sonho de ficarem ricos e retornarem à sua pátria. Muitos não conseguiram, mas refizeram suas vidas, construíram suas casas, viveram e morreram aqui na cidade de Rondonópolis, demonstrando gratidão a este povo. E passaram também a vida com emoção, paixão e amor à Terra do Cedro, de onde vieram suas raízes. Hoje, no século XXI, o retorno se concretiza, voltam os imigrantes, os descendentes, à procura de paz na terra em que um dia os seus antepassados escolheram para enriquecer.

Palavras-chaves: Imigração. Mascates. Comerciantes. Descendentes.

Abstract

This dissertation aims to reconstruct the trajectory of Lebanese and Syrian immigrants in Brazil, since their arrival at Porto de Santos and in Rio de Janeiro. They arrived on 25 de Março street in Sao Paulo to become peddlers (Mascates) whereas it was the way of living they found through their fellow countrymen. The peddlers became an important character in the business field, because through them many goods , which didn't reach farther places, could be commercialized. The trajectory showed by this dissertation passes by São Paulo, Goiania, Mato Grosso and goes east to Alto Garças, Barra do Garças, Guiratinga, Itiquira , Rondonopolis , Poxoreo and Alto Coite where the so called "Garimpos" (valuable mineral deposits) were located. Either by mule or on foot the peddlers arrived with bags filled with goods such as : Fabric, Perfumes, Trousers, Shirts, Combs, Mirros, etc.. A variety of products which were commercialized in the "Garimpos". This study shows how the Mascates became businessmen in the city of Rondonopolis between the decades of 1950 and 1970 on Amazonas and Marechal Rondon Avenues. With the decline of Garimpos in the east of Mato Grosso and the arrival of other merchants , the "Turk" started losing his trade field so much that many of them left and the ones who stayed , diversified their trading activities giving place to land speculation. The enrichment of some Arabs was the greatest matter the permeated this research. The results came to sight and with them the exploration of workforce, tax evasion and appropriation of state-owned lands. However, the recollection used as subterfuge was the culminating point to the understanding and , at the same time, to recognize that the immigrants contributed to the expansion of Rondonópolis. The city is only 50 years old, thus there were many problems to develop this work, since there are few sources to do research and when they exist, they must be enriched. Besides, many immigrants who had a piece of information left without giving it. The importance of this master-degree dissertation is that the future generations can recognize and testify the their ancestors arrived in the city empowered by the dream of getting rich and , after that, return to their countries. Many didn't work it out, but they reorganized their lives, built houses, lived and died in Rondonopolis, showing thankfulness for its people. Therefore, they lived with emotion, passion and love for the "Terra do Cedro", where there roots came from. Today, 21 century, the return comes true, the immigrants and descendants, in search of peace, get back to the land their ancestors chose one day to get rich.

Keywords: Immigration. Mascates. Merchant. Businessman. Descendants.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa do Líbano.....	22
Figura 02 – Passaporte de Mamydauh.....	23
Figura 03 – Porto de Beirute, 1930 – Líbano.....	41
Figura 04 – Roteiro de imigração árabe para Rondonópolis.	43
Figura 05 – Legenda da figura 04	44
Figura 06 – O comércio de Mamydauh – 1968.....	50
Figura 07 – Avenida Marechal Rondon década de 1950.	54
Figura 08 – Garimpeiros, Mascates e Comerciantes em Poxoréo 1940.	60
Figura 09 – Bar flor de Liz 1998.	64
Figura 10 – Antigo bar flor de Liz 1998.....	66
Figura 11 – Inauguração das lojas Riachuelo 1958.....	77
Figura 12 – Empório Nasser 1964.....	82
Figura 13 – Praça dos Carreiros década de 1950.....	85
Figura 14 – Avenida Marechal Rondon década de 1960.....	88
Figura 15 – Avenida Marechal Rondon 2006.....	88
Figura 16 – Avenida Marechal Rondon 1970.....	90
Figura 17 – Avenida Marechal Rondon 2006.....	90
Figura 18 – Travessia do Porto do Rio Vermelho 1950.....	91
Figura 19 – Final da Avenida Marechal Rondon	92
Figura 20 – Lojas de comerciantes árabes em Rondonópolis.	93
Figura 21 – Família Mamydhau	116

LISTA DE TABELAS

01 – Entrada de Sírios e Libaneses no Brasil 1926-1943.....	37
02 – Presença de Sírios em Rondonópolis, 1948-1970.....	38
03 – Estabelecimentos comerciais em Rondonópolis 1950-1970.....	86
04 – População de Rondonópolis 1950.....	95

LISTA DE SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UDN	União Democrática Nacional
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
INCRA	Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária
BASA	Banco de Desenvolvimento da Amazônia
SPVEA	Superintendência da Valorização da Amazônia
HEC	Medida Oficial Brasileira (10.000 m ²)
MT	Mato Grosso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 SÍRIOS E LIBANESES: TRAJETÓRIAS DE IMIGRANTES.....	24
3 LEMBRANÇAS DE MASCATES NAS CORRUTELAS E GARIMPOS DO LESTE DE MATO GROSSO.....	45
3.1 Os mascates “turcos” nos garimpos do leste de Mato Grosso.....	58
4 MEMÓRIA DOS “TURCOS” DE RONDONÓPOLIS.....	70
4.1 O comércio dos “Turcos” nas avenidas Marechal Rondon e Amazonas....	78
4.2 A apropriação das terras públicas em Rondonópolis.....	93
4.3 A cidade Salmen: um sonho que não se concretizou.....	105
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	120
ANEXO A: Fontes Documentais.....	123
ANEXO B: Relação dos entrevistados.....	124
ANEXO C: Documentos da Prefeitura.....	127

1 INTRODUÇÃO

A trajetória dos imigrantes árabes que cruzaram o Atlântico no final do século XIX, para se estabelecerem na América, com o objetivo de conseguir melhores condições de vida, foi sempre um assunto instigante para aqueles que buscam compreender os deslocamentos populacionais, dentro de um contexto histórico e social.

Muitos grupos étnicos, provenientes de várias regiões do Líbano, Síria e Palestina compuseram este enredo, narrado pelos depoentes para esta dissertação.

A espinha dorsal deste trabalho consiste em reconstruir as trajetórias de imigrantes sírios e libaneses e também palestinos que chegaram ao Brasil no século XX e se deslocaram para Mato Grosso entre as décadas de 50, 60 e 70, participando do processo de desenvolvimento da cidade de Rondonópolis. São homens que fugiram da guerra e da fome, os quais desembarcaram nos portos de Santos e Porto do Rio de Janeiro. No Brasil estava a esperança de melhorar de vida, adquirir riquezas e retornar para sua pátria.

A trajetória de muitos sírios, libaneses e palestinos começou na Rua 25 de Março em São Paulo. Com as malas cheias de mercadorias seguiram para o interior, vendendo nos sítios, fazendas, de porta em porta. Quando conseguiram ter mais dinheiro, foram mais longe. Na sua rota estava Goiânia, onde encontraram patrícios que já residiam por mais tempo.

De Goiânia foram para o interior, chegando a algumas cidades do leste de Mato Grosso. Eram cidades ainda com um número de habitantes muito pequeno, constituídas por agricultores, pequenos sítiantes e garimpeiros. Pequenas vilas e corruptelas. Algumas cidades estavam no início do processo de colonização, quando chegaram os mascates com suas malas cheias de mercadorias e adentraram o sertão de Mato Grosso.

O presente trabalho busca explorar justamente um grupo, que vindo do Estado de São Paulo, desenvolveu uma trajetória na área rural. Isto porque não possuía dinheiro suficiente para ser independente. O mascate era aquele que “pegava” mercadorias dos comerciantes lojistas árabes para revender. Ele estava sempre no interior das cidades, fazendas e garimpos.

O comerciante estava na cidade, já possuía seu giro de capital e tinha o mascate como seu revendedor, o qual tinha que retornar para fazer seus acertos de contas. Entre o campo e a cidade estava o mascate.

Com a formação das cidades, houve necessidade dos estabelecimentos comerciais. Logo no início surge a aglomeração de lojas de tecidos e armarinhos de sírios, libaneses e

palestinos. O espaço urbano da cidade de Rondonópolis vai se constituindo com a chegada dos imigrantes árabes.

Este trabalho procura dar conta dos principais fatores desta trajetória de imigrantes árabes, dentre eles sírios, libaneses e palestinos que chegaram à cidade de Rondonópolis entre os anos 50, 60, 70, do século XX e se firmaram como comerciantes e depois como latifundiários.

As décadas citadas representam o marco da chegada dos árabes em Rondonópolis, porém este tempo cronológico não se fechou, pois alguns imigrantes retornaram, outros morreram ou mudaram de cidade, mas os seus descendentes permanecem ainda no comércio da cidade, por isso se fez necessário inseri-los no contexto econômico e social, trazendo-os aos dias atuais.

A pesquisa realizada demonstrou como alguns dos imigrantes conseguiram, em pouco tempo, considerável ascensão econômica, a ponto de monopolizar setores do comércio e também demonstrar a reação dos migrantes paulistas, mineiros e goianos à ascensão econômica dos árabes em Rondonópolis.

A análise concentrou-se na trajetória dos imigrantes árabes que chegaram a Rondonópolis na década de 50, levando em conta a posição econômica e social de alguns sírios, libaneses e palestinos. Foram observados os mecanismos de resistência e adaptação que não resultaram num processo de assimilação na primeira geração de imigrantes árabes em Rondonópolis.

Para obter esses resultados foram selecionados alguns municípios de Mato Grosso, onde, na década de 50 a 60, se concentravam os garimpos: Alto Garças, Barra do Garças, Guiratinga, Itiquira, Poxoréo e lugares próximos a Rondonópolis como: Birro, Ahumas, São José do Povo, Vale Rico, Nova Galiléia e Alto Coité.

Para compor este quadro de informações foram localizados depoentes que moram na cidade de Campinas-GO, Tangará da Serra - MT e São Paulo-SP. Foram depoimentos importantes para a pesquisa, no intuito de entender o processo migratório.

Em certos aspectos o imigrante se torna o migrante, mas ele é considerado um desconhecido que invade o território e a realidade dos moradores de um determinado lugar, provocando estranhamentos e perplexidade que resultam no estabelecimento e construção de discursos, que, a partir deles, resultam o comércio, ou a mascateação. Foram assim que os depoentes árabes se manifestaram em horas de conversas.

A constatação da sua existência, ou da invasão do espaço de comércio provocava um estupor, uma grande revelação do outro, pois provocava incômodo.

Os mascates sírios e libaneses que foram entrevistados descreveram com veemência o imaginário do sertão de Mato Grosso, especificamente o leste, onde estava concentrada a maioria dos garimpos. O medo dos sertões desconhecidos, a traição, os animais ferozes, os assaltos, as enfermidades. Estes fatores foram narrados, mas viver assim era uma das únicas formas de ganharem dinheiro e cumprirem a promessa que fizeram aos seus pais: “Retornar com o bolso cheio de dinheiro”, ao Cedro do Líbano.

Para a reconstrução da trajetória dos imigrantes “turcos”, foi utilizada a história oral. Por meio de entrevistas, foi reescrita a história de vida de alguns dos imigrantes. O uso da História oral permitiu recuperar, descrever e construir um quadro narrativo, a partir da multiplicidade das memórias registradas que, acopladas uma a uma, tornaram possível a construção do quadro histórico.

Outros depoentes, não imigrantes, brasileiros que conviveram com os sírios e libaneses, deram a visão do “outro”, possibilitando um diagnóstico mais amplo da atuação dos imigrantes em Rondonópolis e cidades do leste de Mato Grosso onde atuaram no comércio.

A utilização da memória como fonte é a possibilidade de podermos articulá-la. A visão do “outro” dá um significado social à memória. São articulações que permitem transformá-la em fonte de informação, mas também como conhecimento, aproximando-a de outros documentos, não apenas na busca da verdade, mas como um meio de estabelecer nexos e pontos de contatos.

Foi assim, em busca do imigrante, do migrante, do estrangeiro e do brasileiro trabalhador que a narrativa desta dissertação adquiriu sua cientificidade.

Os depoimentos, juntamente com a documentação dos acervos públicos (Cartórios do Registro Civil, do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, dos Livros de Contabilidade da Prefeitura de Rondonópolis, Junta Comercial, Documentação Histórica no Museu Rosa Bororo, Ministério das Relações Exteriores em Brasília e o Diário de um depoente árabe), possibilitaram montar um quadro da imigração do Oriente Médio para o Brasil e posteriormente para Rondonópolis.

O interesse em estudar a imigração árabe para o Brasil iniciou-se das após tomar conhecimento do diário de um mascate sírio que narrava toda a sua trajetória pelo interior do Brasil.

Em suas primeiras páginas, ele relatava as repressões sofridas após a Segunda Guerra Mundial, quando o Oriente Médio e as regiões árabes colocavam em evidência a

proeminência na política mundial, rompendo com as barreiras do fanatismo religioso, e da abertura para que as Universidades do mundo pudessem estudá-los com mais profundidade. O mascate sírio era um fugitivo de guerra. A forma como ele fez sua narrativa era surpreendente, pois era sua autobiografia.

Contava sua história, deixando rastros de tristeza e amargura pelo desprezo que seus patrícios tinham por ele. Justificava a sua permanência no Brasil por não ter conseguido enriquecer, apesar de ter trabalhado muito. Entretanto, apontava para os libaneses e palestinos que vieram para o Brasil em extrema situação de miséria, mas enriqueceram.

Este documento foi o fio condutor para tecer o fio da meada, que me levou a enveredar por outros caminhos que a pesquisa apontava-me como reveladores para estudar os imigrantes em Rondonópolis.

No Brasil são poucas as publicações acadêmicas acerca da imigração árabe, o maior volume está nos Estados Unidos. No Estado de Mato Grosso não foi possível localizar nenhuma publicação sobre este tema.

O trabalho vai apresentar uma pesquisa mais específica acerca dos imigrantes sírios e libaneses, pois a princípio não tinha como objetivo os palestinos, mas, à medida que a pesquisa se desenvolvia, o palestino começou a aparecer no cenário de Rondonópolis. Portanto a ênfase maior será nos imigrantes libaneses, que representam a nacionalidade mais representativa dentre os imigrantes do Oriente Médio em Rondonópolis.

Na análise e no diálogo com as fontes documentais e na construção da narrativa, foi necessário buscar autores que dessem suporte teórico e metodológico ao trabalho. Privilegiei os autores que escreveram sobre imigração e emigração.

Entre eles destacam-se Sayad Abdelmalek (1998) que escreve sobre imigração, apontando aspectos do imigrante e como ele se revela na nova terra. Para entender como se dá o processo da construção da identidade do imigrante, Jeffrey Lesser (2001) aprofunda as discussões sobre a etnicidade de imigrantes no Brasil. Albert Hourani (1994) apresenta o mundo árabe, fazendo um exame das instituições sociais, da literatura e outras formas artísticas, da situação da mulher, dos deslocamentos demográficos e da multiplicidade de movimentos religiosos e culturais. Para compreender a visão do “outro” sobre o mundo árabe, Edward Said (2004) escreve o *Orientalismo*. Para entender como é não estar no lugar, Said mostra o que é estar “Fora do Lugar”. Uma autobiografia que faz entender como o árabe se sente ao ter que trocar seu nome, e adotando um nome pelo qual ele não foi reconhecido na sua infância.

Os autores brasileiros que escrevem sobre a imigração árabe e que foram utilizados como referência para esta pesquisa são: Assaad Zaidan (2001) que escreve sobre imigrantes libaneses no Pará, proporcionando um retrospecto da imigração em suas principais fases, ressaltando a figura do imigrante árabe como um empreendedor em vários setores do comércio no Pará.

Oswaldo Truzzi (1997) é uma referência para se entender o processo imigratório para o Estado de São Paulo, apresentando aspectos peculiares da emigração dos sírios e libaneses para o Brasil, destacando-os como precursores do comércio na cidade de São Paulo. Truzzi é um estudioso do povo árabe, demonstrando-os em seus mais variados ramos comerciais.

Seguindo a trajetória da imigração árabe para a região Centro-Oeste, Heliane Nunes (2000) escreve sobre sírios e libaneses no Estado de Goiás, fazendo uma abordagem dos aspectos econômicos, políticos e sociais.

Apresentando uma multiplicidade de idéias acerca da imigração árabe para a América, a obra organizada por Marco Aurélio Machado (2004), reúne diversos estudos analisando os fatores internos e externos da imigração.

Michel de Certeau (2000) indica o caminho para a construção da história, indagando acerca do papel do historiador. O mesmo autor analisa o cotidiano da sociedade em *Arte de Fazer* (1994) de Morar e Cozinhar (1996), ensinando a descobrir os relatos do não sabido, apontando para o cotidiano, com isto foi possível analisar a trajetória dos imigrantes.

O mascate no interior do Brasil é analisado por José Goulart (1997). Através deste trabalho foi possível compor uma rede de informações e entender quem é o mascate árabe e sua atuação no interior das fazendas no Brasil.

José de Souza Martins (2004) analisando as relações de trabalho na fazenda de café, assim como na fronteira amazônica, contribuiu para a compreensão das relações sociais de produção, mostrando o processo de exploração.

Gilmar Arruda (2000), “nas cidades e nos sertões”, contribuiu para compreender o espaço em que os mascates se moviam nos sertões do Brasil Central, ligando a cidade ao campo, transformando os costumes e hábitos da população para a qual vendiam as “novidades”.

Marieta de Moraes e Janaína Amado (2002) analisam as relações entre memória e história, indicando o caminho para apropriar-se da oralidade, da fala e como construir a história a partir das fontes orais.

Antonio Montenegro (2001) estimula o pesquisador a fazer e reformular a História a partir de novas perguntas, e a descobrir outros documentos e fontes.

Ecléia Bosi (1997) apresentou suporte metodológico para lidar com a memória dos velhos depoentes que no transcorrer da pesquisa tinham suas lembranças fragmentadas. Lembranças que guardam como um único tesouro que ninguém pode roubar.

Laci Alves (2001) proporcionou-me através de sua escrita um passeio pela antiga cidade de Rondonópolis, tendo como narradoras “as mulheres”, que já não conseguiam enxergar a sua cidade com seus ipês amarelos.

Antonio Neto (2005) apresenta a rua e a cidade como espaço de transformação e socialização, descrevendo como é possível entrelaçar homem, cotidiano social, estrutura urbana e economia.

Castro e Barrozo (2002) explicam o processo de colonização oficial de Mato Grosso, demonstrando como a nata e a borra da sociedade se mantêm.

O Alcorão é o livro sagrado dos muçulmanos. Com ele foi possível o entendimento das Leis Sagradas que até os dias de hoje permanecem com o povo muçulmano. As explicações foram imprescindíveis para a compreensão da submissão das mulheres aos seus maridos.

Ligia Osório (1990), em sua tese de doutorado, explica a criação de Leis de Terra no Brasil em 1850, possibilitando a compreensão acerca da lei de Terras em Mato Grosso.

Júlio Coelho (2005) em sua dissertação de mestrado ajudou-me a compreender a atuação das mulheres nos garimpos, quando se propôs a estudá-las nos garimpos do Lageado-MT.

A importância do uso da fotografia na História é analisada por Boris Kossoy (2001), mostrando como utilizá-la como documento, podendo revelar o passado ao historiador.

Os caminhos para Rondonópolis desde o início de sua formação política, econômica e social foram revelados por Luci Lea Tesouro (1993), que reverencia o migrante pioneiro. Seu trabalho foi um fio condutor para esta pesquisa.

Foram muitas as leituras de teses de doutorado e mestrado, que me deram uma compreensão mais clara acerca do objeto que me propus a pesquisar.

Os autores citados e consultados deram suporte teórico e metodológico para esta pesquisa e construção do texto.

Esta dissertação se divide em três capítulos com subtítulos.

Capítulo 2 – “Sírios e Libaneses; Trajetórias de imigrantes”. Este capítulo faz uma abordagem histórica da Síria e Líbano quando ainda estavam sob o domínio Turco Otomano.

Apresenta aspectos peculiares da guerra e dos conflitos civis, e de forma objetiva a sociedade em evidência.

O capítulo tem como objetivo explicar a saída dos imigrantes Sírios e Libaneses e como foi sua trajetória até ao Brasil, as dificuldades na viagem e o encontro com patrícios no Brasil. Através dos depoimentos foi possível reconstituir a trajetória que se estabeleceu até sua chegada a Mato Grosso e à cidade de Rondonópolis.

A chegada do sírio e do libanês no interior de Mato Grosso é abordada sobre vários aspectos. Entre eles está a visão do outro sobre o estrangeiro. Os depoimentos de brasileiros que conviveram com os recém chegados demonstram a situação de instabilidade social e econômica destes imigrantes e o desejo de enriquecerem e retornarem à sua pátria.

O capítulo 3, intitulado “Lembranças de mascates nas corruptelas e garimpos do leste de Mato Grosso”, tem como objetivo apresentar o papel do mascate pelo interior do Brasil e sua atuação. O mascate foi o precursor do comércio que se desenvolveu no interior de Mato Grosso. As lembranças dos mascates árabes foram de suma importância para o desenvolvimento deste capítulo, porque, a partir delas, reconstituiu-se um cenário de andanças e vendas. Foram colhidos depoimentos dos fregueses dos mascates, a visão do “outro”, migrante trabalhador sobre o mascate árabe.

O subtítulo 3.1, Os mascates “turcos” nos garimpos do leste de Mato Grosso, têm como objetivo mostrar a importância do mascate nos garimpos. Foram colhidos depoimentos de mascates, garimpeiros e a dona de uma casa de prostituição. Assim foi possível relacionar o mascate ao comércio, ao garimpo, e o garimpo às casas de prostituição.

O capítulo 4, “Memória dos “turcos” de Rondonópolis”, tem como objetivo analisar o comerciante em Rondonópolis na década de 50 até meados da década de 70, quando este comércio passa por transformações, não só o comércio árabe, mas a chegada de outros comerciantes que vão compor o cenário comercial das avenidas Marechal Rondon e Amazonas.

O subtítulo 4.1, “O comércio dos “turcos” nas avenidas Marechal Rondon e Amazonas”, vai adquirindo características importantes para o desenvolvimento da cidade de Rondonópolis, pois neste período deixa de ser distrito de Poxoréo, aumentando o seu contingente populacional.

O subtítulo 4.2, “A apropriação de terras públicas em Rondonópolis”, tem como objetivo contextualizar o período de colonização e ocupação das terras devolutas do Estado, mostrando como foram adquiridas as terras. Entre eles os imigrantes libaneses. Pelos depoimentos foram identificados os métodos utilizados para a aquisição das terras.

Depoimentos de trabalhadores e agricultores foram fundamentais para entender a questão da exploração da mão de obra nas terras dos imigrantes árabes, e como se tornaram latifundiários.

O subtítulo 4.3, “A cidade Salmen: um sonho que não se concretizou” demonstra os objetivos do imigrante libanês José Salmen Hanze de construir uma cidade que fosse vizinha de Rondonópolis. Entretanto, para isto, utilizou-se de meios considerados ilícitos. Os depoimentos e a documentação existentes deixam evidente a atuação do libanês em busca de um sonho que não se realizou, devido à interferência do governo do Estado em 1950, o qual transfere a responsabilidade dos loteamentos para a prefeitura.

Enfim, nas “Considerações Finais”, foi possível “abrir o tempo cronológico” para demonstrar que os imigrantes sírios, libaneses e palestinos chegaram, trabalharam, solidificaram e alguns enriqueceram. Muitos partiram, mas os seus descendentes ainda estão na cidade de Rondonópolis, dando continuidade não às atividades comerciais dos seus pais, mas na diversificação do que o comércio possa oferecer. São investimentos que se produzem aqui e que por um motivo ou outro vão aplicar na pátria dos seus antepassados.

Foram muitas horas e dias de entrevistas, de busca, a procura de informações que pudessem subsidiar esta pesquisa que neste momento já tem o formato de dissertação. A oralidade foi crucial, para fazer o cruzamento com as informações documentais.

As fotografias utilizadas são acervos de famílias que ajudaram a identificar lugares de Rondonópolis nas décadas de 1950 a 2000. Por elas foi possível mostrar a transformação da cidade com a chegada dos imigrantes sírios, libaneses e palestinos que trouxeram um tipo de comércio diferente, característico dos “turcos”, sobretudo o comércio ambulante dos mascates.

Aqui nestas páginas escritas, dia após dia, a narrativa se compôs como uma orquestra sinfônica, em que cada palavra e idéias foram articuladas minuciosamente. Porém, o historiador deve estar sempre atento às modificações e sugestões que porventura serão apontadas. Nossas pesquisas na verdade não são só nossas, mas de todos aqueles que se revestem da envergadura da verdade historiográfica.

Ferreira e Amado (2002, p.194) escrevem que:

[...] em vez de percebermos as vantagens de analisar a história de vida como entidade em si mesma, o que fazemos frequentemente é destruir sua gestald. Assim, comportamo-nos como uma criança querendo encontrar a realidade da “pessoa real” atrás do espelho; o resultado é decepcionante como se sabe. Só chega a ser

interessante quando aprendemos que a realidade que procuramos lá está aqui. O mesmo vale para nossa realidade social: não está por trás do texto, mas deste lado, isto é, no texto que reflete as experiências.

Foram estas as experiências que refletiram minhas ações e que transformarão a minha realidade social, inexplicavelmente o “meu olhar” se voltou em direção “a imagem do cavaleiro solitário” que não utilizava a espada, mas a mala, não utilizava o cavalo, mas o seu caminhar; e a solidão só existia nos momentos das lembranças de um tempo bem passado.



Figura 01: Mapa do Líbano
Fonte: Arquivo Assaad Zaidan

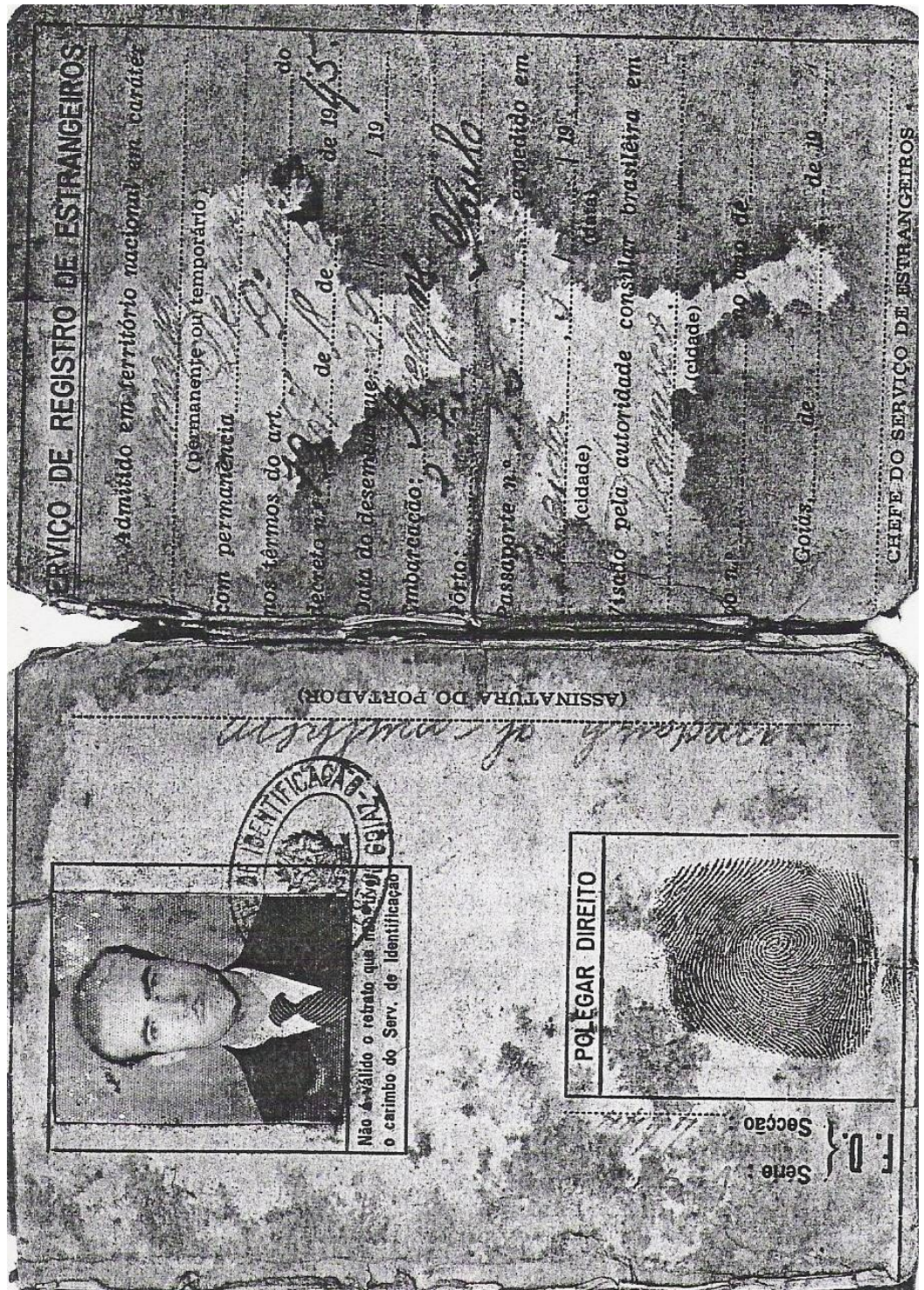


Figura 02: Passaporte do Sírio Mamydauh Almulhem
Fonte: Acervo da autora

2 SÍRIOS E LIBANESES: TRAJETÓRIAS DE IMIGRANTES

O Imigrante.

“Das montanhas da Síria e do Líbano eles desceram com seu agudo perfil, sua capacidade de trabalho e de sonho, sua ânsia de viver, sua áspera coragem. Atravessaram o mar oceano e desembarcaram no Brasil. No dia seguinte todos eles eram brasileiros, brasileiros dos mais autênticos, dos mais característicos, nacionalíssimos. Em nossa democracia racial - nossa contribuição à cultura universal, ao humanismo – o sangue árabe desempenha um papel da maior importância”. (Jorge Amado)

O Oriente Médio ainda é um enigma e um desafio para muitos historiadores. Os povos árabes possuem traços culturais riquíssimos, de beleza, mistérios e sedução, que fascinam a imaginação dos ocidentais.

A produção do discurso em torno dos conflitos aparece associada a uma prática política, econômica, religiosa e cultural, concomitantemente aparelhada à forma de entender a priori todo o contexto que perpassa o objeto de estudo que proponho a desenvolver.

Não me proponho a elucidar os enigmas que se apresentarão ao longo deste trabalho. Mas, sim, a contribuir com a historiografia, utilizando as fontes documentais e orais, as quais são passadas pelo crivo da veracidade, como um olho mágico a perceber cada detalhe, sem fugir das análises minuciosas de cada personagem que compõe o corpo deste trabalho, que teve como base sustentável a pesquisa, não esgotando as fontes, mas extraindo delas o que foi possível.

Certeau (2000, p. 94), alertou para os cuidados que se deve ter com a pesquisa, pois ela é interminável, há sempre o que pesquisar e analisar. Documentos novos surgem e, a partir deles, outras leituras. Assim, ao escrever sobre a imigração árabe, não se pode desconhecer o processo histórico anterior, de meados da década de 1945 até a de 1970, tanto na Síria e Líbano quanto no Brasil, Mato Grosso e Rondonópolis. Portanto, não me proponho a escrever uma história completa dos imigrantes, mas sim, expor aspectos marcantes expostos nos depoimentos, os quais contribuíram muito para que se pudesse escrever uma história.

O Oriente Médio passou no século XX por várias transformações políticas e econômicas, as quais levaram muitos árabes a emigrarem, pois a falta de perspectivas era muito grande. O momento era de pensar em uma vida melhor para si e para a família, deixar o país de origem, seus costumes, suas crenças, valores, cultura, e seguir rumo ao desconhecido.

É como caminhar dias a fio pelas areias do deserto em busca de água, assim é o pensamento de quem deixa sua pátria, guardando em seu coração o desejo de um dia voltar,

com o ‘bolso cheio de dinheiro’. Mas a vida daqueles que vieram não foi nada fácil, nem muito menos a volta, pois nem todos voltaram.

O cenário místico e sensual do imaginário de muitos deu lugar à dura realidade que se apresentou nas décadas de 1920 e 1930, quando os pastores nômades praticamente desapareceram na sociedade árabe. Uma combinação de fatores resultou na saída do homem do campo para a cidade o qual passa a assimilar os costumes que a vida citadina tende a oferecer, até mesmo a aversão às novas idéias e costumes que vinham do mundo ocidental.

No ano de 1914, no início da I Guerra Mundial, as populações do Líbano e da Síria estavam saturadas do domínio e opressão otomana. O sultão Abdul Hamid II governou a Síria e o Líbano de 1876 a 1909. Sua promessa era a de que faria um governo de união islâmica, mas nada disto foi concretizado, pois a maioria da população não participou do governo, continuando a ser dominada.

Quando a Alemanha e a Áustria declararam guerra às potências adversárias européias, França, Inglaterra e Rússia, Mohamed Rachad¹, liderou a Tríplice Entente. Os exércitos turcos, treinados por oficiais alemães e chefiados pelo general turco Jamal Bacha², deslocou-se da Turquia para o sul da Palestina, atacando os ingleses no Egito e, por duas vezes, tentou tomar o Canal de Suez, sem sucesso.

Jamal Bacha cancelou a autonomia interna do Líbano, nomeando governantes turcos subordinados a ele. As manifestações em torno do sentimento pan-árabico estava por todos os lugares. Este sentimento se tornou tão evidente que passaram a colar cartazes nas paredes de Beirute, Trípoli e Damasco.

Com sentimento de patriotismo um dos depoentes libaneses contou-me o que seu tio, nascido em 1904, viveu. Jamal Bacha era um homem furioso. Em sua derrota frente aos ingleses, descontava sua raiva na população do Líbano e Síria, chegando a fazer com que as famílias dos simpatizantes dos ocidentais não recebessem alimentos.

Em 1916 Jamal mandou enforcar homens destacados na política. Neste cenário, a retirada dos turcos do Líbano não foi menos trágica do que sua entrada quatro séculos antes, e ainda foi pior do que sua permanência durante todo este tempo. Os soldados turcos mortos de fome, derrotados e cheios de ódio, saquearam as cidades, vilarejos, casas, sítios, levando tudo o que encontravam. Sem perder o sorriso sarcástico o depoente ainda encontra humor para citar um provérbio popular árabe: *“Do rabo do marimbondo não sai o mel”*.

¹ Mohamed Rachad IV era um sultão orientado e dirigido pelos oficiais turcos nacionalistas da Turquia EL Fatat.

² Este oficial turco foi apelidado de Jamal Bacha EL Safah, “o assassino” devido suas práticas sanguinárias contra os cristãos e população da Síria e Líbano.

Em meio à guerra veio a tragédia maior: nuvens de gafanhotos cobriram o céu do Líbano. Esta mistura de infortúnios só poderia resultar na fome, miséria e morte de cerca de 200 mil pessoas somente no Líbano. Muitas casas foram abandonadas, pois quem conseguiu, fugiu para a Síria. Os que tinham parentes imigrantes esperavam chegar o dinheiro e partiam ao encontro daqueles que estavam além-mar. Um lugar onde eles pudessem começar uma vida nova, longe das tragédias que marcaram suas vidas.

Em 1919, o exército francês, executando o acordo Sykes-Picot³ de fracionamento do território otomano, entrou no Líbano e, em 1920, avançou sobre Damasco, vencendo o exército árabe. Os franceses expulsaram Faisal e declararam o domínio francês sobre a Síria e o Líbano e imediatamente declarou medidas que não favoreceram em nada a situação econômica da população. Segundo o libanês Zaidan (2001, p. 92) algumas destas medidas foram: troca da moeda de ouro por papel, levando o ouro para os bancos franceses, monopolização da infra-estrutura, como transporte, comunicação e exportação.

O povo libanês tinha muita farinha, mas ele não poderia viver apenas do pão, havia tantas outras necessidades. Por todas estas razões, tornava-se cada vez mais forte o desejo de emigrar para a América. Não pela vontade de deixar a pátria, mas para procurar condições de vida melhores. José Salmen Hanze⁴ resolveu partir no ano de 1926. Ele estava cansado de tanta miséria, de passar fome e, o que para ele era mais triste, era o fato de ver sua mãe, uma viúva, passar por tantas necessidades. Foi assim que decidiu ir para a América, para a Argentina, onde vivia sua irmã, que depois de ficar viúva, havia casado com um rico comerciante.

Através das lembranças foi necessário intervir na memória do velho libanês José Youssef⁵ para que pudesse contar sobre seu tio José Salmen Hanze. Essa memória resgatada foi uma construção realizada sobre inúmeras resistências do senhor José Youssef, homem sisudo, que soube dominar as palavras. Antes de começar a falar, ele levanta-se da poltrona e

³ Foi um acordo anglo-francês que aceitava o princípio da independência árabe estabelecido na correspondência com o xarife Husayn e dividiu a área em zonas de influência permanente, este acordo ficou estabelecido em maio de 1916. Esta correspondência era entre os britânicos e Husayn, agindo em contato com grupos nacionalistas árabes. Foram promessas contraditórias, o acordo secreto de Sykes-Picot, recebeu este nome devido aos sobrenomes de seus principais negociadores, o inglês Mark Sykes e o francês Georges Picot.

⁴ José Salmen Ranze, libanês, veio para o Brasil em 1926. Chegou a Rondonópolis em 1948, foi o primeiro árabe a chegar, trazia sal de Corumbá para vender para os fazendeiros da região. Tornou-se um grande comerciante e proprietário de terras. O nome de José Turquinho como ficou conhecido é um grande marco na história de Rondonópolis. Faleceu em dois de junho de 1989. Todos os depoimentos e documentos acerca de José Salmen Hanze foram dados pelo seu sobrinho José Youssef. Toda a trajetória do senhor José Turquinho está ao longo deste trabalho.

⁵ José Youssef Merhi, libanês, chegou ao Brasil em 1952, trazido pelo tio, para ajudá-lo nos negócios. José Sobrinho como ficou conhecido por ser sobrinho de José Turquinho, trabalhou muito em benefício da cidade de Rondonópolis, um homem culto e respeitado pela sociedade rondonopolitana. Construiu ao longo dos anos um museu em sua casa, dono de um grande patrimônio. Faleceu em maio de 2005.

coloca suas mãos abertas sobre o Alcorão, como se estivesse pedindo permissão para falar daquele que já não existe mais, mas que deixou como legado suas lembranças.

Foi pelo depoimento de José Youssef que foi possível fazer a reconstrução da trajetória do libanês José Salmen Hanze.

Meu tio era filho de Salmen Hanze e Charife Hanze, nasceu na cidade de Abay, a quinze quilômetros da capital (do) Líbano. Era de uma família pobre, nasceu em 1904. Trabalhavam para sobreviver em suas chácaras de oliveiras, figueiras e muitas uvas. José Salmen tinha mais dois irmãos e duas irmãs. A mais velha casou com um imigrado do México e a mais nova casou com um homem muito rico que tinha chegado da Argentina.

A descrição detalhada da família de José Salmen é reproduzida por José Youssef. São lembranças selecionadas por ele que vão projetar informações que irão compor um quadro que demarca um espaço entre a infância, adolescência e juventude do senhor José Salmen. Ao falar da guerra, o olhar de José Youssef fica perdido, como se as dores e os horrores das lembranças daquele tempo lá no Líbano estivessem presentes no instante da sua narrativa.

Então ele contou das dificuldades que fizeram com que o seu tio tivesse a vontade de emigrar para a Argentina.

Trabalhar na terra de sol a sol não compensava os esforços de meu tio, pois tinha que percorrer grandes distâncias, andando em trilhas pelas montanhas, cheias de mato e pedra, tendo ainda que levar cargas de lenha sempre que voltava para casa. A Turquia havia recolhido todos os mantimentos que estavam armazenados no comércio durante a 1ª guerra. A pobreza era grande, não tinha conforto nenhum. A casa em que morava era feita de pedras, cobertas com madeira roliça e palhas finas, revestidas com terra. No tempo da chuva se enrolava uma pedra roliça e pesada dos dois lados, para firmar a terra e não gotejar. Assim eram todas as casas dos pobres no Líbano. Meu tio José Salmen não conformava com tanta pobreza. Um dia em 1926, ele disse que ia embora para fora do país. Saiu de Abay e foi para o Porto de Beirute. Chegando lá viu muitos corretores de vendas de passagens anunciando as mais baratas: México, Bolívia, Paraguai, eles gritavam que alguns navios saíam logo, outros iam demorar. Então ele ficou vinte dias no porto trabalhando, carregando e descarregando sacos. Conseguiu completar o dinheiro e comprou a passagem até ao Porto de Alexandria, depois para a Argentina.

O jovem José Salmen deixou o Líbano com a esperança de chegar à Argentina e encontrar sua irmã e cunhado, um rico comerciante. Deles dependia sua sobrevivência e o cumprimento da promessa que fez a sua mãe, quando se despediram entre lágrimas, de uma vida melhor, de dinheiro e sustentabilidade que ele daria para a família Hanze que ficara no Líbano. Mas o destino, ou a não compreensão da língua fez com que José não chegasse à Argentina. Seu sonho estava mais longe do que lhe parecia.

Meu tio José passou quarenta dias no mar, parando nos portos e trabalhando dentro dos navios, chegou ao Porto de Santos, Brasil, onde os tripulantes do navio mandaram os passageiros descerem, porque o navio iria ficar alguns dias no porto. Só que meu tio não sabia que o porto de Santos era no Brasil, achou que já estava na Argentina. Só muitos dias depois é que descobriu o engano, retornou ao porto, mas o navio já havia partido, e não tinha mais nem um conto no bolso.

Deixo as lembranças deste velho libanês, que parece ter tanta vontade de falar de um passado tão distante, quando alguém tanto tempo depois dá importância à sua narrativa. Suas palavras entrelaçadas saem apressadas para contar sua história. Mas preciso voltar à história do povo árabe.

A Segunda Guerra chegou ao mundo árabe, que parecia firmemente seguro dentro dos protetorados britânico e francês, os quais não impediram o fracasso e as derrotas⁶. Mais uma vez, porém, a guerra foi um catalisador, trazendo rápidas mudanças no poder e na vida social, e nas idéias e esperanças dos afetados por ela.

A guerra estava mais ou menos no fim, no que dizia respeito aos países árabes, e talvez tenha terminado com uma aparente reafirmação da predominância britânica e francesa. Os países que tinham estado sob o domínio britânico no Oriente Médio assim continuaram, havendo tropas britânicas também na Líbia, Síria e Líbano. Segundo Hourani (1994, p.172) “o domínio francês ainda permanecia formalmente na Síria, no Líbano e Magreb, onde o exército francês estava sendo refeito para tomar parte ativa nos últimos estágios da guerra na Europa”.

O Líbano e a Síria ocupados pela França e Grã-Bretanha chegaram à independência em 1943, cuja consolidação se deu em 1946.

Falar da guerra não é apenas narrar, descrever, poetizar, até mesmo imaginar, mas falar dos horrores da guerra é tão somente para aqueles que nasceram e tiveram, sem perguntar o porquê, sua pátria tão amada destruída, em escombros. Este foi o primeiro cenário registrado na infância de todos os meus depoentes imigrantes.

Há algo importante de se perceber, o olhar perdido no horizonte das lembranças, ainda é capaz de visualizar, buscando nos resquícios de uma mente já enfraquecida pelo tempo as plantações de trigo, a escola, as oliveiras, a obediência à mãe, a reverência a Alá, a viagem uma vez no ano ao templo sagrado dos muçulmanos. São recordações minúsculas que não podem ser interrompidas por perguntas, é só esperar.

Bosi (1987, p.35) ensina como se deve lidar com a memória; “*A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento*”. Nas entrevistas eu colhi memórias de

⁶ Sobre estas derrotas ver DEMANT, Peter. O mundo Muçulmano. p. 91.

velhos, que ao deixarem o Oriente fizeram a promessa de voltar para “casa” com os bolsos cheios de dinheiro.

Esta foi a promessa de José Salmen Hanze à sua mãe, quando da sua partida. *“Querida mãe eu vou, mas voltarei rico, tudo o que eu conseguir vou repartir entre nós, se nossos patrícios conseguirem enriquecer, eu também vou ficar”*.

Promessas assim foram feitas por muitos imigrantes sírios e libaneses, no momento de sua emigração para a América. Lamarão (2004, p.172)⁷ evidencia estes relatos em seu texto: *“[...] Relatos de imigrantes pioneiros bem-sucedidos serviram de estímulos a esses deslocamentos”*.

Pode-se afirmar que a guerra foi um catalisador, que possibilitou a transformação do povo árabe, sendo eles aculturados pelo ocidentalismo e acalentados pela América, pois a Síria e o Líbano foram dominados pela França, dos quais foram assimilando muitos costumes.

Sobre esta questão Hourani (1994, p. 330) escreve que *“[...] entre as décadas de 1920 a 1930 grande parte da educação de nível secundário e superior no Egito estava nas mãos de missões religiosas ou culturais européias ou americanas. Isso também acontecia na Síria, Líbano e Palestina [...]”*. O autor discute este processo de “aculturação” por meio das escolas estrangeiras.

A América era o sonho de vida melhor para muitos emigrantes, assim como o senhor José Salmen que queria ir para a Argentina. MukSDi⁸ ao investigar imigrantes sírios e libaneses na Argentina aponta aspectos importantes deste “abrigo” na América.

La herencia étnica se materializa en la valoración de todo un conjunto de estrategias de adaptación que el inmigrante desplegó en lá sociedad receptora, movido por su “instinto de supervivência”, [...] Los descendientes de sírios y libaneses en Tucumán ostentam como legado la gesta heroica de la migración de sus ancestros, su capacidad de asimilación e inserción en el país de acogida y la experimentación de una conciencia pluralista como um valor que los enorgullece y los vuelve proclives a derribar las fronteras étnico-culturales que desgarran hoy a la humanidad.

Emigrar seria a solução para tantos homens, que naquele momento não podiam falar das mulheres e nem pensar em levá-las consigo, por serem elas seres que não merecessem as preocupações de um homem, pois para o povo árabe as mulheres só eram donas de casa e

⁷ OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de.(org). Guerras e imigrações.

⁸ MUKSDI, Vitar Beatriz. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Testimonios Orales de los descendientes de sirio libaneses en San Miguel de Tucumán (Argentina).Trocadero, revista de história moderna y contemporánea.

mães, submissas aos seus maridos. Em sua maioria, os sírios e libaneses que emigraram vieram solteiros, tinham a promessa do casamento, que era acertado entre as famílias.

O casamento também foi um dos motivos que impulsionaram jovens árabes a sair de sua terra em busca de melhores condições de vida, com isto poderiam proporcionar uma situação financeira estável para sua futura família.

A busca de vida melhor era para os homens questão de honra, sustentar sua família um dever. Segundo depoimentos do senhor José Youssef, ser pobre e miserável era sinal de castigo, pois Alá punia as gerações inteiras, por causa de suas desobediências, e as mulheres eram o “firmamento do rastejar da serpente”. Assim como pronunciou no livro de Gêneses, essa crença passava pelos preceitos dos muçulmanos e dos cristãos. Enriquecer era a vitória, ser miserável era a condenação.

Ficar em sua pátria, criar os filhos, chorar e enterrar os mortos era papel das mulheres. Sua fidelidade em relação aos seus valores morais e religiosos era indiscutível. A transgressão dos valores morais, como o adultério e desobediência, seriam castigados com o apedrejamento. Seu rosto era coberto pela “burca”, sinal da sua submissão aos homens e à sociedade. A situação da mulher na cultura árabe era de extrema submissão. Elas sabiam exercer suas tarefas, passadas de mãe para filha e sustentada pela autoridade do pai e reafirmada pelo futuro marido. Assim saberia a família do seu pretendente os seus bons costumes.

José Youssef narrou a tristeza que seu tio José Salmen tinha de ser filho de uma viúva, apesar de amar muito a sua mãe. Ao contar sobre a mãe de José Salmen, José Youssef levantou-se e, em árabe, pediu para sua esposa, uma senhora já idosa, que se retire da sala. Segundo ele não era correto a sua senhora ouvi-lo falar de uma outra senhora muçulmana. Então relata um pouco sobre a viúva, mãe de José Salmen.

A mãe do meu tio era muito religiosa, respeitada por todos, ensinava seus filhos a palavra de Deus, orava todos os dias, cinco vezes. Os vestidos das mulheres eram compridos, assim como as mangas. Usavam um pano na cabeça que cobria também o rosto. Caso aparecesse algum estranho, as mulheres não cumprimentavam apenas seu marido e filhos. A irmã dele chamada Lamasse ficou viúva e tinha um filho, a religião dela era Druza e não permitia que uma mulher se casasse novamente, se tivesse filho menor de dois anos. E Lamasse foi cortejada por um rico comerciante, então a mãe de José Salmen estava com setenta anos e resolveu o grande problema. Levou o neto a um pastor, famoso líder religioso, e mostrou seu netinho mamando em seu peito, mesmo de depois de quinze anos de ter tido seu último filho. Por isto ela foi muito respeitada e Lamasse pode casar-se novamente com o milionário Melhem Charafedine.

José Youssef trata a sua esposa de forma carinhosa. Ele tem o seu jeito de lidar com aquela senhora que nunca sai às ruas. Não foi permitido a ela aprender a língua portuguesa, mas sentada no canto da sala a observar os gestos que o seu marido fazia, apenas obedecia. O velho libanês, com voz sonora, diz que é um privilégio para uma mulher que seu marido esteja vivo. É preferível que a esposa morra primeiro, para que ela não sofra nenhum constrangimento.

Para entender essa questão da viuvez Sayad (1998, p. 26) explica que a expressão “filho de uma viúva” é tradicionalmente usada como uma injúria. Suspeita-se da masculinidade e da honra de um homem criado pelas mulheres. A inversão dos valores antigos faz dela, hoje em dia, uma qualidade que pode ser reivindicada: é como ser o “filho de suas obras”.

Foi neste contexto de tradições, valores e sentimentos que os imigrantes sírio-libaneses relataram suas histórias e contaram suas trajetórias de idas e voltas alimentadas pelo desejo de possuir riqueza.

Para outros, permanecer na pátria distante era a vergonha de não ter progredido, esquecer seus parentes. Guardá-los na lembrança, foi à única alternativa que sírios e libaneses encontraram para reconstruir sua vida, constituir outra família e permanecer no país que os acolheu, dando-lhes a oportunidade de trabalhar e de serem respeitados como homens de bem, mesmo quando são chamados de estrangeiros, e se sentem “*fora do lugar*”⁹.

O imigrante sírio Mamydauh Almulhem¹⁰ também sempre se sentiu estrangeiro. Nascido em 1920, na cidade de Mala, na Síria, ao contrário de seus patrícios, nunca teve vontade de emigrar. Não foi a pobreza que o trouxe para o Brasil. Sua família era abastada. Filho de advogado, seu pai era proprietário de terras, plantador de trigo. A guerra foi o motivo da sua saída, jovem estudioso, funcionário do governo francês. Mamydauh cresceu em meio aos conflitos. No ano de 1925, a população síria estava insatisfeita com a administração francesa na região drusa da Síria. A oposição nacionalista levou a uma revolta sangrenta que foi suprimida com dificuldade.

Mamydauh era o filho caçula da senhora Machar, Mamydauh, de nacionalidade francesa. Quando menino, Mamydauh não foi para o campo trabalhar, para poder estudar.

⁹ Expressão utilizada por Edward W. Said. É o título de sua autobiografia. “Fora do Lugar”. (Consta em obras consultadas).

¹⁰ Mamydauh Almulhem nasceu na Síria em 1920, chegou ao Brasil em 1952, fugitivo de guerra. Foi mascate durante toda a sua vida. Foi pai de dez filhos aqui no Brasil, todas as suas mulheres eram brasileiras. Morreu dia 31 de julho de 1983 com a doença de Chagas.

Entrou na Universidade de Damasco, adquirindo um currículo alheio às tradições de família. Aprendeu a falar francês sob influência de sua mãe. A língua francesa possibilitou que se tornasse funcionário público, abrindo possibilidades para pensar e ler sobre outras culturas.

Mamydauh relatou em seu diário que em 1934 já fazia parte de um grupo de jovens que traçou um plano de reforma para exigir mudanças no protetorado francês. Ele cresceu sob o domínio dos franceses. Em 1941, a França e Grã-Bretanha fizeram um acordo: os franceses ficariam com a autoridade administrativa e os britânicos com o controle estratégico.

O choque desses interesses era muito grande. Por isto em 1943, o governo Libanês restringiu o poder francês e a Síria fez o mesmo em 1945. Em consequência os franceses bombardearam Damasco.

O governo Sírio mandou prender todos os funcionários de alto escalão que fizeram parte do governo francês e Mamydauh foi preso, considerado como traidor da pátria. Ficou encarcerado em Damasco, de 1946 a 1948. Foi julgado e condenado à morte por subversão e traição. O fuzilamento foi marcado para 20 de outubro de 1949. Três dias antes do fuzilamento Mamydauh recebeu orientações para fugir.

Minha família possuía dinheiro, meu pai um advogado bem sucedido, minha mãe estava sofrendo muito, eu sempre fui seu filho querido. Recebi na prisão uma mensagem com um plano de fuga, à noite deveria começar a gritar, tirar toda a roupa e sair correndo, pois na minha terra um homem jamais anda nu, assim ele é considerado louco. Assim eu fiz, tinha todo um suporte de fuga por detrás disto. Fiquei escondido nas montanhas por muitos dias, até que tudo estivesse calmo. Depois fui levado para a casa de parentes em Aleppa no norte da Síria vizinho com a Turquia, vivi com eles por certo tempo. Quando tudo estava arranjado viajei para Trípoli, fui colocado em um navio no Porto de Trípoli, o navio chamava Aretagne, navio francês. Não sabia para onde estava indo. Só quando cheguei ao Porto de Marselha fiquei sabendo que o meu destino era o Brasil. Não escolhi esta terra, mas era melhor do que morrer.

O sírio Mamydauh contava que passou quarenta dias no mar, no porão do navio. Ficava horas imaginando como seria o Brasil. Chegou ao Porto de Santos em 1952. Não sabia pronunciar uma palavra em português, tomou as ruas de Santos de onde viajou para São Paulo, onde tinha um endereço de um patrício que lhe daria todas as instruções.

Fui para a Rua 25 de Março a procura de Salim que era primo de meu pai, não fui bem recebido, eu era um traidor. À noite Salim fez uma reunião de patrícios sírios, foi neste momento que senti todo o desprezo, em uma roda eles cuspiram no chão para demonstrar o que pensavam de mim, mesmo assim senti um alívio, pois estava junto do meu povo. No outro dia pela manhã, Salim fez uma mala de mercadorias e disse você vai mascatear, saí pelas ruas sem rumo, minha sorte foi ter encontrado com Said que ajudou muito. Com ele aprendi muita coisa, eu era um estrangeiro na terra de brasileiros, mas eu sempre dizia a ele: eu sou um fugitivo na terra de

brasileiros. Chorei muito, doía ouvir as chacotas, de uma coisa eu tinha certeza, jamais poderia voltar.

Mamydauh contava que sempre que retornava para a casa de Salim ouvia o patrício pronunciar Jayad¹¹ e pensava que seria sempre um Hadjar¹². Afinal o que é ser um imigrante? Esse conceito Sayad (1998, p. 53) discute a condição de ser o imigrante um trabalhador que vende sua força de trabalho ou mesmo daquele que precisa de uma pátria para refugiar-se como fez Mamydauh. Mesmo assim o sírio encontrou no Brasil espaço para trabalhar.

A condição de trabalhador o difere dos outros. Segundo o autor, ser imigrante é uma situação provisória. A definição que Sayad (1998, p. 54) dá para o imigrante é a seguinte: “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”.

A emigração síria e libanesa foi diferente da emigração europeia para a América. O emigrante europeu, quando chegava ao Novo Mundo, encontrava condições de trabalho um pouco melhores porque vinha com destino certo para trabalhar nas fazendas de café, ou para as colônias do Sul.

Os sírios e libaneses chegavam apenas com um endereço da Rua 25 de Março, porque ali estava a maior concentração deles. Não sabiam para onde um dos seus patrícios poderia mandá-lo. A dificuldade com a língua era o grande problema. Mamydauh, mesmo depois de muitos anos no Brasil, ainda tinha dificuldades com a pronúncia. Por isto a frase “*Pé na tábua e fé em Deus*” era a frase perfeita para o imigrante árabe. Somente Alá poderia ter piedade, sabiam eles das dificuldades que encontrariam em terras estrangeiras.

Estar em terras estrangeiras também foi uma das preocupações do libanês Raja Muhd¹³, que nasceu na cidade de Ras El Maten, no Líbano central. Chegou ao Brasil em 1941, desembarcando no Porto do Rio de Janeiro. Ainda muito jovem viveu sob a guerra e os conflitos civis de seu país. Deixou o Líbano em busca de vida melhor. Disse que não suportava a fome e a miséria que se abateu sobre a sua família. Nos campos de plantação, os gafanhotos destruíram tudo. Viu seu pai morrer de desgosto e sua mãe por a burca negra em sinal de luto. Um luto que durou para sempre.

¹¹ Jayad em árabe significa o desviado, aquele que aparece, por seu comportamento, não cumpriu suas promessas, o emigrante perdido para si e para os seus porque está perdido para o seu grupo.

¹² Hadjar em árabe significa fugir, emigrar.

¹³ Raja Muhd, libanês, chegou ao Brasil em 1941, foi mascate, depois comerciante em Rondonópolis. Em 1990, mudou-se para Tangará da Serra, onde tem uma loja de roupas feitas.

À medida que o senhor Raja falava, suas lágrimas caíam ao chão. Foram lembranças dolorosas para aquele velho muçulmano libanês que acredita que ser estrangeiro é uma maldição.

Dentro do conceito do que é ser estrangeiro Sayad (1998, p. 243) explica que:

Um estrangeiro é um estrangeiro, até as fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país. Um imigrante é um estrangeiro, até as fronteiras, mas apenas até as fronteiras [...] se estrangeiro é a definição jurídica de um estatuto, imigrante é uma condição social.

Para contar como foi sua emigração, o senhor Raja recita uma frase de um poema. O depoente diz que lê muito e escreve poesias para lembrar do Cedro do Líbano. Antes pede para sua esposa que é uma jordaniana para servir um chá que possui um aroma perfumado. Ele diz que comprou no Líbano por ocasião da sua viagem em 2003. Este chá ele só oferece para os bons patrícios. Há todo um ritual para tomá-lo. Estende as duas mãos sobre o Alcorão, faz uma reverência a Alá, volta e dá-se um beijo na face, aspira o perfume que exala do chá para em seguida degustá-lo. A xícara tem o formato de uma coroa sobre três pés, segundo a sua explicação representa a vitória do Líbano sobre a França, a liberdade.

O senhor Haja começa assim:

“Meus parentes morreram de fome, e quem não morreu de fome morreu pelo fio da espada, e eu vivo neste país longínquo, no meio de um povo alegre e satisfeito, que tem alimentos fartos e cama macia... e que pode o exilado distante fazer por seus parentes flagelados? Sim, de que servem as elegias de um poeta?”.

Foi necessário dar uma pausa para o senhor Haja. Ele diz que não sabe quem é o poeta, mas que o poema diz tudo o que ele sente. Entre uma xícara de chá e uma tragada no seu charuto perfumado, continuou a sua narrativa.

Quando saí do Líbano eu só tinha vinte e dois anos. Após a morte do meu pai, a minha mãe se entristeceu meus irmãos mais velhos, já haviam morrido na guerra, minha irmã já tinha compromisso firmado, e eu precisava encontrar um destino, bem longe da guerra e da fome. Juntei todo o dinheiro que possuía, fiz o casamento da minha irmã, despedi dos parentes, mas falei para minha mãe que um dia eu voltaria. Fui para Beirute, comprei passagem até a França. Lá desembarquei, fui trabalhar de carregar sacos, juntei mais dinheiro, comprei a passagem até ao Brasil. Desembarquei lá no Rio de Janeiro, fui para uma pensão, encontrei Nagib Matni, com ele eu fui para São Paulo, fui para a Rua em que estavam meus patrícios a famosa 25 de março, trabalhei de mascate por todo o interior de São Paulo, fui me afastando cada vez mais, até chegar a Goiânia, depois Mato Grosso. Lá em Goiânia encontrei Said e Mamydauh, juntos fomos mascatear. No Araguaia, Barra do

Garças, Alto Garças, Guiratinga, Rondonópolis, aí eu já não trabalhava para mais ninguém, comprava mercadorias por minha conta, tudo garimpo fui. Agora moro aqui em Tangará da Serra, depois de velho voltei ao Líbano, não encontrei mais nada do que era meu, meu povo morreu tudo, hoje eu tenho dinheiro e paz, mas sofri muito. Como dizia meu pai. Quem quer comer o mel, tem que sofrer as picadas das abelhas. Eu fui picado muitas vezes.

O número de imigrantes sírios e libaneses que vieram para o Brasil, na última década do século XIX e meados da década de 40 do século XX foi expressivo. Os dados que Lesser (2001, p. 96), apresenta mostram que maioria *“representando 91% vinha da Síria e do Líbano, tendo chegado entre 1904 e 1930. A imigração síria cresceu de 1.100, entre 1914 e 1923, para mais de 14 mil, entre 1924 e 1933”*.

Segundo Paul Hugon (1973, p. 33)¹⁴, a política de restrições imigratórias no Brasil tem dois momentos distintos:

De 1930 a 1945 houve um período de estrita limitação das entradas de imigrantes, a partir de 1945, um período de limitações mais flexíveis. O primeiro período tem início com o decreto 19.482, de 12 de dezembro de 1930, elaborado pelo governo provisório; ele limita a imigração aos estrangeiros já domiciliados no Brasil, aqueles cuja entrada é solicitada pelo Ministério do Trabalho e sob certas condições aos trabalhadores especializados.

A emigração sírio-libanesa se faz necessária devido a fatores demográficos, como o aumento da população, a fragmentação da propriedade rural, tornando-a cada vez menor, chamado de sistema de herança. Na década de 30, houve uma crise econômica que abalou os agricultores, o governo e o banco tentaram levantar dinheiro para ajudá-los, mas foi em vão, pois a ajuda foi em grande parte para os cultivadores que tinham influência política ou que estavam ligados à economia internacional. O resultado foi o inchaço das cidades, o deslocamento do homem do campo para a cidade.

Entretanto, com todas as restrições da política imigratória no Brasil, a partir de 1945, essas restrições e limitações vão sofrer um retrocesso. Era necessária a implementação da mão de obra estrangeira. Em 1945, foi promulgado o Decreto-Lei de nº. 7.967¹⁵ que invalidava o Decreto-Lei de 1941¹⁶ que estabelecia mais restrições, fixando novas regras para a política imigratória no Brasil.

¹⁴ Apud NUNES, 2000, p. 47.

¹⁵ Esse Decreto contém no passaporte do imigrante sírio Mamydauh.

¹⁶ Esse Decreto contém no passaporte do imigrante libanês Haja Muhd.

Contudo, o perfil dos sírios e libaneses não se adequava às necessidades de mão de obra brasileira. Mesmo tendo sido cultivadores e filhos de agricultores, como são os depoentes citados, eles preferiram se dedicar ao comércio no Brasil. Eles não apresentavam nenhuma característica para o trabalho operário.

Mas, sírios e libaneses poderiam, por meio da mascateação, ocupar o território brasileiro, fazendo uma integração aos mais longínquos lugares; no interior, nas fazendas, corruptela, vilas e garimpos, dinamizando o comércio local. Afinal a palavra mascate e a atividade de mascateação não eram tão novas para esses árabes. Segundo o senhor Raja, mascate é adjetivo dos cidadãos que moram na cidade de Maskat situada no Golfo de Omam, no mar Arábico.

O senhor contou que os marujos de Maskat viajavam de barco para a Índia de onde voltavam com os barcos cheios de miudezas. Estes produtos eram oferecidos de porta em porta. Por esta razão foi dado o nome de mascate para aquele que saía vendendo nas portas.

A explicação do senhor Raja faz sentido. Em Mato Grosso, a maioria dos sírios e libaneses se tornaram mascates e depois comerciantes. A imigração de sírios foi maior que a de libaneses para o Brasil. A maioria dos libaneses eram “avulsos”, jovens e solteiros.

Segundo depoimento do senhor Raja, no Líbano não havia indústria nem base de produção que desse sustentação econômica. A renda era proveniente do turismo nas grandes montanhas, e dos emigrantes que mandavam dinheiro para suas famílias.

No fim da Segunda Guerra, o governo dos Estados Unidos estabeleceu o Plano Marshall, que garantia ajuda aos países europeus atingidos pela guerra, mas para o Líbano, por não ser europeu, não chegou esta ajuda. O senhor Haja contou que era um descontentamento geral, faltava emprego e expectativa de melhorias nas condições de vida.

A idéia de riqueza tomou conta das novas gerações de libaneses. As notícias que vinham daqueles que emigraram eram boas, sabiam da quantidade de dinheiro que era mandado para os familiares que estavam no Líbano. A emigração deu-se em massa.

O governo libanês incentivava a emigração. Os que emigravam e ficavam ricos eram homenageados. Quando retornavam à pátria para visitar a família, eles eram recebidos com festa, o nome ficava em evidência. Assim sabiam que Alá tinha abençoado, era motivo de orgulho.

Depois de 1955, a emigração diminuiu, porque o Iraque, Arábia Saudita, Kuwait, Emirados Árabes, países vizinhos à Síria e o Líbano, que eram os principais produtores de petróleo no Oriente Médio, enriqueceram e passaram a oferecer trabalhos nos campos de petróleo. Assim de acordo com o senhor Raja, não era necessário emigrar para a América em busca de riqueza, pois ela estava bem perto.

ANO	LIBANESES	SÍRIOS
1926	428	3369
1927	294	3008
1928	486	3127
1929	778	1771
1930	832	558
1931	286	163
1932	299	130
1933	450	151
1934	356	158
1935	224	152
1936	134	31
1937	348	109
1938	220	112
1939	39	17
1940	17	13
1941	9	16
1942	6	2
Total	5.206	12887

Tabela 01: Entrada de Sírios e libaneses no Brasil de 1926 a 1943¹⁷.

Fonte: As informações sobre os dados de 1926 a 1939, extraídas do Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, ano 12, nº 136 p 215-223. De 1940 a 1942, foram obtidas na Revista de Imigração e Colonização, ano V, p.586-590, set.1944.

A pesquisa mostrou que entre 1926, quando da entrada do primeiro depoente José Salmen Hanze à chegada do libanês Haja Muhd em 1941 no Brasil, os sírios foram em maior

¹⁷ Estes dados foram levantados pela a autora no Ministério das Relações Exteriores em Brasília em 2005.

número. Segundo Nunes (2000, p. 59), a cidade de Goiânia possui o maior número de libaneses estabelecidos. Mas no Estado de Goiás o maior contingente é de sírios:

[...] já em relação ao Estado, não se pode dizer o mesmo. Dados levantados em cartórios de cinco municípios goianos com alta densidade populacional árabe, numa faixa de 90 anos, confirmam que Goiás possui mais sírios do que libaneses. Imigrantes sírios, 1.187, imigrantes libaneses, 221.

Na cidade de Rondonópolis, de 1948 a 1970, os dados obtidos nesta pesquisa demonstram o inverso.

ANO	LIBANESES	SÍRIOS
1948	01	-
1949	02	-
1950	01	-
1952	04	-
1953	05	-
1954	02	-
1955	02	-
1957	05	01
1960	03	-
1964	02	01
1965	06	-
1966	04	01
1967	02	01
1968	08	-
1970	05	02
Total:	52	06

Tabela 02: Presença de Sírios e Libaneses em Rondonópolis Entre 1948 a 1970

Fonte: Livro de Registro Tributário do Município de 1956. Informações confirmadas pelos depoentes.

O censo de 1950 registrou em Rondonópolis 951 habitantes na zona urbana e 1.937 habitantes na zona rural. Os dados acima se referem apenas aos imigrantes homens, não revelando número de filhos dos sírios e libaneses nascidos no Brasil, nem o número de mulheres.

Os 58 imigrantes sírios e libaneses são todos do sexo masculino. Nas entrevistas realizadas, pôde-se constatar o grau de escolaridade baixa. Apenas 01 sírio possuía nível superior, 17 libaneses com segundo grau, 02 libaneses com nível superior e 33 libaneses e 05 sírios possuem apenas o primário; 47 deles dominam a língua francesa e 09 a língua inglesa e todos dominam a língua materna. Estas referências foram confirmadas pelos depoentes.

Quanto à situação financeira dos 58 entrevistados só foi possível saber a respeito de 22, pois alguns já faleceram e outros foram embora. Os dados revelados são apenas dos que ainda moram na cidade de Rondonópolis. Para 18 deles, sua situação financeira é acima da média, 03 estão em situação de falência e 01 em extrema dificuldade financeira.

Pensar na imigração árabe em Rondonópolis é também analisar o seu desenvolvimento histórico e econômico, a partir da chegada dos sírios e libaneses que se deu na década de 1950, quando ainda era apenas um povoado, banhado pelos rios Vermelho e o Arareal. A travessia era feita por balsa por onde chegavam às mercadorias que abasteciam o pequeno comércio que se desenvolvia graças a um novo fluxo migratório. O povoamento de Rondonópolis se originou da política de ocupação do governo, a partir das colônias agrícolas.

Em 1949 o Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, então governador de Mato Grosso, assinou uma lei que estabelecia o Código de Terras de Mato Grosso, o qual regulamentava as condições e obrigações legais para a aquisição de glebas, as quais seriam de dez a cinquenta hectares, doados àqueles que quisessem cultivá-los, recebendo a posse e documentação legal depois de três anos.

A Comissão de Estradas e Rodagem em Rondonópolis fazia o trabalho de localização dos recém-chegados, homens e mulheres de outras regiões do país, que vinham em busca de um lote de terra. Era um trabalho demorado, mas todos eram beneficiados. O Governo do Estado foi o único responsável pelo assentamento nos 10.000 hectares que foram reservados para esse fim.

Tesouro (1993, p. 84), em sua obra, discute a política de ocupação de Rondonópolis. Dentro do Projeto de Lei das terras devolutas do Estado, a sistematização das terras se compôs da seguinte forma:

A região na sua totalidade ficou composta por sítios de 20, 30 e 50 hectares, loteada no “sistema de colônias”, em terras devolutas do Estado, formadas predominantemente por mata, como Lageadinho, Mata Grande, Paulista, Campo Limpo, Naboreiro, Macaco e Rondonópolis, (segundo Arnaldo Estevão de Figueiredo, Rondonópolis só recebeu a denominação jurídica de colônia para poder receber do Estado 10.000 hectares reservados para o assentamento dos migrantes sem condições que afluíam para o povoado).

As “terras de ninguém”, povoadas por índios Bororos, com notícias da doença do fogo selvagem, das grandes enchentes, eram ao mesmo tempo tentadoras, mas também um grande desafio não só para os paulistas, goianos, mineiros, nordestinos, cuiabanos, mas também para o primeiro imigrante árabe que chegou a Rondonópolis desconfiado, sem entender direito alguns termos que se utilizavam.

Foi dentro deste contexto de colonização e ocupação que o libanês José Salmen Hanze chegou a Rondonópolis com o intuito de fixar moradia. Até 1948, sua residência era na cidade de Itiquira, a uns 140 km de Rondonópolis lugar de garimpo e muitas fazendas de gado. José Salmen comercializava mercadorias, principalmente sal e querosene. O senhor José Turquinho, como ficou conhecido, foi o primeiro imigrante árabe a chegar a Rondonópolis em 1950 e a adquirir as terras devolutas do Estado.

Por conta de suas atividades comerciais, José Salmen Hanze precisava de parentes que o ajudassem. Em 1952, enviou dinheiro para que seu irmão Melhem pudesse sair do Líbano e vir para Rondonópolis. Em 1953, trouxe do Líbano os sobrinhos José Youssef Merhi e Naim Charafedine.

Foi o senhor José Youssef Merhi, ou o José Sobrinho, como ficou conhecido por todos na região, que reconstruiu a história de José Salmen Hanze, seu tio, e nesta reconstrução ele narrou a trajetória do mesmo.

Neste momento da minha escrita quero fazer um parêntese, pois este homem, José Sobrinho imigrante árabe, libanês, que foi o depoente e precursor das minhas pesquisas, direcionou e apontou fatos e fontes relevantes para o meu trabalho.

É com grande pesar que escrevo, pois um dia antes da estruturação desta escrita, ele faleceu, tendo agendado comigo neste mesmo dia uma entrevista para falarmos de festas árabes, as quais aconteciam em sua mansão.

Um capítulo à parte, o das lembranças, dos sorrisos, das lágrimas, rituais, conversas, poesias, fotografias, cafés os quais não ficarão no esquecimento, mas o das informações que

serão descritas e narradas ao longo deste trabalho. Como o Cedro do Líbano, termo que ele gostava de expressar para dizer, que algo não acaba, assim serão os registros desta memória. Porém é preciso ressaltar o que Certeau (2000, p. 107) escreve, “*o papel do historiador é dar vida e voz aos mortos através da escrita*”.

Refazer a trajetória destes imigrantes sírios e libaneses que chegaram ao Brasil no século XX é fazer uma longa viagem. Os depoentes em evidência fazem parte da 3ª etapa da emigração (1919-1939) e 4ª etapa (1945-1975).

A rota de saída era no Porto de Beirute no Líbano, seguindo para porto de Haifa onde fazia conexão, depois Alexandria, Estreito de Messina, Gênova, Marselha, Las Palmas, Estreito de Gibraltar, Dakar e Brasil, desembarcando no Porto de Santos ou no Porto do Rio de Janeiro. Depoentes desta pesquisa fizeram esta rota.

Esta foi a rota feita pelos depoentes desta pesquisa. Mas nem todos eles compraram passagem direta de Beirute ao Brasil. O depoente José Salmen Hanze ficou no Porto de Alexandria, trabalhando como carregador de sacos. Haja também ficou em Marselha, trabalhando para conseguir mais dinheiro para chegar até o Brasil. José Youssef veio direto. Mamydauh saiu direto do Porto de Trípoli para o Brasil, fazendo as conexões, apenas para trocar de navio, ou, fazer uma limpeza mais adequada para prosseguir viagem.



Figura 03: Porto de Beirute em 1930 – Líbano. Era deste porto que todos os migrantes embarcavam.

Fonte: Acervo Sr Mamydauh

Nesta rota de viagens, quantas saudades, a esperança de um dia voltar e ficar, vontades que não foram realizadas por muitos. José Salmen voltou apenas para visitar sua família, foi recebido com festa. Segundo o seu sobrinho, foram três dias de festa, para homenagear o filho dos Hanze que voltava rico levando dinheiro para investir no seu país.

Haja voltou duas vezes para passear, mas não quis ficar. Disse que seu lugar era no Brasil, não conseguia mais conviver em meio a conflitos civis. José Youssef voltou três vezes, em uma delas para levar a esposa grávida, para que o filho mais velho pudesse nascer no Líbano.

Somente Mamydauh não retornou, pois em sua vida de mascate, não conseguiu juntar dinheiro para comprar passagem. Sua condição de fugitivo também era um grande entrave. Dizia que se tivesse ficado rico, seria perdoado, mas, o registro no seu diário, mostrava bem a saudade de sua terra e de sua gente. Relembrava os campos de trigo de sua família, recordava do nome de seus irmãos e irmãs. Ariuf, sua irmã caçula. Dela, registrava as brincadeiras de infância.

Os registros do cotidiano de Mamydauh são a construção e a reconstrução de um passado, de uma vida. Em seus registros, o passado se misturava ao presente, aos negócios, às dívidas e pagamentos; referiam-se sempre às suas mulheres e aos seus filhos. O desejo de mudança, de largar da bebida que o consumia era tragado pela fumaça do seu cigarro “Continental”. Em Goiânia tinha uma mulher e quatro filhos. Suas viagens para mascatear eram as desculpas que ele encontrava para afastar-se cada vez mais.

Em Rondonópolis, no ano de 1964, conheceu outra mulher, que se tornou a sua outra esposa, já que não lhe era permitido “ter” uma esposa árabe. Muitas vezes ele pronunciava: *“Quem dará sua filha para um fugitivo de guerra, e que é amaldiçoado por Alá?”* Quem sabe nos seus momentos de lucidez, longe da bebida, Mamydauh tivesse tempo para refletir seu passado. Enfim, mudava sempre de um lugar para outro. Foram muitos esses lugares. Dizia que não gostava de estar onde estavam seus patrícios ricos e citava José Salmen Hanze, que um dia lhe disse que ele era a vergonha do seu povo.

Sentia-se humilhado por eles, gostava da companhia de Said e de Haja. Quando voltavam das viagens de mascatear, convidava-os para almoçar em sua casa simples, feita de adobe, em São José do Povo, onde morou sua mulher e filhos por muitos anos, até a mudança definitiva para Rondonópolis em 1979.

Sua esposa sabia fazer as iguarias árabes que os faziam matar a saudade da terra amada. Neste momento de encontro de mascates, falavam em árabe, riam e cantavam. A presença da mulher e dos filhos era até servir à mesa, depois se retiravam, deixando-os sozinhos, para contar suas andanças, falar sobre os negócios e saber notícias de sua terra.

O pequeno rádio de pilha mantinha Mamydauh informado sobre as notícias da Síria. No final da tarde, sempre às 17h, horário do Brasil, sintonizava uma faixa de rádio de Damasco e, com ele ao ouvido, ouvia as notícias das guerras, dos conflitos, as músicas. Este era um momento especial para aquele homem, por isso ninguém ousava perturbá-lo.

Ele cantava e dançava as músicas que ouvia e chorava quando das notícias tristes, as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Em uma das páginas amarelas do seu diário e gastas pelo tempo, ele escreveu uma dessas notícias que ouviu, que por certo marcou para sempre a sua trajetória.

Hoje, dia 24 de Janeiro de 1966, ouvi no rádio o locutor anunciar a morte da senhora Machar Almulhem, na cidade de Mala, dizem que a senhora Machar morreu de saudade do seu filho caçula, que foi embora para o Brasil e nunca mais voltou. Minhas lágrimas escorreram pelo chão, e eu chorei de saudades, senti que não teria mais chances de voltar. Mas as minhas lágrimas foram interrompidas pelo choro de um bebê que acabará de nascer, às 18h. Era a minha filha, minha mãe se foi, mas ganhei um grande presente do céu, então soltei foguetes nas ruas de Guiratinga, para comemorar o nascimento da minha filha querida.

Ouvir cada depoente narrar a sua trajetória, falar da sua emigração e como se tornou um imigrante é expor “a relação nunca acabada entre o presente e o passado”¹⁸. Reconstruir cada etapa destas viagens é de fundamental importância para que se possa analisar o contexto histórico do Oriente ao Ocidente, do Ocidente à América.

Cada relato é uma história de vida marcada por lutas e conquistas, que não se encerram com a velhice e nem com as folhas gastas dos documentos, mas se perpetuam na escrita. Gomes (2004, p. 29) observou que “os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas [...]”.

¹⁸ LE GOFF, Jacques. História. In: ROMANO, Ruggiero. Memória e História. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. Einaudi, v.1.

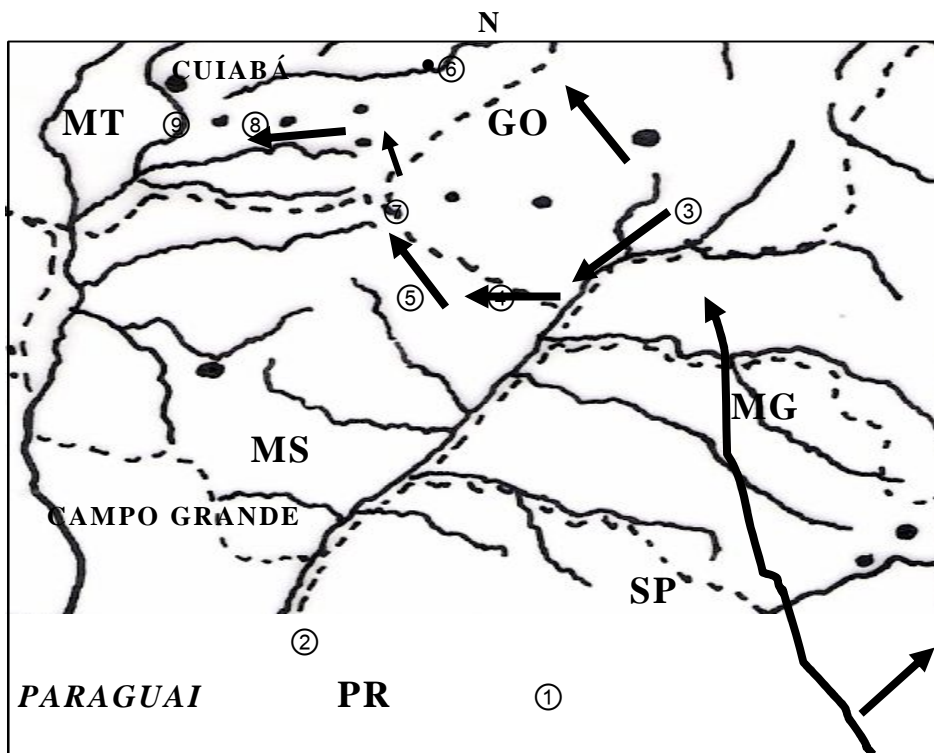


Figura 04: Roteiro da imigração árabe para Rondonópolis.

Fonte: Pesquisa da Autora. 2005.

Organização e Desenho: José Adolfo I. Sturza

Escala: 1 cm=100 km / 1:10.000.000

Convenções	Cidades	
Rio	① SANTOS	⑥ BARRA DO GARÇAS
Limite Estadual	② SÃO PAULO	⑦ ALTO GARÇAS
Capital	③ GOIÂNIA	⑧ GUIRATINGA
Cidade	④ RIO VERDE	⑨ RONDONÓPOLIS
	⑤ MINEIROS	

Figura 05: Legenda da figura 04

3 LEMBRANÇAS DE MASCATES NAS CORRUTELAS E GARIMPOS DO LESTE DE MATO GROSSO

Mamydauh Allmulhem¹⁹ nasceu na cidade de Mala, no Estado de Sueda, na Síria em 25 de março de 1920. Filho caçula de uma família abastada, o pai era sírio, advogado, a mãe uma dona de casa de origem francesa. Seus cinco irmãos eram todos militares, os quais ocupavam postos nas frentes de combate nas crises de 1943 e 1945²⁰. Mamydauh também era militar de carreira, ocupando um cargo na base militar francesa²¹. O exilado Mamydauh Allmulhem, em meio às memórias de outrora, revelava que a agricultura era uma das fontes de renda de sua família. Segundo Mamydauh:

A minha família lá na Síria, eram agricultores, plantavam trigo, só que eu nunca fui à lavoura, porque estudava, depois fui trabalhar para o governo francês. Nossa família tinha o campo como uma das fontes de renda, porque meu pai era advogado, ele cuidava das causas das mulheres presas.

Vida comum para aquele jovem estudioso, mas que não compactuava com a política do governo sírio, eis porque ficou do lado do governo francês, assunto este que o velho sírio não gostava de falar. O motivo de sua prisão e fuga foi justamente por ter se aliado ao governo francês.

Foi preso, tentou uma fuga, durante muito tempo ficou escondido, até que sua família pudesse comprar uma passagem em um navio que o levasse embora. Seu destino não era o Brasil, mas qualquer país para onde pudesse ir.

Em janeiro de 1952, embarcou no navio Aretagne, no Porto de Trípoli. Desembarcou no Porto de Santos no dia 29 de março de 1952, com o passaporte de nº. 2.700, expedido na cidade de Truzida, visado pela autoridade consular brasileira em Damasco.

Indagado sobre a rota deste navio, o velho sírio não soube responder com certeza. Sabia que o navio tinha atracado no Porto de Marselha. Deste fato ele se lembra, porque todos desembarcaram para uma faxina geral no navio. Recordou também de um homem que

¹⁹ Mamydauh Allmulhem foi um mascate sírio, exerceu esta atividade até a sua morte em 1983. Todos esses depoimentos estão registrados em um diário que pertence a sua família.

²⁰ Em 1943 o governo libanês tentou limitar a autoridade francesa. Em 1945 quando uma tentativa semelhante dos sírios levou a um bombardeio francês de Damasco, uma intervenção britânica e um processo de negociação que acabou num acordo em que os franceses e britânicos se retirariam simultânea e completamente no fim de 1945 (HOURANI, Albert, 1994, p. 360).

²¹ Após a crise de 1945, a Síria e o Líbano obtiveram completa independência, sem as limitações que os tratados com a Grã-Bretanha haviam imposto ao Egito e ao Iraque. Daí em diante seria difícil qualquer partido nacionalista aceitar menos que isso (HOURANI, Albert, 1994, p. 360). O entrevistado, Mamydauh Allmulhem fazia parte do partido nacionalista.

conversou com ele em francês, no Porto de Marselha. Perguntando-lhe se tudo estava bem e entregou-lhe um pacote com roupas e dinheiro. Eram ordens de sua família, para que Mamydauh pudesse seguir viagem, com a seguinte recomendação: “*Até Marselha está tudo bem, no próximo porto receberá mais instruções*”.

Foi uma viagem demorada. Ele disse que durante a viagem permaneceu no porão, seguindo as ordens do homem que tinha falado com ele em Marselha. Afinal, era um fugitivo. O depoente diz que vivenciou muitas coisas ruins naquela viagem, como a morte de uma mulher que foi “sepultada” no mar.

O depoente disse que já tinha ouvido falar do Brasil, onde havia muitos patrícios seus. Ele desembarcou em Santos, de onde foi direto para São Paulo, à procura de um homem chamado Salim, comerciante da Rua 25 de Março. Foi este homem que o recebeu, abrigando-o por alguns dias em sua casa. Salim propôs trabalho para ele, como vendedor de mercadorias no interior de São Paulo. Começava aí uma nova atividade para aquele sírio que de negócios não entendia nada.

Na trajetória do sírio Mamydauh estava o Porto de Santos. Porém seu “destino” de mascate foi traçado quando chegou à Rua 25 de março. Sujeitou-se às ordens de um patrício que havia prosperado. Colocou na mala as bugigangas variadas e partiu para lugares desconhecidos.

Deffontaines (1936, p. 27) observou que, desde o final do século XIX,

O campo de trabalho dos mascates se alargou consideravelmente, na mesma proporção em que o colono procurava se desembaraçar das compras nas lojas dos fazendeiros e, por isso, os mascates representavam uma feliz concorrência ao armazém do patrão.

Segundo Truzzi (1997, p. 44) os dados relativos à profissão dos imigrantes disponíveis para o período de 1908-1939 eram voltados para o comércio.

Os sírios e libaneses, dentre as demais etnias, pouco se apresentaram como agricultores, provavelmente porque já pretendiam trabalhar em atividades comerciais, aproveitando-se da inserção de parentes ou patrícios previamente estabelecidos.

Salim explicou a Mamydauh que ele não poderia ficar vendendo por perto. Teria que ir para os sítios e fazendas, para o interior. Encheu uma mala de mercadorias, tecidos, meias, cintos, perfumes, pó de arroz, espelhos, adiantando-lhe alguns trocados para se manter nos primeiros dias.

A zona rural se constituiu como base para os mascates, passando a ser uma referência para eles. No campo estavam os fregueses. A venda era certa e o dinheiro também. De tempos

em tempos era necessário retornar para buscar mais mercadorias na loja de Salim, acertar as contas das mercadorias e pagar a dívida dos adiantamentos. Assim foram os primeiros meses como mascate.

Mamydauh não conhecia o dinheiro brasileiro. Conta que foi comprar algumas bananas e o vendedor deu-lhe um cacho, pois a quantia de dinheiro que pagou dava para comprar o cacho inteiro. Não entendia uma só palavra em português. Seus costumes eram muito diferentes. Dizia que na sua terra, suas mãos só tinham calos de carregar fuzil nos campos de batalha. Agora os calos que possuía nas mãos eram de carregar malas. Os ombros doíam com tanto peso, tinha que andar a pé.

Em devaneios, Mamydauh dizia que sua sorte foi de ter encontrado um patrício libanês chamado Said, que já estava no Brasil há algum tempo, que o ajudou muito. Said era mascate e juntos chegavam às vilas, sítios e fazendas. Este companheirismo ajudava-os a adaptar-se e enfrentarem as dificuldades.

Em seus apontamentos, Nunes (2002, p. 86) descreve como se processava esta junção de etnias, em torno da colônia árabe. Quando um patrício encontrava com outro, gostavam de estarem juntos. Trocavam informações sobre os melhores lugares para mascatear. “[...] Esse companheirismo étnico, resultante deste arranjo social e econômico, tendia a suavizar os problemas de adaptação que os imigrantes árabes enfrentavam na nova pátria”.

Mamydauh e Said retornavam à Rua 25 de março para repor as mercadorias e fazer o acerto de contas. O sírio Mamydauh começou a juntar dinheiro. Quando se tornou independente, não pegou mais as mercadorias daquele fornecedor. Comprava onde quisesse não tendo mais que dar satisfações a Salim. Foi então que o mascate sírio começou a distanciar-se de São Paulo.

Os mascates sírios e libaneses de Rondonópolis fizeram a trajetória através de São Paulo e Goiânia. Nunes (2000, p. 94) “aponta que entre 1890 e 1970 foram registradas, em todo o Estado de Goiás, 1.902 empresas de comerciantes árabes”.

Os comerciantes não poderiam expandir-se sem a ajuda dos mascates que trabalhavam arduamente de sol a sol, enfrentando as mais diversas dificuldades. Passavam fome, e o mais difícil era entender e se fazer entender. A língua era um entrave para a realização dos negócios, mas nunca chegou a ser um impedimento para tal.

Mamydauh chegou a Goiânia em 1956, indo até a Rua 24 de Outubro, onde se encontravam os comerciantes árabes. Ali encontraram patrícios, dos quais compravam mercadorias para mascatear no interior de Goiás, batendo de porta em porta, nos sítios e

fazendas. Aos poucos começou a ter os seus fregueses, que esperavam o mascate que chegava sempre no final do mês. Mamydauh dizia que podia vender fiado para aquele povo, pois o pagamento era certo.

Ao relembrar estas passagens, Mamydauh ria, dizendo que os costumes do povo brasileiro eram muito diferentes. Logo que chegaram, eles não tinham coragem de entrar na casa se o homem não estivesse. Quando batiam palmas, perguntavam pelo homem, mas como este nunca estava em casa, eles iam embora. Só algum tempo depois ficaram sabendo que podiam oferecer mercadorias para as mulheres.

Mamydauh não planejou vir para Mato Grosso, mas as andanças, mascateando, levaram-no cada vez mais longe. Em cada viagem ele adentrava mais no sertão matogrossense. Said conhecia mais e dizia que Mato Grosso era bom de negócio, porque havia muitos mascates, tinha muitos garimpos e corruptela.

Os sírios e libaneses tinham medo de mascatear pelo interior de Mato Grosso, devido às notícias que tinham de onça e índios, que infundiam grande terror nos homens que se aventuravam por estas terras. De Goiás, o mascate chegou a Barra do Garças, Alto Garças e Guiratinga. Nesta última já em 1960. Fazia este trajeto mensalmente, voltando para buscar mercadorias na Rua 24 de Outubro, em Goiânia.

De uma cidade para outra, o meio de transporte era o ônibus. Mas no interior, nas corruptelas e garimpos, andavam a pé, carregavam as malas em cada uma das mãos. Dormiam em pensão de beira de estrada, em hospedaria para viajantes, isto quando tinham dinheiro para pagar. Nos garimpos dormiam por ali mesmo, nas barracas dos garimpeiros.

Quando chegavam a alguma fazenda, o dono sempre convidava a pernoitar por ali. Fizeram muitos amigos, que os tratavam de “brimo” ou de “turco” ou o mascate que trazia muitas novidades.

Ao descrever o cotidiano dos mascates em São Paulo, Truzzi (1997, p. 47) ressalta as diversas situações de dificuldades que enfrentavam.

[...] Houve mascates que empreendiam viagens com caixas nos ombros pesando de oitenta a cem quilos, esgotando o estoque entre ambas as capitais ida e volta e vice-versa. Na medida do crescimento do negócio e do poder de gastar, alugavam carregadores e mais tarde adquiriam burros de cargas.

Nunes (2000, p. 87) relata a mesma situação dos mascates quanto ao transporte de mercadorias. Os mascates que ela descreve são sírios e libaneses no interior de Goiás. Eles seguiram a mesma trajetória dos sírios e libaneses que chegaram ao interior de Mato Grosso na década de 50. “Os mascates árabes usavam todos os meios de transporte disponíveis:

andavam a pé, a cavalo, de carro de bois ou de trem. Trabalhavam arduamente e voltavam para casa somente para se reabastecerem de mercadorias”.

Na cidade de Mineiros, Mamydauh arrumou uma mulher e teve com ela quatro filhos. Montou uma lojinha de tecidos e aviamentos que deixou para a mulher dele cuidar. Como precisava mascatear, Mamydauh estava sempre viajando. Chegou à cidade de Rondonópolis em 1962. Mascateando, fazia o trajeto Rondonópolis, Guiratinga, Barra do Garças e Goiás.

Em 1964, Mamydauh estava em Guiratinga, onde conheceu dona Ana dos Anjos²² que se tornou sua mulher. Ana tinha 22 anos quando conheceu Mamydauh. Houve um encantamento recíproco. Na entrevistada dona Ana rompeu o silêncio de mais de duas décadas, desde a morte de seu marido, relatando a rotina do mascate Mamydauh.

Conheci o sírio em 1964, uma semana depois eu fugi com ele, foi amor a primeira vista. Ele era mascate, estavam hospedados na pensão do Goiás, em Guiratinga, Mamydauh, Said e Raja Muhd, só andavam os três. Carregavam malas e sacos cheios de mercadorias que compravam em Goiânia, era tecidos, perfumes, lenços, cintos, era uma variedade de produtos que ofereciam de porta em porta. Segui com eles até Rondonópolis, onde alugamos um quarto na pensão da dona Matilde de frente a Praça dos Carreiros e me deixou ali. Passava muitos dias fora, retornava, ficava um dia, dois, depois dizia que ia para Goiânia buscar mercadorias. Quando os lugares que Mamydauh ia mascatear eram muito longe, então ele viajava de jardineira, mas a maioria do tempo era a pé. Nunca fiquei sabendo que ele carregava as malas em mula. Era assim, duas malas, uma de cada lado, e mais, andava sempre bem vestido, de chapéu, e para fazer propaganda jogava no ombro um corte de tecido. Ele ia para os garimpos de Poxoréo, andava pelo Birro, Itiquira Aihuma, Nova Galiléia, São José do Povo. Depois de 1966, então montou uma lojinha de tecidos e me deixou tomando conta, e sumiu no mundo. Não era fácil a nossa vida, passava muitas necessidades, dizia que tinha que economizar. Mas também gastava com as mulheradas, arrumava uma em cada lugar que passava. Muitas vezes preparei pão, queijo e banana para o Mamydauh levar para comer, e assim que passava os dias e os meses e até anos.

Os mascates chegavam sempre sozinhos, mas tinham muitos relacionamentos afetivos. Mascate por via de regra nunca se envolvia em política. Seu interesse resumia-se no seu comércio que, para fazê-lo livremente, precisava estar bem com todos. Dificilmente se aponta um mercador andejo envolvido em questões políticas.

Mas como contou dona Ana, o seu marido Mamydauh ficava muito tempo fora de casa, ela diz não ter sido ela a primeira mulher do mascate. Depois que nasceram os seus seis filhos ele arrumou outra mulher, pelos lados do Itiquira, quando mascateava por lá. Mesmo tendo várias mulheres ele sempre retornava, era muito apegado à sua família.

²² Dona Ana dos Anjos nasceu em Guiratinga em 1945. Hoje mora em Rondonópolis com seus 6 filhos que teve com Mamydauh. Mulher de coragem e de fibra guarda com carinho todas as lembranças do marido, diz que mesmo tendo passado tantas dificuldades, nunca deixou de amar aquele homem. Entrevista concedida em 2005.

Dona Ana não consegue esconder a tristeza no seu olhar ao falar do marido, entre frases ela repete: *“meu marido foi ausente, pai ausente, mas nunca esqueceu dos filhos, que o amava muito, dias antes da sua morte, foi para a nossa casa que ele retornou, morreu nos braços dos filhos”*.

O velho sírio Mamydauh já não existe mais, mas os detalhes de sua jornada como mascate, foram registrados nas lembranças de dona Ana. Seu olhar fica perdido no horizonte ao falar dele. Interromper estes momentos é difícil, mas é preciso fazê-lo.

Cada palavra tem uma direção certa e até se assusta quando é indagada sobre os preços das mercadorias, se eram caras, e o que dava para lucrar. Então em defesa, ela responde com rapidez, constrói sua narrativa quase de um só fôlego.

Não, não tinha essa exploração, ele só ganhava aquilo que tinha que ganhar, vendia toda a mercadoria e durante a semana ele ia para a cidade comprar mais mercadorias dos comerciantes patrícios, Meu marido, ao contrário, do que falam, que “turco” é mão fechada, ele não era assim. Sempre que voltava para casa trazia brinquedos para os filhos, tudo era muita fartura quando ele chegava. Não enriqueceu como os outros patrícios, morreu pobre e endividado.



Figura 06: Fotografia tirada em 1968 em monóculo e reproduzida. Este era o comércio de Mamydauh em uma corruptela chamada de Birro, se vendia de tudo: camisa, sutiã, pinga....O senhor de camisa vermelha era um garimpeiro de Itiquira e o outro era Mamydauh.

Fonte: Acervo da autora.

O tempo passou, o comércio se modificou, os mascates perderam seu significado, sendo substituídos pelos vendedores ambulantes. A Casa de Armazinhos já não existe mais com sua complexidade, hoje cada lugar exerce o seu papel no contexto econômico e social da história.

A lamparina já não faz parte do cenário do comércio, o rádio de pilhas não compõe as prateleiras e muito menos os sutiãs de enchimento “bicudos” que deram lugar aos modelos mais sofisticados. Ao lado dos tecidos já não se encontram mais as garrafas de pinga e o brinde com cachaça já não se faz mais nos copos, mas nas taças. O garimpeiro que perdeu seu lugar para as máquinas das dragas já não brinda do lado de dentro do balcão de madeira avermelhada, junto ao “turco” de chapéu, aliás, qual “turco” usaria um chapéu assim?

Jamais se poderá codificar imagem como esta, é necessário mergulhar naquele momento histórico, rico de detalhes e situações, por isto este momento jamais sobreviverá sem os dados que o identificam e Kossoy (2001, p.156) aponta para a dimensão do olhar para aqueles que já não existem mais:

[...] os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem[...], os assuntos registrados nesta imagem atravessaram os tempos e são hoje vistos por olhos estranhos em lugares desconhecidos[...].

O Brasil tornou-se solo fértil para os caixeiros-viajantes. Goiás e Mato Grosso tornaram-se caminho para os mascates por causa dos garimpos, entre as décadas de 40 a 60, nos garimpos de Barra do Garças, Alto Garças, Guiratinga, Itiquira e Poxoréo. Nestas regiões de garimpo estava a perspectiva do mascate em ganhar dinheiro, pagar suas dívidas e possuir mais capital de giro para comprar mais mercadorias.

Assim vai se diferenciando o mascate no leste de Mato Grosso. Por aqui não se tem notícias do mascate carregando malas em lombo de mulas. Utilizavam os meios de transporte como a jardineira para deslocar-se de uma cidade a outra, mas ao chegarem aos lugares que iam mascatear, as malas eram levadas nas mãos.

Ao perguntar para o senhor Said, porque em Goiás os mascates carregavam suas malas em mulas e por aqui não era assim, ele responde com um provérbio árabe: “*Melhor fazer barba com machado do que com aparelho emprestado*”. Ele dizia não possuir muito jeito para lidar com o animal.

A riqueza econômica tornou-se um dos meios mais importantes para a construção do espaço étnico de sírios e libaneses, a atividade de mascateação tornou-se possível para o

reconhecimento destes espaços. Certeau (1996, p.47), afirma que “sair à rua significa correr o risco de ser reconhecido, e, portanto, apontado com o dedo”.

A imagem do “turco” como mascate foi sempre apontada pelos moradores das vilas e corruptela. O apelido de “brimo”, que é uma pronúncia de árabe para árabe, tornou-se o apelido dos mascates no interior de Mato Grosso. Lesser (2001, p. 98) descreve o papel deste mascate pelo Brasil afora:

A imagem do “turco” tem profundas raízes na cultura popular brasileira, em grande parte por causa dos mascates, protótipos da integração econômica dos árabes no Brasil [...]. De Minas Gerais a Goiás, as palavras “mascates” e “turco” eram sinônimas.

Seguindo rumos e direções diferentes aportam os mascates sírios e libaneses em Rondonópolis, onde se encontram com outros árabes que já haviam se estabelecido com suas casas de comércio. A rota percorrida pelos mascates se estende por muitas corruptelas circunvizinhas à cidade, entre elas: Itiquira, Birro, São José do Povo, Nova Galiléia, e os garimpos de Poxoréo.

Um sitiante de Nova Galiléia, a 50 km de Rondonópolis, o senhor José Sampaio faz uma descrição detalhada dos mascates árabes naquela região por volta de 1967.

Aqui não existia comércio, só duas vendas de pinga, arroz, feijão e farinha, então chegou aqui um “turco” que era mascate, trouxe de tudo, o que eu estranhava era que ele chegava a pé, o peso das malas era muito grande. A primeira vez que ele chegou foi estranho, nós da corruptela ficava um pouco receosos com estes estrangeiros, principalmente árabe que tem fama de possuir muitas mulheres. Esse “turco” batia de porta em porta oferecendo tecidos, perfume, pó de arroz, de um tudo para as mulheres. As camisas eram de tecido bom, cinto, canivetes, lenço de bolso.²³

O depoimento do senhor José Sampaio ilustra a chegada do mascate sírio e libanês nas corruptelas. O depoente descreve o comportamento do mascate.

Eu nunca esqueço os trajes daquele mascate, andava sempre bem alinhado, magro, alto, careca, de chapéu de feltro, parecia nunca estar cansado. O povo de Nova Galiléia gostava dele, era muito educado, chamava todo mundo de senhor de senhora, a linguagem era difícil de compreender, mas com o tempo nós acostumamos. Ele voltava sempre, cada vez que vinha trazia novidades, e começou a vender fiado para o povo daqui, fez muita freguesia, a minha mulher só comprava dele. Você sabe que a chegada do Mascate mudou a vida do povo daqui? Era uma festa, tinha sempre um baile, porque ai todo mundo tinha roupa nova. Com o tempo ele não ia mais às casas, ficava na frente de uma e a notícia corria e o povo também. O “turco” era o seu nome, ninguém nunca perguntou qual era seu verdadeiro nome.²⁴

²³ José Sampaio, ex-sitiante na localidade de Nova Galiléia. Entrevista concedida 26 julho de 2004.

²⁴ Entrevista com o senhor José Sampaio, 28 de julho de 2004.

Mascate nunca escolheu freguês, embora se entregue a outros afazeres no decorrer da semana, aproveitavam os domingos para uma fêria extra na vendagem ambulante, pois neste dia o mascate “turco” encontrava em casa o marido, ou seja, a família toda, segundo o mascate Mamydauh o domingo era um bom dia para receber o “fiado” e aproveitavam para vender mais.

Ao indagar o senhor José, já bem velho, sobre aquele mascate que ia vender em Nova Galiléia, como era feita a medição dos cortes e sobre os preços das mercadorias, se era mais cara em relação à cidade grande, ele diz a frase conhecida:

O “turco” tem tino para os negócios, sabe conversar e convencer, mesmo sem precisar da mercadoria, a gente comprava, naquele instante parecia que não era muito cara, e os cortes eram medidos no cotovelo em direção ao dedo mindinho, só que era só para confirmar, pois já vinha tudo cortado. As calças eram medidas no pescoço, era em cima, não tinha erro. O preço eu não sei se era mais caro, a gente já tava economizando a passagem na jardineira do seu Lopes, então era elas por elas.²⁵

As informações fornecidas por estes antigos moradores do interior, possibilitam a reconstrução da figura do mascate no interior das pequenas corruptelas que se formaram em torno da cidade de Rondonópolis, Guiratinga e Poxoréo e a importância que tiveram para o comércio dos povoados e fazendas isoladas.

No interior das cidades, nos sítios, corrutela e garimpos estava a figura de um homem cheio de valores, tradições, cultura, de devoção à sua religião, a Alá. Para muitos sírios e libaneses o sucesso econômico era parte dos desígnios de Deus, como alguém abençoado, não como um preceito religioso, mas por uma condição social, a de vencer em pouco tempo, e não se contentar com pouco.

A riqueza conquistada deveria ser muita, para retornar a sua pátria e oferecer conforto à família, promessa feita quando deixaram sua terra. Promessa que não foi concretizada por muitos deles e em especial àqueles que nunca deixaram de ser mascates, como sucedeu com o sírio Mamydauh.

O sucesso dos empreendimentos dos pioneiros árabes em Goiânia atraiu novos patrícios, engrossando a corrente migratória para Rondonópolis. Entre estes estava o libanês José Salmen Hanze que chegou ao Leste de Mato Grosso em 1948. Em 1952, José Salmen trouxe seu irmão Melhem. Em 1953 trouxe os sobrinhos José Youssef Merhi e Naim Charafedine.²⁶

²⁵ Entrevista com o senhor José Sampaio em 04 de agosto de 2004.

²⁶ Esses libaneses, diferentemente de Mamydauh Allmulhem, não se destacaram como mascates. No entanto, tornaram-se comerciantes bem sucedidos no município de Rondonópolis. Suas trajetórias como comerciantes serão mais detalhadamente trabalhadas no capítulo III: “Memória dos comerciantes árabes em Rondonópolis”.

José Salmen Hanze chegou ao Porto de Santos em 1926 e, em Mato Grosso, na década de 40. Comercializava sal e querosene que transportava em um caminhão Ford. Os fazendeiros da localidade de Itiquira eram os maiores consumidores das mercadorias transportadas por esse mascate.



Figura 07: Avenida Marechal Rondon década de 50. Caminhão Ford de José Salmen.
Fonte: Acervo José Youssef.

Salmen Hanze veio para o Brasil por engano, pois sua passagem era para a Argentina. Depois de quarenta dias no mar, quando o navio chegou a Santos ele pensou que estivesse na Argentina. Só alguns dias depois, descobriu que estava no Brasil.

Ficou desesperado, sem ter para onde ir. Com o dinheiro que possuía foi para uma pensão à beira do cais. Dias depois conseguiu trabalho no Porto, carregando e descarregando mercadorias, para sobreviver.

De Santos viajou para São Paulo, onde trabalhou como servente de uma construção para outra, dormindo na obra e comendo banana. Estava sem dinheiro e não sabendo falar português, apenas acenava com as mãos. Começou então a mascatear nas casas e fazendas. O dinheiro que recebia não dava para pagar um hotel ou pensão. Não encontrava nenhum patrício que pudesse ajudá-lo.

Nesta época, seu serviço era de carregar baldes de concreto e tijolos nas costas. Não tinha folga para nada. Começou a ficar preocupado com a situação em que se encontrava. Estava em desespero, quando lembrou do endereço de um patrício aqui no Brasil, que havia

trazido do Líbano e que estava junto aos seus papéis. Mesmo não sabendo ler em português, pegou o papel com muito cuidado e saiu à procura daquele endereço.

Foi correndo para o ponto de ônibus, mostrando o endereço para uns e outros até que encontrou o ônibus que ia para a cidade citada no endereço. Chegou à cidade de Monterial,²⁷ onde foi para a casa de seu primo Naif Hanze, que era perto da estação de trens.

Começou a trabalhar carregando mercadorias nas costas, da estação até o estabelecimento comercial do seu primo. Ficou trabalhando por algum tempo, mas teve aborrecimentos e desgostou-se, resolvendo retornar para São Paulo.

Foi nesta ocasião que conheceu um outro patrício chamado Amim, que lhe propôs trabalhar com um caminhão, dividindo o lucro líquido. Gostou da idéia e passou a trabalhar de motorista em Três Lagoas no sul de Mato Grosso, isto em 1932. Daí viajou para Campo Grande, onde conheceu um comerciante muito forte, o senhor Mamed Abu Ruslen, que o ajudou muito.

José Salmen chegou com seu caminhão em Rondonópolis, em 1936, enfrentando uma estrada nova e estreita, onde passava só um carro, com trechos de muita areia e outros com muito barro. O caminhão de José Salmen atolava sempre, aí era uma trabalhadeira danada. Os passageiros do caminhão também ajudavam o motorista quando o caminhão atolava. Descarregavam as mercadorias do caminhão para, depois de atravessar o barro, recolocar tudo.

José Salmen Hanze trafegava com seu caminhão por Mato Grosso, passando em Rio Verde, Coxim, Itiquira, Guiratinga, Poxoréo. Comprava mercadorias em Campo Grande, nas casas comerciais dos seus patrícios, na Rua Quatorze. Hanze vendia sal, açúcar, querosene, fumo e macarrão. Estes produtos eram muito procurados, além de outras mercadorias encomendadas por seus fregueses.

Com o tempo, mudou de trabalho, vendendo o seu caminhão. Começou vida nova, trazendo sal de Corumbá, por meio de barcos. Em 1942 Hanze mudou para o Itiquira, onde comprava bois e diamantes que mandava para São Paulo. Em 1945 faltou sal em Mato Grosso, em consequência da Segunda Guerra mundial. Hanze começou a comprar sal em Campo Grande, mandava para Corumbá e de lá mandava de barco pelo Rio Correntes até Itiquira, onde tinha armazém de sal e tecidos.

²⁷ Procurou-se no mapa e não foi possível localizar Monterial. Essa palavra utilizada pelo depoente para designar a cidade em que residia um parente em São Paulo, provavelmente, trata-se de uma pronúncia árabe.

O sal era para vender aos fazendeiros criadores de gado na região. Com o lucro, José Salmen comprava bois. Em 1950, Itiquira só tinha duzentos habitantes, quase todos os garimpeiros.

A atividade destes imigrantes mascates diversificou-se bastante. Embora fizessem a mesma trajetória, a diferença mais significativa entre esses dois personagens, Mamydauh e José Salmen é a forma como mascateavam. Mamydauh vendia tecido e armarinhos, indo aos sítios e corruptelas. Seus fregueses eram trabalhadores do campo. José Salmen vendia sal e querosene e os seus fregueses eram os fazendeiros da localidade de Itiquira.

Um outro mascate que deve ser levado em consideração, já citado como um patrício que acompanhou Mamydauh, foi Said. Nascido no Líbano chegou ao Brasil em 1940, em busca de vida melhor, querendo fazer fortuna e voltar. Carregava suas mercadorias em malas, sempre a pé.

Fez a mesma rota, do mascate Mamydauh. Vendia lenços, perfumes, pó de arroz, canivetes, espelhos, camisas e calças, nos garimpos. Viveu em Rondonópolis entre a década de 60 a 70, mas, segundo ele, não gostou do lugar. Os patrícios José Salmen e seus sobrinhos “ocupavam” todos os lugares não dando espaço para ele vender suas mercadorias.

José Salmen era dono de uma loja, o Empório Nasser. Ele não gostava que os mascates fossem comprar mercadorias em Goiânia. Queria que comprassem dele, com isto eles se tornavam dependentes de José Salmen. Said não gostava dessa dependência, percebeu que ali não dava para continuar, porque o monopólio dos negócios se fechava em Rondonópolis. Então decidiu voltar para Goiânia e, com o dinheiro que juntou, montou uma loja de sombrinhas. Guarda muitas recordações do tempo em que viveu em Mato Grosso.

Um outro mascate a ser lembrado na região de Rondonópolis em 1960 foi o libanês Raja Muhl, que era conhecido de Mamydauh e Said. Os três sempre estavam mascateando juntos, um sírio e dois libaneses. Segundo Raja, o que importava naqueles momentos era falarem a mesma língua e serem muçulmanos.

Raja não costuma falar sobre o assunto, no entanto, relatou em entrevista que os Hanze tomaram conta do comércio em Rondonópolis. Por isso mascatear por estes lados já não propiciava lucros. Em 1975 foi embora para Tangará da Serra MT, onde abriu uma lojinha de tecidos e armarinhos. Hoje é um comerciante lojista. Lembra dos seus patrícios com muita saudade. Quando fala deles seus olhos se enchem de lágrimas, especialmente quando fala das dificuldades que enfrentaram.

Andavam a pé com as malas nas mãos, mas Raja forneceu um dado importante. Diz que o mascate Mamydauh, em 1974, comprou uma bicicleta, e com ela ia mascatear. Então

eles não puderam mais acompanhá-lo. A partir da utilização da bicicleta como meio de transporte, os três mascates, Mamydauh, Said e Raja se separaram, seguindo cada um o seu caminho.

Na verdade, ao longo dos anos 60 e 70, os libaneses consolidaram e ampliaram seus negócios em Rondonópolis, monopolizando praticamente o comércio atacadista e varejista de tecidos e armarinhos. Não há registro de outro sírio mascate na região, somente Mamydauh, e este nunca fixou moradia na cidade. Estava sempre mudando de lugar, preferindo as corruptelas vizinhas, onde os libaneses não estavam presentes.

É verdade que falências existiram, negócios mal feitos, mas, de modo geral a atuação dos imigrantes sírios e libaneses em Rondonópolis foi bem sucedida. Suas atividades comerciais eram diversificadas. De mascates, alguns deles tornaram-se comerciantes, fazendeiros, adquiriram terras para especulação imobiliária, hotelaria, postos de gasolina e um deles, tornou-se político na cidade de Rondonópolis, o senhor Mohamed Zaher. Vereador por vários mandatos consecutivos é hoje o presidente da Câmara Municipal, empresário na área da educação, dono de Faculdade.

O senhor Mohamed chegou à cidade de Rondonópolis ainda muito moço, onde já se encontrava seu irmão que possuía uma revendedora de automóveis. Os negócios prosperaram e a família Zaher mudou-se de Campo Grande, vindo morar em Rondonópolis.

Mohamed fez o curso de Direito em Campo Grande-MS, casou-se com uma brasileira e em Rondonópolis constitui sua família. Ele faz questão de preservar suas tradições, é muçulmano, mas ele mesmo diz: *“Eu sou muçulmano, mas não sou fanático religioso”*.

Em uma destas conversas Mohamed, homem sisudo, aponta a família e os negócios como dois elos que se interligam, pois é preciso trabalhar todos juntos, para que haja progresso. Ele conta que:

Quando quis vir para o Brasil, queria uma vida diferente, longe das guerras, dos conflitos, meus irmãos já estavam no Brasil, as notícias eram boas. Então ao contrário dos irmãos que vieram de navio, eu vim de avião, meu pai me deu dinheiro e comprei a passagem. Cheguei a São Paulo em 1970, fui morar na casa de uns patrícios. Então fui para Campo Grande estudar na Faculdade, tornei-me advogado. Vim para a cidade Rondonópolis em 1980, meu irmão Bidu já estava aqui, vim trabalhar com ele. Gostei da política candidatei a vereador e estou até hoje. Gosto de ser político, e de fazer parte do povo brasileiro. Mas sempre que posso faço festas árabes, pois gosto de mostrar para esse povo brasileiro o quanto a cultura árabe é rica. O casamento da minha filha foi assim: primeiro o casamento no católico por causa do noivo e depois em muçulmano, como manda os nossos rituais, e assim segue a minha família, respeito à tradição do povo daqui, e como meus filhos nasceram aqui, eles podem casar com brasileiro católico. Sempre nas férias vou ao Líbano visitar a família e os parentes, filhos e netos têm que aprender nossos costumes, para que não se perca as tradições.

O exemplo do depoente libanês que nunca foi mascate e tornou-se empresário bem sucedido. Enquanto ele lutou para manter suas tradições, muitos outros lutaram para sobreviver nas estradas e nos garimpos de Mato Grosso. Manter os costumes e tradições para tantos outros “turcos” era sinal de que ainda se sentiam e eram imigrantes, só que tradições, só quando do encontro de vários deles. Lesser (2001, p. 29), observa um discurso deste “realit show” que travaram imigrantes e migrantes:

[...] apesar das estruturas criadas para manipular as hierarquias étnicas por meio do controle do discurso e das políticas, os imigrantes, muitas vezes, mantiveram-se firmes, criando espaços dialéticos onde ocorriam negociações sérias à respeito da identidade nacional”.

O depoimento de Mohamed Zaher se encerrou, pois em sua porta estavam vários homens e mulheres brasileiras à espera que ele os atendesse e resolvesse seus “problemas”. Na despedida fez questão de recitar trecho de um poema do libanês Khalil Gibran do livro *Curiosidades e Belezas*:

“Meu Líbano, emigrantes que se despedem do Líbano sem nada nos bolsos, carregando apenas energia nas veias e força nos braços, se adaptando ao ambiente aonde chegam e bem queridos em qualquer lugar que se radiquem”.

3.1 Os mascates “turcos” nos garimpos do leste de Mato Grosso

Onde está o mascate? Na cidade, no campo, nas vilas, nas corruptelas e nos garimpos. O percurso da volta está sempre entre Mato Grosso, Goiânia e São Paulo, em busca de repor mercadorias para novamente voltar às suas atividades de mascateação.

Nesta vertente dos percursos empreendidos pelos mascates no interior de Mato Grosso, Goulart (1967, p.122) assim descreve o mascate:

Os mascates foram incansáveis na sua labuta pelo interior mato-grossense, onde alguns se familiarizaram com tribos indígenas a ponto de passarem a conviver com o gentio. Seguíam os aventureiros que iam à procura de filões auríferos, internando-se com eles pelos confins do Oeste. Os rios Paraguai, São Lourenço, Itiquira, Cuiabá, Taquari, Miranda, Apá, Aquidauna, e outros serviram ao mercador andarilho em sua faina comercial e civilizadora.

Foi com o objetivo de ganhar muito dinheiro e retornar para sua pátria que os mascates sírios e libaneses se embrenharam pelo interior de Mato Grosso, indo em direção aos garimpos por serem eles conhecidos como monchões diamantíferos nas décadas de 50, 60 e 70²⁸. A rota dos mascates pelos garimpos de Mato Grosso passava por Alto Garças, Barra do Garças, Itiquira, Guiratinga, Poxoréo e Alto Coité.

Michael Baxter (1988) realizou sua pesquisa em Poxoréo, tendo como objeto os garimpos e os sujeitos de sua pesquisa foram os garimpeiros. Baxter direciona para uma análise de construção e desconstrução destes garimpos entre as décadas de 1924 a 1974 por isto a importância do trabalho do autor para esta pesquisa.

Baxter ressalta a importância dos “estrangeiros” no aspecto de ampliação da base econômica da cidade de Poxoréo neste período que ele denomina como “o auge nos garimpos”. “Os estrangeiros eram mais significativos do que sugeria seu número: em 1940, havia 34 estrangeiros e 06 brasileiros naturalizados em Poxoréo, 13 eram da Turquia ou Síria”.

Entretanto é necessário descrever na íntegra o que Baxter (1988, p.97) observa como um elo, ou como substancial para a solidificação e permanência do comércio que naquela pequena cidade começara a desenvolver-se.

Em particular, os sírios (ou turcos, como os sírios, turcos e libaneses eram comumente chamados) desempenhavam um papel distinto: comércio. Símbolo deste interesse comercial é o fato de que a primeira loja de Poxoréo era de propriedade de um sírio, José Querde. No princípio dos anos 30, duas quadras da principal rua comercial, atualmente Rua Bahia, eram ocupadas quase que exclusivamente por lojas pertencentes a sírios. Os sírios eram também importantes no comércio de diamantes: em 1931, 8 dos 17 compradores de diamantes registrados para fim de cobrança de impostos tinham nomes sírios. Essa parcela caiu para 5 dos 54 compradores registrados em 1939, um dado que pode refletir a tendência dos sírios de se mudar para locais onde há um surto de crescimento repentino.

²⁸ Nas décadas de 50, 60 e 70, os principais garimpos (Poxoréo, Guiratinga, Alto Garças e Itiquira) eram de diamante e não de ouro.

Estes dados ressaltados pelo autor são de relevância para entender e justificar que no início da década de 50 em Rondonópolis começou este surto de crescimento, com a abertura do comércio de sírios e libaneses, portanto começa neste fim da década de 40 e início de 50 o deslocamento populacional da cidade de Poxoréo para Rondonópolis.

Assim, não haveria sentido desvincular o mascate, que neste capítulo é o objeto de estudo e sujeito que vai dar sentido para o título em evidência, deste comércio ambulante que estará presente em 1949 em Alto Coité numa população estimada de sete e cinco mil pessoas, segundo dados do próprio Baxter (1988. p. 98).

As fontes icnográficas revelam-nos dois períodos relevantes deste comércio ambulante em que os mascates sírios e libaneses vão estar “misturados” ou fazendo parte deste contexto.



Figura 08: Fotografia tirada em 1940, em um momento de festividade entre garimpeiros, mascates e comerciantes árabes em Poxoréo.

Fonte: Acervo da Família Vilebaldo Gomes.

Segundo Kossoy (2003. p.116), “há de se recuperar pacientemente particularidades daquele momento histórico retratado, pois uma imagem não se basta em si mesma”.

Por assim dizer, ou olhar para o que o passado nos apresenta, certamente não restará nem uma dúvida do quanto os mascates foram importantes no comércio de Poxoréo, Alto Coite e posteriormente de Rondonópolis.

A senhora Valda Gomes de Jesus é filha de um dos mais velhos garimpeiros de Poxoréo, vindo da Bahia em 1930 e, anos mais tarde, tornou-se dono de dragas e um dos grandes compradores de diamantes da região. Valda Gomes de Jesus, nascida e criada na cidade de Poxoréo, relata um pouco sobre os mascates sírios e libaneses, quando em companhia de seu pai ela ia para a feira do Alto Coite que eram nas manhãs de sábado.

Conheci muitos mascates sírios e libaneses, gostava de ir com meu pai para o Alto Coite, porque lá na feira tinha muitas novidades, que não tinha nas lojas de Poxoréo, como era muito transitório este comércio, então as mercadorias que eles traziam nas malas era tudo novidade. Meu pai brigava comigo porque dizia que era preciso comprar nas lojas de Poxoréo, por causa dos impostos, mas as moças da minha época gostava mesmo era de ir para à feira. Tinha um “turco” que só aparecia de quinze em quinze dias, era dele que eu gostava de comprar, pois ele trazia tecidos diferentes e perfumes de cheiro maravilhoso, como meu pai possuía dinheiro eu podia colecionar os perfumes, o pó de arroz e batom era de melhor qualidade. Então eu podia dizer para as colegas que os tecidos novos e os perfumes que eu usava vinham de São Paulo e Goiânia, pois o seu “turco” falava que trazia de lá, por isto ele não podia vir todos os sábados.

Este depoimento de Valda contribuiu para reconstituir o contexto histórico, geográfico e social da atividade de mascateação. Este comércio provocou mudanças nos vilarejos, não só para as pessoas de baixa renda, mas também para aqueles que possuíam bens como a filha do senhor Vilebaldo Gomes de Jesus, apelidado de “senhor Badinho”.

Vilebaldo faleceu em 1993, vítima de um assalto. O crime, segundo sua filha, aconteceu porque seu pai era um rico comprador de diamantes.

Barrozo (1997, p. 115) faz uma observação importante deste constituir dos lugares, a partir deste sujeito que não ocupa espaço, mas que o transforma de acordo com as relações comerciais que se travam:

“Os garimpos atraíam, além dos garimpeiros, todos aqueles que corriam atrás do dinheiro: mascates ambulantes, tropeiros, jogadores, meretrizes, comerciantes, artífices, pregadores religiosos, matadores de aluguel, malandros”.

Assim como os imigrantes, havia os retirantes, os migrantes, todos eles em busca de trabalho para ter uma vida melhor. As necessidades dos trabalhadores nos garimpos eram muitas. Nas corruptelas do diamante havia compradores para suas mercadorias. Andando a pé, carregavam as malas de couro em cada uma das mãos. Outros carregavam nas costas. Os mascates tornaram-se um elo entre os garimpos e a cidade. Com suas malas abarrotadas de novidades, com ofertas tentadoras, vendiam fiado para receber na próxima viagem e não cobravam juros.

Em um dos seus depoimentos, o senhor Raja descreve como era a chegada dele nos garimpos. Segundo o depoente, o garimpo em que ele mais ia vender era no Itiquira.

Cheguei ao garimpo do Itiquira em 1967, na barranca do rio Itiquira, constituiu um pequeno vilarejo de garimpeiros, ali tinham de tudo homens, mulheres, mulheres honestas outras não. Para falar a verdade eram mulheres de “vida fácil” que estavam ali para conseguir dinheiro dos garimpeiros. Então eu cheguei à primeira vez, estranhei muito aquele jeito das mulheres, depois acostumei. Foi assim levei na mala: perfume, tecido, lenço, camisa, calça, canivete, binga, pente, pó de arroz, cinto. Vendia tudo, era um barulho danado na hora de escolher eles pechinchavam muito e a gente acabava negociando. Passei a vender fiado só a partir da terceira vez que fui porque aí eu via que os garimpeiros e as mulheres permaneciam lá. Quando conquistei mesmo a freguesia elas já até encomendavam o que elas queriam que eu levasse da próxima vez.²⁹

Os mascates, para chegar a Poxoréo, passavam por Rondonópolis, fazendo este percurso entre uma cidade e outra. Em Rondonópolis eles reabasteciam suas malas no Empório Nasser que era de comerciantes árabes e seguiam viagem para o Alto Coité.

Neste encruzilhar de caminhos para encontrar homens e mulheres que tivessem presenciado os momentos, ouvido e participado das feiras no Alto Coite, encontrei o senhor Antonio da Costa, conhecido como “seu Antonzinho”, carroceiro. Todo o sábado saía de Poxoréo em direção ao Alto Coité, para levar fretes e na volta nunca deixava de comprar dos mascates árabes algo para as filhas que eram seis mulheres.

Ao repassar estas lembranças, seu Antonzinho dá uma tragada no seu cigarro de palha, de cheiro forte, fica a observar a fumaça que sai a rodopiar pelo ar, com sua simplicidade e começa o seu relato.

Bons tempos aquele, em que tudo era melhor, a vida era melhor, mais prazerosa, todo mundo era amigo, se falavam, cumprimentavam e tinham confiança uns nos outros. Eu me lembro bem do povo estrangeiro que chegou aqui no Poxoréo, era uma “turcaçada” danada, de língua tudo enrolada. Eu quase que não compreendia o que eles falavam, mas era tudo gente boa, nós confiava neles e eles em nós. Cansei de fazer troca; levava os fretes para eles na feira do Coité, e eles me pagavam com mercadorias, pois minhas meninas eram mocinhas e era um luxo que dava dó. Só que era assim, não muitas mercadorias, porque também eu não cobrava muito caro, então um mascate chamado Raja trazia perfume e batom, pó de arroz, e era isto com isto que ele me pagava os fretes das malas que eu levava na carroça para ele no Coite. Olha menina, este povo do estrangeiro fez fortuna aqui, essas primeiras lojas foi tudo deles. Parece que do jeito que vendiam na feira passaram a vender nas lojas. Pois na mala tinha de um tudo, e na loja também.

Como o seu Antonzinho, há muitos moradores antigos de Poxoréo que faziam a mesma coisa. São muitos relatos, histórias de vida, lembranças de um tempo em que o garimpo deu sustentação e riqueza para muitos, miséria para outros, prostituição, mudanças e morte, pois na busca do diamante estavam também os perigos.

A mobilidade espacial, segundo Baxter (1998. p. 157), é um aspecto preponderante dos garimpeiros e dos que fazem parte da atividade do comércio, assim o autor descreve:

²⁹ Esta entrevista foi concedida pelo senhor Raja em novembro de 2004.

”Uma imagem popular da garimpagem é uma alegada mobilidade, quase um nomadismo, produzida pelo movimento dos garimpeiros em busca de seus El Dorados”.

Os mascates árabes também seguiram a rota destes garimpeiros. Na figura de nº. 04 pode-se observar as regiões circunvizinhas a Rondonópolis, que servirão de rota para os mascates chegarem aos garimpos do leste de Mato Grosso.

A Rua Bahia em Poxoréo era a zona de prostituição, conhecida também como “quebra copo”. Nesta rua a presença dos mascates sírios e libaneses se fazia constante, porque a venda era certa e o lucro também. Havia muitos garimpeiros que no sábado e domingo vinham para a Rua Bahia. Para agradar as mulheres com as quais mantinham seus “casos”, gastavam o dinheiro ganho com a venda dos diamantes, comprando mercadorias dos mascates.

Garimpo, garimpeiros, homens e mulheres, comércio, bugigangas e mascates, sírios e libaneses, este era o cotidiano de uma categoria de trabalhadores que estavam sempre em busca de melhores condições de vida, cada um a sua maneira e com os mesmos objetivos: juntar dinheiro, mesmo que para isto fosse necessário passar privações ou sujeitar-se às condições precárias e humilhantes que se estabeleciam nos garimpos, onde a prostituição marcou a vida de muitas mulheres.

Nesta mistura de condições sociais Barrozo (1997, p. 02) aponta para a divisão social do trabalho que se estabelecia nos garimpos do leste de Mato Grosso.

No início do garimpo, predominavam os homens, porque os garimpos ficavam em lugares distantes, inóspitos, insalubres e perigosos. Além disso, de acordo com a divisão sexual do trabalho vigente nas áreas de mineração, a garimpagem era serviço para os homens. E, na opinião dos garimpeiros, o lugar das poucas mulheres que havia no garimpo, era em casa ou no cabaré.

Na década de 50 a 60, Rondonópolis já se caracteriza pela formação urbana e neste contexto o cenário urbano se compõe pela ecleticidade de valores morais, com a chegada das prostitutas vindas dos garimpos de Poxoréo e Guiratinga devido à decadência dos garimpos e conseqüentemente a diminuição do dinheiro.

Em Rondonópolis a primeira casa de prostituição pertenceu à dona Iolanda³⁰, o “Bar Flor de Liz”, situado na Rua Rosa Bororo. Esta casa se manteve aberta por muito tempo

³⁰ Dona Iolanda, mineira, chegou à Mato Grosso em 1946 e em Rondonópolis em 1950, proprietária do Bar Flor de Liz, situado a Rua Rosa Bororo. Na ocasião desta entrevista ela tinha 79 anos, aposentada, vivia na casa que restou do Flor de Liz. Esta entrevista foi concedida em outubro de 2003 e janeiro de 2004. Ela faleceu em

graças ao dinheiro dos garimpeiros. Os fregueses, freqüentadores da casa, eram em sua maioria homens dos garimpos.



Figura 09: Este é o antigo Bar Flor de Liz, que anos mais tarde recebeu o nome de Bar Flor da Noite: Proprietária dona Iolanda, situado na Rua Rosa Bororo.
Fonte: Acervo da autora, 1998.

Em uma visita à dona Iolanda, já de idade avançada, cujas lembranças se fazem presentes nas conversas de porta de “boteco”, em volta de uma velha mesa de madeira dos tempos do “Bar Flor de Liz”, dona Iolanda se expressa com um misto de sorriso estampado no seu rosto enrugado.

Ouvi-la representa um longo percurso na história, carregado de emoções, que desde o momento da sua primeira fala ela não cansa de repetir todo o desdém que era atribuído as suas “meninas”, como esta senhora chamava as garotas trazidas de lugares distantes, que por motivos outros foram expulsas de casa, ou trocadas por dívidas adquiridas nos garimpos.

O sagrado se faz presente junto ao profano, é só observar a riqueza dos detalhes da fotografia do “Bar Flor da Noite”. Na porta de entrada dirigia-se homens e mulheres para seus momentos de “prazer”. A imagem de “Nossa Senhora Auxiliadora” está ali para “proteger”. Junto aos seus anjos, Maria Auxiliadora dá a bênção. Foi assim que dona Iolanda entendia e justificou aquela fotografia na parede:

fevereiro de 2004. Um agradecimento muito especial a esta senhora que me forneceu dados para compor esta narrativa.

Nunca quis manchar a imagem de Nossa Senhora, acredito que era preciso ter a presença de alguma coisa santa em minha casa, para proteger as minha meninas, afinal Madalena a arrependida não foi perdoada? E olha, nunca nem um garimpeiro de arma na cintura fizesse mal para as meninas, minha casa foi respeitada, se tinha briga era sempre lá fora.³¹

Relatar ou descrever o cotidiano de uma casa de prostituição apenas com as lembranças e os poucos objetos que restaram é uma tarefa um tanto difícil. Segundo Certeau (1996, p.47), “Um indivíduo que nasce ou se instala em um bairro é obrigado a levar em conta o seu meio social, inserir-se nele para poder viver aí”.

Para conviver com vizinhos, ter o seu bar funcionando, atendendo seus fregueses, vigiar suas “meninas” e ter um controle muito grande para que a polícia não a levasse presa, por atitudes de violência de homens ávidos por sexo, ou por se mostrarem machões com suas “guaiacas”³² cheias de dinheiro com a venda dos chibius.

Foi nesta conversa que dona Iolanda relatou o seu grande amor por um mascate árabe que ela conheceu em 1949 no garimpo de Alto Garças e que foi o grande incentivador da abertura de sua casa em Rondonópolis.

Durante o relato de fragmentos de memórias de dona Iolanda, é possível imaginar a Rua Rosa Bororo e o Bar Flor de Liz. As famílias que moravam ali transitavam durante o dia. À noite fechavam suas portas e impediam suas filhas de saírem com medo de encontrar as “meninas” de dona Iolanda.

Ao anoitecer, as “meninas” do Flor de Liz vestiam seus trajes vermelhos, rosa-choque, salto alto e piteira, instrumento de sedução. A música fazia parte do cenário, interrompida apenas quando a patrulha da polícia chegava.

Sentada à frente do que foi um dia o “Flor de Liz”, dona Iolanda relata com lucidez cada detalhe daquele tempo que ela diz que “foi bom”. Dona Iolanda viveu o auge dos garimpos, quando tinha muito dinheiro.

Mas anos mais tarde, o “Flor de Liz” deixou de existir para dar lugar ao “Bar Flor da Noite”. Quem sabe, com a mudança do nome, os fregueses voltariam. Em um dos velhos quartos de sua casa empoeirados e cheio de teias de aranha se encontra a velha luminária do “Flor de Liz”. Ela diz que foi o seu amor “turco” que mandou fazer.

³¹ Entrevista com dona Iolanda em 1998.

³² Guaiacas eram bolsas atreladas ao lombo do cavalo, onde o garimpeiro carregava suas traíás.



Figura 10: Antigo Bar Flor de Liz. De pé do lado esquerdo a entrevistadora, de vestido dona Iolanda.
Fonte: Acervo da autora, 1998.

Saí de casa muito cedo, sou mineira, fui aventurar pela vida, em busca de vida melhor. Cheguei ao garimpo de Alto Garças em 1946, fui ser cozinheira e mulher de garimpeiro, fazia de tudo até lavar o cascalho nas bateias. Em 1949 chegou lá um “turco” que era mascate, vendia de tudo, a gente comprava dele, pois vendia fiado. Até que eu percebi que aquele homem me dava muita a atenção, e eu também gostava de servir ele. Toda vez que ele chegava no garimpo levava um presente para mim, um pó de arroz, perfume, brinco, uma vez ele levou um corte de seda que era bonito por demais, nunca esqueço. Um dia ele falou para mim que a cidade de Rondonópolis tava começando e não tinha casa para servir os homens daquela região tinham que ficar lá em Poxoréo. O danado do árabe tinha tino para os negócios e me incentivou a ir embora e abrir uma casa, onde os homens pudessem divertir e beber. Ele sabia que dali ia render dinheiro. Assim eu fiz, abri o Bar Flor de Liz. Trouxe muitas meninas novas e a casa rendeu. O meu “turco” também mascateava ali na casa, pois de vez em quando o freguês queria agradar. E mais é que o turco mascate dava notícias da casa lá nos garimpos e trazia mais fregueses para mim.

Permeando as relações afetivas e emocionais de dona Iolanda é possível perceber a importância do mascate árabe para os negócios e há um entrelaçamento em todos os sentidos, o de ligar o comércio ao garimpo, o garimpo às casas de prostituição. Com a abertura das casas de atacado e varejo que se constituíram ao longo das décadas de 50 a 60 na cidade de Rondonópolis.

Dona Iolanda achava que não havia exploração em relação aos preços das mercadorias vendidas nos garimpos, segundo ela “*garimpeiro não é besta não*”.

Lembrando do velho mascate de dona Iolanda, sobre o qual insisti em saber o final, pois seguindo um provérbio árabe que diz: “*um homem constitui família onde ele repousa sua cabeça*”, e ela sabia que por onde ele passava repousava à sua cabeça. Não foi possível saber o nome do árabe, ela o preservou, contando assim:

Não posso falar o nome dele porque é um nome muito conhecido, fez fortuna, comprou muita terra, calou a boca de muita gente. Olha só, hoje eu vivo na miséria, só da aposentadoria, Mas ele foi muito bom para mim enquanto pôde. Só para saber eu tinha um carro Maverick vermelho, que meu “turco” mascate deu para mim, aqui nesta cidade só eu tinha, mais aqui tem uma coisa guardada que eu não tenho coragem de vender, nem quando eu passo necessidade. É esse diamante grande, pedra preciosa, que eu ganhei no garimpo, o meu “turco” falava que era para guardar, para ocupar na época da precisão. Se você soubesse como o garimpo rendia, muita gente ficou rica e outras ficaram na miséria, acabou a corrida do diamante. Essa cidade cresceu, ficou cheia de gente, só que ninguém parece ter coragem de dizer que nós, eu, os turcos mascates os garimpeiros fizemos o começo, trouxemos muita gente para cá.

Ouvir dona Iolanda relatar as dificuldades e ao mesmo tempo sublinhar suas vitórias é um momento ímpar. Pode-se ver dentro dos olhos daquela velha senhora um passado de glórias, de festas, bailes, bebidas, mulheres, homens, intrigas, desgraças e graças com um misto de soberania.

Dona Iolanda não se considera uma “cafetina”, dona de bordel, mas uma mulher que, mesmo aos olhos de uma sociedade tradicional, foi precursora na cidade de Rondonópolis de uma atividade tão antiga: a prostituição.

Soube resistir a muitas situações que a colocaram sob a mira do revólver 44. Corria de boca em boca que a justiça em Mato Grosso se resolvia na bala. Dona Iolanda, uma mulher de estatura miúda, não deixava de cuidar de suas “meninas”, fazia questão de ressaltar isto em cada depoimento. Hoje, reclama da solidão, até contraditória para quem viveu anos de sua vida rodeada de homens, dinheiro, bebida, diamante e do seu mascate “turco”.

Coelho (2005, p. 118) em sua dissertação de mestrado acerca das mulheres nos garimpos do leste de Mato Grosso, no caso específico de Lajeado, aborda situações parecidas às de dona Iolanda, sublinhando de forma eloqüente o dinamismo das “suas” mulheres depoentes Assim ele escreve:

[...] submissas e/ou corajosas, tendo passado por sofrimentos, dificuldades e humilhações, trabalhando incansavelmente para poder sustentar filhos e ajudar maridos, vendendo seus corpos aos homens do garimpo ou gerenciando bordéis, essas mulheres falam não só da vida numa região garimpeira, no entorno ou dentro dos garimpos, mas contando suas histórias, fala do mundo feminino, da mocidade e da velhice, naquele tempo e agora.

O começo, de que reclama dona Iolanda, foi sempre a queixa dos sírios e libaneses em Rondonópolis. Eles sentem pelo não reconhecimento como homens que chegaram, desbravaram os sertões, indo aos mais longínquos lugares, como os garimpos, lugares em que tinham que lidar com todo o tipo de pessoas também oriundas de outros lugares.

As dificuldades expressas pelo imigrante, nos costumes, na língua ou mesmo em adaptar-se com o “outro” está presente em cada depoimento, nos momentos mais íntimos das entrevistas quando foi permitido. O sentimento do não reconhecimento é algo que é evidenciado pelos depoentes.

O imigrante é grato pela pátria que o acolheu, tentou fazer o melhor pelo povo que lhe deu abrigo, comida e conversa. Assim demonstrou José Youssef ao contar sobre seu tio José Salmen:

Meu tio contava das grandes dificuldades que era mascatear nos garimpos, e ele foi em muitos, era do garimpo do Garças ao do Itiquira e Poxoréo, só que meu tio mascateava outros produtos era sal, querosene enxada, lamparina, lampião, facão[...] era a necessidade do garimpeiro e vendia tudo. Mas foi nos garimpos que meu tio fez grandes fregueses e boas amizades, ele quando ficou rico não esqueceu deste povo.

Ao mesmo tempo em que o senhor José Sobrinho fazia essa confissão, há de se analisar que custos e vantagens foram estabelecidos e calculados pelo velho árabe, antes de tudo pela própria comunidade de sírios e libaneses nos locais próximos a Rondonópolis.

Para o senhor José Sobrinho, dá a entender em cada uma de suas falas, que foi uma “vantagem” para a sociedade, pois os moradores receberam terras, dinheiro e prestígio para aqueles que eram ligados a ele e ao seu tio José Turquinho.

Trabalhar, por um lado exaustivamente como trabalharam, vivendo situações às vezes de miséria, fome ou mesmo para mascarar suas próprias vantagens ou minimiza-las: é desse trabalho de imposição que resulta a definição do que se tem aqui apresentado, custos e vantagens.

Essa sabedoria por necessidade os apresenta ao mesmo tempo como “algozes e vítimas” a ponto de transformá-los em um “M’khabbi”³³. Assim o mascate Raja se considerava quando estava nos garimpos do leste Mato Grosso.

³³ M’khabbi, segundo o senhor Raja, significa um homem que vive às escondidas, mascarado, emboscado.

Cansei da vida de mascate, principalmente quando tinha que ir para o garimpo, muito sofrimento, privações, convivências, sem falar o quanto era violento. Mas acontece que ali era o lugar de ter dinheiro certo e mais rápido, eu sempre pensava que um dia eu não precisaria viver mais ali. As pessoas que viviam ali se apresentavam com um aspecto sujo, maltrapilho, o jeito de cozinhar, as buchadas, tripa cozida, meu estômago revirava. Minhas mãos cheias de calo. Os mosquitos picavam toda a minha pele. Foi aí que um dia resolvi ir embora abandonei meus patrícios e fui para Goiânia. O dinheiro que juntei comprei uma lojinha de sombrinha. Hoje tenho uma fábrica de sombrinhas que os meus filhos administram e eu guardo o dinheiro. Não quero voltar para o Líbano, só vou lá para passear, meus filhos ficaram lá um tempo para aperfeiçoar a língua e conhecer nossa cultura. Quero morrer e ser enterrado aqui, com os rituais de muçulmano. Nessa minha velhice guardo as lembranças daqueles tempos difíceis. Que foi viver no garimpo, o mais sofrido foi o de Poxoréo, Itiquira e lá no Barra do Garças.³⁴

Ser enterrado aqui no Brasil era o desejo expresso do senhor Raja, o mascate que se transformou no fabricante de sombrinhas, tão velho, mas consciente de que foi aqui nesta terra de brasileiros que ele fez fortuna, mesmo ainda se considerando um imigrante.

Assim foram os outros mascates que tiveram a coragem de se aventurarem pelos sertões do leste de Mato Grosso, mesmo com uma série de desencantos, com a dissipação de todas as ilusões que contribuíram para dar sentido a uma situação que, reduzida à sua verdade: a de ficar rico.

Narrar nunca é sem emoção, e neste caso do senhor Raja, muito mais do que qualquer outra circunstância, que recebemos as confidências mais íntimas de um depoente, marca para sempre a extrema confiança que depositou nesse questionador, “fuçador” do passado para escrever no presente.

Seus comportamentos, seus depoimentos, segredos muitas vezes aqui não revelados, todas essas coisas secretas que compuseram como uma orquestra sinfônica a vida dos imigrantes árabes que encontraram na atividade de mascateação um caminho para o retorno à sua pátria, que muitos deles nunca conseguiram concretizar.

³⁴ Senhor Raja, entrevista concedida em novembro de 2004 na cidade de Campinas de Goiás.

4 MEMÓRIA DOS “TURCOS” DE RONDONÓPOLIS

Quando chega alguém do Oriente Médio ele é turco.

Depois de conseguir seu primeiro emprego fixo, ele se torna sírio.

Ao se tornar proprietário de uma loja ou de uma fábrica, Ele é transformado em libanês.

(Dito popular brasileiro).

O estudo da trajetória dos imigrantes sírios, libaneses e palestinos, sua ascensão econômica não pode deixar de ressaltar quatro elementos básicos que deram sustentação ao processo de permanência como comerciantes.

- A atividade de mascate.
- A dedicação ao trabalho árduo e persistente.
- A diversificação de suas atividades comerciais.
- A capacidade de poupança.

Foram esses fatores responsáveis pelo sucesso econômico de alguns “turcos”³⁵ na cidade de Rondonópolis. Como foi ressaltado anteriormente, a atividade de mascate não foi escolhida, pois nenhum dos depoentes citados ao longo do trabalho saiu de sua pátria sabendo que seria mascate quando chegasse ao Brasil.

Esta atividade era uma das únicas formas de ganhar dinheiro no Brasil. Ser mascate tornou-se sinônimo de “turco”, incluindo nesta qualificação os sírios, libaneses e palestinos³⁶.

A atividade dos mascates ganhou dimensão territorial, chegando aos mais longínquos lugares, ligando o campo à cidade.

Constata-se que, “por menor que seja a cidade encontra-se um “turco” com lojinha”, estabelecendo-se como comerciante. Em 1950, Rondonópolis não tinha apenas uma “lojinha”.

³⁵ Na trajetória daqueles que se tornaram comerciantes encontrei um número significativo de Palestinos, portanto neste capítulo vou denominar os sírios, libaneses e palestinos como “turcos”, como deriva o passaporte deles ao sair de sua pátria. Por terem vivido sobre o domínio Turco Otomano.

³⁶ Os palestinos não eram o objeto de pesquisa desta dissertação, mas ao longo das entrevistas e, quando do capítulo que trata dos comerciantes em Rondonópolis os palestinos, começam a aparecer no cenário do comércio em um número bastante razoável para deixá-los “fora” do trabalho. As informações obtidas são de que chegaram a um número de cem rapazes que vieram estabelecer-se na cidade de Rondonópolis. Portanto os palestinos vão estar presentes neste capítulo.

Sírios, libaneses e palestinos já se faziam presentes no comércio, vendendo mercadorias para os habitantes do distrito e cidades vizinhas.

É necessário um flamar pelo tempo e pelo espaço percorrido, no qual Rondonópolis cresceu, deixou de ser distrito de Poxoréo, tornando-se município.

Em 1949 terminou o mandato do Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, o então governador do Estado de Mato Grosso. Durante o seu governo ele manteve a promessa que fez a Rondon de constituir ali uma cidade com iniciativas de colonização. Durante o tempo em que foi governador, Dr. Arnaldo Estevão visitou Rondonópolis cinco vezes, observando a região.

Em 1950 assumiu o governo do Estado de Mato Grosso o Dr. Fernando Corrêa da Costa. A cidade de Rondon desenvolvia-se e a emancipação política era questão de tempo. Em 1952, aqueles que residiam no núcleo urbano já discutiam sobre as possibilidades de uma mudança administrativa. Rondonópolis estava sob a égide do Decreto-Lei nº. 208, de 26 de outubro de 1938, que outorgava a Poxoréo o direito e decisão dos assuntos políticos e administrativos.

O deputado João Marinho Falcão, da UDN, apresentou um projeto de lei que recebeu o apoio do deputado Rachid Mamed, da bancada opositora. O processo de emancipação foi calmo, até porque o povo de Poxoréo não acreditava no progresso desta cidade. Portanto, não seria nenhuma perda para eles a emancipação do distrito. Assumiu como 1º prefeito o senhor Rosalvo Farias.

Com a criação do município resolveram-se os graves problemas dos colonos. O município passou a receptor de migrantes, que em geral foram para a área rural, dedicando-se à agricultura e pecuária, em que havia grandes perspectivas. Muitas famílias estabeleceram-se definitivamente em Rondonópolis, onde começaram a aparecer pequenas lojas, farmácias, bares e lanchonetes.

Segundo registro do Livro da Exatonia³⁷, em dezembro de 1956, havia em Rondonópolis: 12 firmas, atacadistas e varejistas, as quais possuíam grande estoque de mercadorias. Até 1965 os produtos que abasteciam o comércio eram adquiridos nas casas comerciais de Campo Grande, Uberlândia-MG, São Paulo, Goiás e Rio de Janeiro.

No livro de Registros de Escrituração de Tributos Municipais, consta que de 31/01/1959 a 30/04/62 transitavam pela cidade 98 automóveis, 06 jipes, 01 ônibus, 03 camionetas para passageiros, 72 caminhões, e 05 caminhonetas para carga. Os serviços de

³⁷ Para melhor análise, ver este documento em anexo nas páginas 131 e 132.

conservação dos veículos eram feitos por duas oficinas e o abastecimento por 03 bombas de óleo cru. Uma oficina e duas bombas de óleo eram propriedades de um libanês.

Na busca de informações, foram muitos dias e horas de entrevistas, anotações, para descobrir os comerciantes árabes existentes entre as décadas de 50 a 70. São muitas histórias, lembranças de um tempo passado, que ainda não estão apagadas da memória dos velhos depoentes. O tempo que sustenta essas lembranças é uma eternidade, pois parece que a juventude retorna, e a memória adormecida dá lugar a uma lucidez surpreendente.

Pela memória é possível reviver as aventuras do comerciante libanês Assad³⁸, o qual, em seu depoimento, diz que embarcou em um navio italiano o “Companhia”, chegando ao Brasil em 1956. Possuidor de um longo bigode, bem aparado, com longas pontas que podiam ser dobradas e guardadas atrás das orelhas. Este era seu orgulho e honra. Avisaram-no de que aquele bigode não seria bem visto no Brasil, motivo pelo qual era melhor que o raspasse.

Pensando que ninguém poderia pisar em sua honra, foi com grande tristeza que Assad cortou o seu longo bigode. Depois de amarrá-lo, enrolou-o em um plástico e atirou-o no mar, dizendo: “o mar leva, mas ninguém pisa”. Histórias assim, hoje são lembradas e contadas com um misto de sorriso. No final do corredor de sua loja ele observa cada freguês que entra. Ele não atende mais, como fazia na década de 60, mas cumprimenta a todos. Os vendedores de sua loja atendem, sob a mira do velho Assad.

O senhor Assad balbucia algumas palavras em português, carregado de sotaque árabe, que o seu único filho fez questão de explicar. Diz que nunca mais voltará à sua terra, porque aqui ele trabalhou muito e fez fortuna. Seu ombro do lado esquerdo é caído de tanto carregar malas pesadas de mercadorias de um lado para outro, da Rua 25 de Março em São Paulo, ao Brás, Campo Grande, Goiás, Mato Grosso. Em Rondonópolis, Assad abriu as portas de uma lojinha na avenida Marechal Rondon, apenas para vender roupas feitas. Mudou de endereço e hoje está na avenida Amazonas, com roupas feitas de qualidade: cama, mesa e banho.

Quando indagado sobre seu acúmulo de capital, muda de conversa. Mas diz que sempre foi honesto nunca tirou nada de ninguém. Seus funcionários sempre foram tratados bem. Segundo ele, em 60 e 70 ninguém tinha essa prática de assinar carteira e pagar os “direitos de funcionários”. Hoje não, ele diz que cumpre rigorosamente as leis.

³⁸ Assad, comerciante libanês em Rondonópolis, chegou ao final da década de 60. Nascido em 1927, chegou ao Brasil em 1952, fugindo da guerra. Dono da Casa Armando, na avenida Amazonas. Esta entrevista foi concedida em agosto de 2005.

De acordo com Montenegro (2001, p.19), “A história enquanto representação do real se refaz, se reformula, a partir de novas perguntas realizadas pelo historiador ou mesmo da descoberta de outros documentos ou fontes”. Por isto, não entrevistei apenas os depoentes árabes nesta pesquisa.

Neste universo de quarenta e dois árabes entrevistados, os depoentes procuraram convencer o entrevistador, mostrando apenas os aspectos positivos do grupo. Por esta razão foram entrevistadas algumas pessoas não “turcas” que conviveram com estes comerciantes em Rondonópolis. As defesas e os elogios sempre fizeram parte destas entrevistas, por meio dos seus depoentes, porque árabes são patrícios, são irmãos, “brimos”, estrangeiros e imigrantes.

O senhor Henrique Nunes da Silva³⁹, ao longo dos seus 81 anos, conviveu lado a lado com os comerciantes árabes em Rondonópolis. Seu Henrique já conhecia seus vizinhos sírios e libaneses desde a cidade de Itiquira. O depoente trabalhou na Casa Araújo, na esquina da Marechal com a 13 de Maio.

Eu cheguei de Minas Gerais em 1956, fui morar no Itiquira, então abriu lá a Casa Araújo, e fui chamado para trabalhar. O Itiquira era região de muito garimpo, então o dinheiro rolava por lá. O comércio era muito bom. Esses “turcos” mascateavam por lá. Tinha muitas lojinhas deles, então essa rivalidade no comércio já é antiga. Sucedeu que o senhor Araújo dono da Casa Araújo, resolveu abrir outra loja aqui em Rondonópolis, e eu como já tinha experiência, ele mandou vir para cá. Cheguei à cidade em 1959. As casas na maioria eram tudo de adobe, muito índio bororo na rua, principalmente dia de sábado e domingo, nesta Avenida Marechal Rondon só encontrava bororo. E foi nesta esquina (Marechal Rondon com Otávio Pitaluga), que abriu a Casa Araújo, de tecidos, roupas feitas e armarinhos.

Seu Henrique contou que não se “livrou” dos árabes, pois, ao lado da sua loja, instalaram-se lado a lado os comerciantes sírios, libaneses e palestinos. Segundo ele, os comerciantes árabes, seus vizinhos não eram tão honestos. Presenciou muitas “falcatruas” por parte deles quando da realização de vendas. Contou-me que na loja vizinha à sua, o metro do chitão⁴⁰ era dez cruzeiros e na sua loja doze cruzeiros. Ele encabulava, pois comprava na mesma loja de Goiás.

Olha, eu ficava pensando como é que podia esse povo vender barato assim, pois se quando a gente ia fazer compras lá em Goiânia, ou até mesmo lá em São Paulo, saía daqui junto no mesmo ônibus, ficava na mesma pensão. Uma vez eu perguntei para um lojista de Goiânia se ele vendia mais barato para os “turcos”, pois eram tudo patrícios, ele falou que não, então passei a investigar o acontecido.

³⁹ Henrique Nunes da Silva, 81 anos, nasceu em Minas Gerais, veio para Mato Grosso em 1956, indo morar em Itiquira, trabalhava na Casa Araújo. Em 1959 veio para Rondonópolis trabalhar na mesma loja, com os anos ele e seu irmão compraram o prédio em que estava a loja. Atualmente sua residência é na Rua 13 de Maio, ao lado da casa Klima. Entrevista concedida no dia 14/07/2005. Conversamos durante 4h.

⁴⁰ Chitão é um tecido de algodão, estampado, era muito utilizado para fazer vestidos, lençóis e cortinas. As famílias sírias chegavam a comprar a peça inteira.

Seu Henrique passou a observar o “milagre do preço baixo”. O “turco” trazia o chitão de boa qualidade e mostrava para o freguês, só que, na hora de cortar, ele ia para o interior da loja e cortava o chitão “ruim”, o de “terceira”. Por isto o preço era menor, podendo vender a dez cruzeiros o metro.

O senhor Henrique também me disse que presenciou muitos erros, na medida. O “turco” não usava metro, sua medida era no balcão de madeira. Fazia um corte no início que designava como metro, e outro corte na madeira para o final, que indicava a medida de um metro. Segundo seu Henrique sempre faltavam alguns centímetros, pois muitas vezes ele conferia na loja dele.

Perguntei-lhe se os comerciantes árabes tinham muitos funcionários e como eram tratados. Ele disse que não possuíam muitos, eram eles que trabalhavam em suas lojas. Mas ele se lembra de que uma sobrinha sua chamada Maria que trabalhou muitos anos em uma loja de “turco” na Avenida Marechal Rondon.

Sua sobrinha Maria trabalhou lá até quando fechou a loja. Ela nunca recebeu nenhum cruzeiro dos seus direitos, saindo “com uma mão na frente e outra atrás”. Trabalhava sábado, domingos e feriados até ao meio dia. Tinha que chamar o freguês na rua, já que na década de 50 a 60 a Avenida Marechal Rondon não possuía calçada e nem paralelepípedos.

A partir dos depoimentos do senhor Henrique, que fala do tempo em que sua sobrinha era funcionária dos árabes sem nunca receber nenhum benefício salarial, é possível pensar nos métodos utilizados por alguns comerciantes “turcos”, na cidade de Rondonópolis, para enriquecerem.

Segundo Montenegro (2001, p. 19), “a história opera sempre com o que está dito com o que é colocado para e pela sociedade, em algum momento, em algum lugar”. A história que foi construída a partir da narrativa do senhor Henrique, se desenrolou em um tempo passado, remetendo-se ao presente cheio de indagações, especulações, perguntas e respostas que se compõem através da escrita.

Seu Henrique contou-me um episódio engraçado, referente aos costumes dos comerciantes “turcos” de chamar o freguês na rua. Disse que certa vez três “turcos” brigaram no meio da rua dando socos e cotoveladas, um batendo no outro, por causa de freguês. Acontecia que as lojas dos comerciantes árabes, concentravam-se na Avenida Marechal Rondon, entre a Rua 13 de Maio e Otávio Pitaluga.

As lojas eram coladas umas nas outras, tanto do lado esquerdo quanto do lado direito. A disputa pelos transeuntes era “pau a pau”, ou seja, cada um gritava um preço

diferente. Quando o “brimo” gritava que a camisa custava três cruzeiros, o “brimo” do lado gritava que fazia por dois e cinquenta. Seu Henrique diz que eles (turcos) brigavam até por agulha.

Essas disputas aconteciam com mais freqüência no início do mês, quando os fazendeiros da região do Itiquira, Birro, Jibóia, Ahumas, São José do Povo, Nova Galiléia e Vale Rico faziam acerto com seus trabalhadores. Então as ruas se enchiam de trabalhadores das fazendas em busca das novidades. Os bares ficavam cheios, os homens bebiam muito.

De acordo com o depoimento de seu Henrique, eles iam à cidade fazer compras e para passear:

Ninguém agüentava a concorrência desonesta dos “turcos”, o jeito nosso não é de buscar o freguês na rua, eles não, faziam qualquer negócio. Conheci muita gente que não agüentou e “arriou”, fechando as portas⁴¹. Primeiro porque o aglomerado das lojinhas era tudo na Marechal Rondon e Amazonas, concentrando tudo no mesmo lugar, facilitando para os compradores que não precisavam andar muito.

Seu Henrique demonstra nos depoimentos que é bom observador. O depoente relata que os trabalhadores da roça vinham para a cidade com os bolsos cheios de dinheiro, bebiam e então o comerciante árabe “empurrava” as mercadorias, enchendo-os de camisas, calças e vestidos para a “*patroa*”⁴².

Duoun (1944, p. 144) chama a atenção para um aspecto relevante quanto a essa “usura” praticada por “turcos”, e os métodos que se utilizaram para enriquecerem. Ele indica como eram considerados os sírios e libaneses na prática do comércio:

Os sírios e libaneses, para progredirem o mais depressa possível e tornarem as suas posições sólidas e inexpugnáveis, tanto lutaram, sacrificaram e se esforçaram, que criaram entre os não árabes, membros de outras etnias ou culturas, muitos inimigos e despeitados. Estes, para se vingarem dos seus imbatíveis concorrentes, procuravam por todos os meios prejudicá-los, expondo-os ao ódio dos nacionais.

O antigo distrito de Rondonópolis tornou-se município em 10 de dezembro de 1953. Recebeu homens e mulheres com espírito empreendedor, dando um novo formato econômico para a cidade que “*vingou*”⁴³.

O comerciante árabe pode ser definido como um empreendedor que escolhe a terra, analisa o mercado, providencia o projeto e mobiliza o capital necessário para a

⁴¹ Quanto a essa fala do senhor Henrique de que muita gente não agüentou, “arriou”, fechou as portas, é verdadeira, pois foi possível verificar documentos de comerciantes pedindo para dar baixa no seu comércio, junto à Prefeitura. Segue em anexo este documento de 1959.

⁴² Este termo patroa, o seu Henrique utiliza para designar esposa, pois era assim o tratamento dado à mulher casada.

⁴³ Este termo é utilizado pela historiadora Luci Léa Tesoro em seu livro “Rondonópolis-MT; Entrocamento de mão única”.

comercialização dos lotes. A acumulação de capital começa com a mascateação. O comerciante árabe vive no início sem nenhum conforto, com o intuito de acumular dinheiro para investir em um próspero negócio.

Rondonópolis, cidade que “vingou”, entre as décadas de 50 e 60 transforma seu cotidiano, para dar lugar aos comerciantes sírios, libaneses e palestinos que no burburinho do dia-a-dia atraí fregueses e com eles o dinheiro que modificará o espaço urbano. Podemos dizer que a cidade é o espaço adequado para o comerciante se estruturar. Müller (2004, p.149) observa que:

É nas cidades, espaço de ebulição da vida cotidiana, que se encontram estilos de várias épocas, monumentos e anúncios publicitários, colocados lado a lado; interesses distintos - mercantilistas, históricos, estéticos, comunicacionais - cruzam-se constantemente nos espaços urbanos.

Não era fácil o trajeto a ser percorrido para trazer as mercadorias que abasteciam a cidade. O ônibus fazia a linha de Campo Grande a Rondonópolis e Cuiabá. Saindo de Rondonópolis gastavam-se dois dias para chegar a Campo Grande. Os passageiros dormiam na cidade de Coxim, ponto de encontro de muitos comerciantes e mascates.

O senhor Assad fez este trajeto por diversas vezes, e, com ironia, repete que tudo hoje está muito fácil. No tempo em que viajava era muito cansativo, a viagem era demorada. Hospedavam-se em pensões pelo caminho, sem conforto algum. Ele reclama dizendo que “[...] a gente pagava pela hospedaria, mas era ruim demais”.

O segundo elemento que possibilitou a permanência dos comerciantes árabes em Rondonópolis foi a dedicação ao trabalho árduo e persistente. A partir de 1958 com a inauguração das Lojas Riachuelo⁴⁴, em Rondonópolis, a concorrência no comércio aumentou muito. As lojas Riachuelo distribuíram as primeiras folhinhas de calendário em Rondonópolis. Este brinde era o grande chamativo para a loja.

⁴⁴As lojas Riachuelo foram inauguradas em Rondonópolis no dia 22 de janeiro de 1958, tendo como gerente o senhor Wilson Marinho.



Figura 11: Inauguração das Lojas Riachuelo na cidade de Rondonópolis em 1958.
Fonte: Acervo Senhor Henrique.

A senhora Cecília Ali Dib, libanesa, filha do senhor Ali Salomão Dib, chegou a Mato Grosso em 1957, indo residir na cidade de Poxoréo. O senhor Salomão foi mascate. Segundo sua filha, ele fazia o trajeto de Cuiabá a Rio Verde de Goiás para buscar mercadorias, gastando dois meses no caminhão “pau de arara”.

As mercadorias que seu pai trazia abasteciam a pequena loja de roupas feitas que possuía em Poxoréo. Essas mercadorias eram vendidas nos garimpos ao redor da cidade e em Alto Coite⁴⁵. Em 1963, a família Ali Dib mudou-se para Rondonópolis onde abriu a loja Stª Cecília em homenagem a sua filha mais velha. Situada na avenida marechal Rondon, entre a 13 de Maio e a rua Otávio Pitaluga, esta lojinha vendia roupas feitas.

Em 1965, resolveram mudar de atividade, abrindo outro comércio, no mesmo endereço, o Armazém Santa Cecília, especializado na compra e venda de cereais, secos e molhados no atacado e varejo. Este armazém funcionou até a década de 80, quando fechou suas portas. Transformou-se na loja de flores Santa Cecília, ainda hoje sob os cuidados da mesma pessoa.

⁴⁵ Alto Coite fica a 15 km de Poxoréo. Nas décadas de 40 a 70 era uma grande região de garimpo. Lá extraía o melhor diamante da região. Tinha uma feira que nos sábados os compradores de diamante iam todos para lá em busca dos melhores negócios, era um grande movimento. Hoje o Coite é ruína, dos tempos do ouro e do diamante, restaram apenas casas abandonadas, ruelas vazias, pois a riqueza se esvariou como o diamante, que era o que sustentava o comércio local.

Foi Cecília Ali Dib, mulher muçulmana, que me relatou os lugares dos comércios no início da década de 1950 até 1980. Ela tem uma memória muito boa. Como disseram seus irmãos, “ela lê muito, sabe tudo”. Em meio ao corredor de sua loja, cercada de flores e atendendo os fregueses, ela contou-me um pouco da história dos comerciantes árabes em Rondonópolis.

A minha família chegou a Mato Grosso, lá pelo ano de 1956, fomos morar em Poxoréu, lugar de garimpo, éramos comerciantes. Mas em 1963, meu pai quis mudar para Rondonópolis, dizia que aqui o comércio era melhor. Mas eu sei que a razão maior estava na presença de muitos comerciantes árabes que já tinham lojas aqui. Só existiam duas avenidas de comércio, a Marechal Rondon e a Amazonas. Posso dizer que os comerciantes árabes se fizeram presentes no comércio de Rondonópolis, pagávamos os impostos, tudo direito como manda lei brasileira. Eu conheci todos eles. Formou-se aqui a colônia árabe. Os homens sempre eram convidados a comer um na casa do outro, para trocar informações, saber as notícias lá do Líbano, da Síria e da Palestina. Mas quando cada um deles estava no seu comércio a concorrência era grande.

Esse encontro de imigrantes de nacionalidades diferentes, para discutir assuntos pertinentes aos negócios e trocar informações sobre os últimos acontecimentos políticos é peculiar aos árabes. A mulher não participa dos almoços. É o lugar onde podem falar a mesma língua. Neste momento, o muçulmano, o drúsio e o maronita não são diferentes. Participam do mesmo banquete, os negócios e a pátria distante são assuntos importantes.

Estes encontros de “turcos”, segundo Müller (2004, p. 153), são uma das formas de romper a solidão da pátria, da língua e da cultura: “O convívio com membros de nações distintas amplia o relacionamento com outros grupos, fazendo com que ocorra um processo de identificação, em que são assumidas as diferenças culturais e reconhecidos os traços das demais culturas locais”.

4.1 O comércio dos “turcos” nas Avenidas Marechal Rondon e Amazonas

A senhora Cecília Dib lembrou-se do comerciante palestino chamado Mahomed Abu Gasoli, conhecido por todos como Manuel Gasoli, de família tradicional nos dias de hoje. Mahomed diversificou suas atividades comerciais. Não era comerciante de tecidos e nem roupas feitas, muito menos cereais. Tinha uma livraria, a “Cauhy”. Abriu suas portas em 1955, pagando C\$ 1.202 cruzeiros de taxas para a abertura da loja.

Duas portas apenas tinham a livraria Cauhy. Foi a primeira banca a vender revistas em quadrinhos, fotonovelas, Grande Hotel e Capricho que era a menina dos olhos de muitas moças da cidade. Até gibis se encontravam na Cauhy. Anos depois, tornou-se uma loja de aviamentos, situada na Avenida Marechal Rondon. Hoje a conhecemos como Agulha Dourada.

No ano de 1962, o senhor Gasoli abriu uma loja de peças para máquinas de costuras, na Avenida Marechal Rondon, esquina com a Rua Fernando Corrêa. Ele soube diversificar seu comércio. A loja de aviamentos servia também para fazer propaganda da casa de peças e vice versa.

José Salmen Hanze⁴⁶ é um personagem que soube ganhar dinheiro. De mascate a carregador de sal, comprador de diamantes e bois, comerciante, dono de olaria, máquina de beneficiamento de arroz. Comprou muitas terras, tornou-se fazendeiro e depois partiu para o ramo da especulação imobiliária. Seu sonho era construir uma cidade, a qual teria o nome de Cidade Salmen, nome dado à área que ele loteou.

A trajetória do comerciante libanês José Salmen Hanze às vezes é confusa. É difícil entender o vai-vem, as formas e meios utilizados por ele para adquirir bens e diversificar os negócios. Mas dentre todos os comerciantes de Rondonópolis, foi o que melhor soube administrar e fazer render o dinheiro. Trouxe seus parentes do Líbano e com eles dividiu o trabalho, as terras e o comércio.

De 1940 a 1950 sua residência era no Itiquira onde estava seu comércio. Em 1950 mudou-se para Rondonópolis. Ao sair do Itiquira, José Salmen disse para o seu patrício Assaf, que tinha setecentos contos e iria investir em terras, porque queria ficar rico. Do contrário iria para a Argentina, como pretendia quando saiu do Líbano.

No ano de 1950, José Salmen conheceu o deputado Rachid Mamed, que o orientou para adquirir terras. O deputado foi seu avalista para empréstimos no Banco do Brasil. José Salmen pensou que precisava de alguém de sua família para ajudá-lo a administrar seus bens. Foi então que pensou em seu irmão Nazih Melhem Salmen Hanze⁴⁷, agricultor que morava no Líbano. Escreveu para ele, enviando dinheiro para que ele pudesse vir para o Brasil.

⁴⁶ José Salmen Hanze nasceu na cidade de Abay, no Líbano em 1904. Chegou ao Brasil em 1926. Em 1940, chega a região de Mato Grosso, Itiquira. Em 1950 vem para Rondonópolis e adquire terras. Tornou-se um grande comerciante e proprietário de terras. Nunca se casou, viveu ao lado da senhora Juphia de Oliveira Mestre, que não era esposa, mas alguém que o ajudou e orientou na compra e venda de terras, fazia o papel de gerente. Após a morte de José Turquinho em 02/06/1989, a senhora Juphia herda suas terras, as quais ele deixou em testamento.

⁴⁷ Nazih Melhem Salmen Hanze nasceu no dia 04 de janeiro de 1936 no Líbano, na cidade de Abey, atividade agricultor. Irmão de José Salmen Hanze. Chega a Mato Grosso em 1952, e fica trabalhando em Rondonópolis com o seu irmão. Morreu em maio de 1989.

A viagem de Melhem até Rondonópolis é uma novela à parte. Saiu do Líbano em um navio Italiano o “Companhia” em 1952. Dois meses depois chegou ao Porto de Santos, de onde foi para São Paulo onde pegou um trem até Campo Grande.

Em Campo Grande pegou o ônibus que fazia a linha Campo Grande a Cuiabá. Esta viagem durou dois dias, até que chegou ao Porto do Rio Vermelho⁴⁸ onde fez a travessia de balsa. Chegou a uma rua entre a Marechal Rondon e Amazonas, hoje Rua Arnaldo Estevan. Ali seria o ponto marcado para o encontro dos dois irmãos que há vinte e cinco anos não se viam.

A chegada do irmão de José Salmen foi de grande valia porque podia confiar seus negócios a ele, enquanto viajava para comprar terras, ramo do comércio onde José Salmen obteve mais lucros.

Antes do ano de 1955, não há nenhum registro de casa comercial no nome de José Salmen que, daqui em diante, será denominado de José Turquinho, como ficou conhecido por aqueles que compravam seus lotes.

Em 1953, José Turquinho mandou dinheiro para o Líbano, para que seus sobrinhos José Youssef Merhi⁴⁹ e Naim Charafedine⁵⁰ viessem para o Brasil, para ajudá-lo a administrar os seus negócios. Para montar o comércio, precisava da ajuda dos parentes.

No dia 10 de junho de 1953, partiu do porto de Damasco o navio “Istambul” trazendo os dois jovens para o Brasil. José Merhi contou que foi uma viagem tranqüila. Dizia que olhou e percebeu que sua terra ficava para trás quando o navio estava no Mar Mediterrâneo. Passou cinco dias em Marselha, na França, trocou de navio, embarcou no “Britan”, um navio de luxo.

Chegaram ao Rio de Janeiro, onde embarcaram para São Paulo e imediatamente para Campo Grande. Como não falavam português, nem o entendiam, perderam-se na viagem. Ao

⁴⁸ Porto do Rio Vermelho, assim eram chamados, as margens do Rio Vermelho. Faziam a travessia de balsa, transportando mercadorias, caminhões e Baleia. Em 1958, constrói a Ponte do Rio Vermelho. Nos dias atuais o antigo Porto tornou-se um lugar turístico, com seu casario, construído pelo senhor Moisés Cury na década de 50. Hoje tornou-se patrimônio público e é explorado pelo comércio, de restaurantes, bares e lojas de artesanato. Foi todo reformado como no original. Seu pátio, onde em 50 amarravam os cavalos, tornou se um espaço para show, tendo a vista á sua frente o Rio Vermelho, personagem de tantas travessias, presenciou a chegada e partida de muitos que foram e não voltaram.

⁴⁹ José Youssef Merhi (José Sobrinho)

⁵⁰ Naim Charafedine, libanês, sobrinho de José Turquinho. Chegou a Mato Grosso em 10/07/1953. Tornou-se um grande comerciante de secos e molhados, dono da Casa Libanesa, proprietário de muitas terras, tornou-se fazendeiro. Pai do médico e pecuarista Melhem Charafedine. Faleceu na década de 90.

invés de irem para Campo Grande em Mato Grosso, foram Canto Grande⁵¹ no Paraná. Depois do erro de percurso pegaram a jardineira que viria para Rondonópolis.

Quando chegaram os sobrinhos, a família de libaneses muçulmanos passou para quatro pessoas em Rondonópolis. A cada um dos sobrinhos José Turquinho dava uma tarefa. No início eles o ajudaram nas terras. Como foram agricultores desde a infância lá no Líbano, sabiam muito bem manejar o cabo da foice e da enxada. Sua tarefa era demarcar os lotes adquiridos.

De 1950 a 1960, Rondonópolis sofre o processo de colonização e ocupação das terras devolutas do Estado. José Turquinho adquiriu terras com a ajuda do deputado Rachid Mamed, as quais ele passou a vender a preços bem baratos. A venda de terras fez com que as pessoas tivessem interesse em estabelecerem suas moradias e comércio em Rondonópolis. Em 1950 a cidade ficou conhecida pelas propagandas dos corretores e dos compradores de lotes e chácaras.

José Turquinho naquele momento possuía dinheiro suficiente para ter um comércio. Em 1954, abriu “A Casa Libanesa”, comércio de atacado e varejo, secos e molhados. A Casa Libanesa, situada na Rua 13 de Maio com a Avenida Amazonas, (atual farmácia do João Moraes), comprava e vendia cereais. Naim e José Sobrinho eram responsáveis pelo negócio, que funcionou de 1954 a 1973.

Em 1960, José Sobrinho abriu “O Empório Nasser”, comércio de atacado e varejo, venda de cereais e armarinhos em geral. Situado na avenida marechal Rondon, entre as ruas 13 de Maio e Otávio Pitaluga, onde atualmente está a loja Lua de Cristal. Naim era sócio de José Sobrinho. Possuíam muitos funcionários. Em 1967, trabalhavam, no Empório, 07 mulheres, 03 homens, e um mascate sírio que pegava as mercadorias para vender nos sítios e corruptelas. Um destes funcionários é Salomão Ali Dib, na época com apenas 12 anos. O Empório era um grande comércio, lotado de sacarias, que vendia do arroz ao pó de arroz, do querosene ao espelho, do pente à matraca de plantar o arroz, do canivete ao facão e o machado.

⁵¹ Não foi possível localizar no mapa esta cidade Canto Grande- PR., esta palavra certamente é uma pronúncia árabe, a qual não fui capaz de compreender.



Figura 12: Empório Nasser. Esquerda: Funcionárias da casa. Ao centro; “turcos”: José Youssef, Rani Charafedine, Mamydauh Allmulhem, à direita, funcionários da casa.
Fonte: Acervo José Youssef, 1964.

Segundo depoimento dos entrevistados, no início da década de 60, havia muitos imigrantes árabes em Rondonópolis. Havia em torno de cem rapazes, a maioria palestinos. Os nomes que constam nos relatos são: Nabih, Badih, Taisir, Omar, Lutfi, Frangi, Ismael, Abim Tim. Todos eles se tornaram comerciantes, donos de pequenas lojas, que se estabeleceram e pagaram seus impostos à Prefeitura Municipal.

No início da década de 70, foi aberta a “Casa Ranner”, situada na Avenida Amazonas, esquina com Rua Arnaldo Estevan (onde é o atual correio). A Casa Ranner comercializava secos e molhados e latarias em geral.

Nas fazendas de José Turquinho e de José Sobrinho, moravam muitas famílias. Quando os filhos destes trabalhadores se tornaram jovens, passaram a ter a necessidade de vir para a cidade para estudar e trabalhar, pois não queriam mais “puxar” enxada. Então José Turquinho e José Sobrinho se comprometiam em ajudá-los, arrumando emprego nas suas casas de comércio. João Quirino da Silva⁵² filho de um destes trabalhadores relatou como era feita a oferta de emprego e o pagamento.

⁵² O filho deste trabalhador se chama João Quirino da Silva, vendedor de frutas na cidade. Entrevista concedida em 2004.

Quando completei dezessete anos, não quis mais continuar na fazenda, já estava lá há mais de dez anos, trabalhando dia e noite sem receber um “tostão”. O meu pai plantava e colhia e nunca dava para pagar o arrendamento das terras do seu José Turquinho. A nossa dívida sempre rolava de um ano para outro. Então comecei a pedir para meu pai que eu queria vir para a cidade trabalhar e estudar, pois já tinha feito o primário na Escola Rural Mista. O seu José falou para o meu pai: Sebastião, pode deixar o menino ir para a cidade que eu vou arrumar serviço para ele. Vim, fui morar na casa de uma tia e trabalhar na Casa Ranner. Trabalhava o dia inteiro, no sábado o dia inteiro e até domingo meio dia. Quando chegava o fim do mês que eu tinha que receber meu ordenado, o seu Ranner que era o que gerenciava a casa, dizia que o dinheiro ia ser entregue a meu pai. Acontece que no acerto não sobrava nada, ele descontava toda a dívida do meu pai. Foi assim por muito tempo. Não agüentei e sai de lá.

Esse relato coincide com outros relatos de funcionários das lojas dos “turcos” dos armazéns e máquina de beneficiar arroz. Havia a exploração da mão-de-obra destes trabalhadores, que trabalhavam em troca das dívidas adquiridas por sua família. Os seus direitos trabalhistas também não eram pagos.

Ao ser indagado sobre estas questões trabalhistas, o senhor José Sobrinho fugiu da questão, respondendo com um provérbio árabe: “O que se faz é o que se paga, dá a César o que é de César”.

Para ter a idéia da diversidade dos produtos comercializados na casa Ranner, o seu depósito era em um prédio da Avenida Amazonas, esquina com Rua Fernando Corrêa, (atual Movelasco), abarrotado de mercadorias. A Casa Ranner funcionou até meados de 1982. Ranner, que era primo de Naim Charafedine, voltou para o Líbano, por problemas de saúde.

O palestino Nabi, abriu as portas de sua loja, a “Casa Palestina” em 1950, na Avenida Marechal Rondon, onde vendia roupas feitas. A Palestina fechou em 1985. De frente à loja do Nabi seu irmão Bad abriu a “Casa Jerusalém”, em 1954. Vendia roupas feitas e tecidos. Suportou a concorrência até 1968, quando fechou as portas, tornando-se sócio do seu irmão Nabi. A briga que o senhor Henrique relata dos árabes no meio da rua, por causa de fregueses, aconteceu com os dois irmãos Nabi e Bad.

Apesar de atuarem no mesmo ramo de negócio, no caso o comércio de roupas e de serem concorrentes entre si, eles acabaram se beneficiando com os efeitos desta concentração. Os problemas com impostos, os conflitos nos negócios sempre eram resolvidos por um patrício. José Turquinho liderava a colônia árabe em Rondonópolis, dando suporte no comércio e até emprestando dinheiro, com certeza cobrando juros, para seus patrícios abrirem as suas casas comerciais. Os laços de parentesco foram a base de sustentação para a ampliação do comércio, varejista e ambulante.

No ano de 1955, Rondonópolis começou a ter uma estrutura política administrativa, começando a arrecadar os impostos. O registro dos impostos está no Livro de Registros nº. 01 da Prefeitura Municipal de Rondonópolis⁵³. Havia vários tipos de impostos: Imposto de Indústria e Profissão, Imposto de Aferição de Balança, Licença para o transporte de bicicleta. Naquela época as bicicletas tinham placas, sendo necessário o licenciamento para transitar nas ruas.

Os irmãos Jamal e Zen, palestinos, eram mascates em São Paulo, transitando por Prudente e Marília. No ano de 1955, mudam para Rondonópolis. Motivados pelos patrícios que tinham comércio em Rondonópolis, e com o dinheiro que conseguiram juntar com a mascateação, abriram uma loja de roupas feitas, “A Princesinha”, na Avenida Marechal Rondon (atual Casa do Caçador). Os irmãos progrediram, mas fecharam sua loja em 1968, partindo para outras atividades comerciais.

O senhor Omar, da “Casa Omar”, vendia roupas feitas, as quais eram expostas na frente da sua loja bem colorida. As roupas eram dependuradas fora da loja, à vista daqueles que passavam. Já no ano de 1955, o senhor Omar estava com suas portas abertas na Avenida Marechal Rondon. Seu Omar não tinha funcionários. Estava sempre alegre a chamar os fregueses da sua loja, fazendo a melhor oferta de preços, para vencer a concorrência dos patrícios, seus vizinhos.

Quem chegava pelo Porto do Rio Vermelho tinha que subir as duas ruas de comércio, pelas Avenidas Marechal Rondon e Amazonas. Passava-se por todas as lojas dos árabes, que disputavam os fregueses. Era uma gritaria, falando da qualidade das mercadorias, do que tinha para vender e dos preços. Segundo seu Henrique, era animado ver os comerciantes árabes se engalfinhando para levar um freguês para dentro da loja. O percurso terminava na Praça dos Carreiros⁵⁴, no final das duas avenidas. Ali era o ponto de comércio de terras, embaixo do pé de pequi. Mulas e cavalos amarrados denunciavam os negócios que estavam se realizando.

⁵³ Livro de Registros de Contabilidade da Prefeitura Municipal de Rondonópolis-MT, nº. 01, do ano de 1955 a 1962, nele se encontra todo o registro de pagamento de impostos feitos pelos comerciantes na cidade, com nº. de protocolo, nome por extenso do pagador, denominação do imposto e valor pago. O Livro Tombo se encontra no Museu Rosa Bororo de Rondonópolis na Avenida Arnaldo Estevan esquina com a Avenida Cuiabá.

⁵⁴ Praça dos Carreiros, situada entre as avenidas Marechal Rondon e Amazonas. Na década de 50 era apenas um terreno vazio, com muitos pés de pequi que serviam para amarrar os cavalos dos mascates e trabalhadores da roça. Ali os trabalhadores deixavam seus carros de boi descansando a sombra. Em 1980 era local de grande comércio, chamado feira, que funcionava aos sábados. Hoje apenas uma praça com um terminal de ônibus coletivo.



Figura 13: Praça dos Carreiros na década de 50
Fonte: Acervo José Youssef.

Em 1968 chegou a Rondonópolis o libanês Ibrahim Zaher, que se diferencia das atividades comerciais de seus patrícios. Rondonópolis cresce cada vez mais economicamente, vai se modernizando. A “Baleia” ficou para trás, e os Ford-Willys carros de luxo eram para poucos. Então o senhor Ibrahim abriu uma loja de venda de carros, a “Loja Chevrolet”, na Avenida Amazonas, esquina com a Rua João Pessoa (atual sede da Exatoria).

Depois do Ibrahim chegou seu irmão Elias também com revenda de carros. Mais tarde veio seu irmão Mohamad Khalil Zaher, que se tornou político e empresário dono de Faculdade. A família Zaher prosperou.

Outro elemento básico deste processo, que deu suporte para a permanência dos imigrantes e comerciantes árabes em Rondonópolis, estava, sobretudo, na diversificação de suas atividades comerciais. O caminho trilhado por eles foi árduo. Manter-se no comércio não era uma atividade fácil, mesmo porque havia os outros comerciantes nas cidades vizinhas. Mas esta diversificação alargou-se para outras atividades.

José Salmen Hanze tinha um bom relacionamento com os deputados Rachid Mamed, Rachid Saldanha Derzi, Wilson Faddual, Felinto Müller, Fernando Corrêa da Costa e Pedro Pedrossian. Segundo José Sobrinho, Rachid Mamed ajudou o tio José Turquinho no

financiamento dos loteamentos e no requerimento das propriedades. Isto explica o “milagre” da multiplicação dos negócios e da riqueza de José Salmen Hanze.

José Turquinho tinha olaria, máquina de beneficiar grãos, fazendas, criação de gado, plantação de arroz, milho, feijão e café. Em 1968 ele e os seus parentes plantaram 500 mil pés de café em suas terras no Lageado. O volume de compra e venda de arroz, feijão e milho era grande. Ainda possuía o “Hotel Clarion”, na Avenida Amazonas (atual prédio da Igreja Universal). A Rádio Branif, inaugurada em 1966, foi a primeira rádio da cidade, financiada por José Turquinho.

Os dados da tabela revelam as casas comerciais em Rondonópolis, cujos proprietários eram sírios, libaneses e palestinos.

Estabelecimento	Proprietário	Nacionalidade	Ramo de negócio	Endereço
Empório Nasser	José Youssef	Libanês	Secos e molhados.	Avenida Mal. Rondon
Casa Libanesa	José Salmen	Libanês	Secos e molhados	Avenida Amazonas
Casa Santa Cecília	Ali Dib	Libanês	Roupas feitas	Avenida Mal. Rondon
Armazém Santa Cecília.	Ali Dib.	Libanês.	Secos e molhados.	Avenida Mal. Rondon
Livraria Cauhy	Mahomed	Palestino	Livraria.	Avenida Mal. Rondon
Loja Gasoli	Mahomed.	Palestino.	Peças para máquinas.	Avenida Mal. Rondon
Casa Ranner.	Ranner	Libanês.	Secos e molhados.	Avenida Mal. Rondon
Casa Palestina.	Nabi	Palestino	Roupas feitas.	Avenida Mal. Rondon
Casa Jerusalém.	Bad.	Palestino.	Tecidos.	Avenida Mal. Rondon
A Princesinha.	Jamal e Zen.	Palestinos.	Roupas feitas.	Avenida Mal. Rondon

Casa Omar.	Omar.	Sírio.	Tecidos	Avenida Mal. Rondon
Loja Chevrolet.	Ibrahin Zaher.	Libanês.	Carros.	Avenida: Amazonas
Máquina de arroz.	José Salmen.	Libanês.	Beneficiadora.	Avenida: Amazonas.
Olaria Salmen.	José Salmen.	Libanês.	Olaria.	Avenida Amazonas.
Posto de combustível	José Salmen.	Libanês.	Combustível.	Avenida Mal. Rondon
Hotel Clarion	José Salmen	Libanês	Hotel	Avenida Amazonas
Rádio Branif	José Salmen	Libanês	Rádio	Avenida: Amazonas.

Tabela 03: Estabelecimentos comerciais em Rondonópolis entre 1950 a 1970.
Fonte: Elaborada a partir das informações obtidas com as entrevistas.⁵⁵

As Avenidas Amazonas e Marechal Rondon foram o espaço onde se estabeleceu o comércio de sírios, libaneses e palestinos. José Salmen Hanze era o que possuía maior número de estabelecimentos comerciais: Um comércio de secos e molhados, uma beneficiadora, uma olaria, um posto de gasolina, um hotel, uma emissora de rádio.

Entre 1950 a 1970, José Youssef possuía apenas uma casa comercial de secos e molhados. O libanês Ali Dib tinha um comércio de roupas feitas e um armazém de secos e molhados. O palestino Mahomed possuía uma livraria e uma loja de peças. Nabi, Jamal e Zen vendiam roupas feitas. Bad e Omar vendiam tecidos e Ibrahim Zaher vendia carros.

A cidade de Rondonópolis cresceu. Uns partiram, outros ficaram e se solidificaram, fincaram raízes, constituíram suas famílias, mudando o aspecto da cidade. Segundo Certeau (1996, p. 45) “[...] a cidade é, no sentido forte, “poetizada” pelo sujeito: este a re-fabricou para o seu uso próprio desmontando as correntes do aparelho urbano: ele impõe à ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço”.

A Avenida Marechal Rondon se modificou, diferenciando-se das ruas de chão batido. Hoje o asfalto cobre tudo, abafando a poeira que era levantada pelas Rurais Willys e pelas carroças. Hoje o guarda de trânsito conduz o pedestre na faixa, a carroça e o carroceiro já não mais transitam pelas ruas que deram lugar aos carros de luxo. As árvores foram todas cortadas, não há mais sombra nas calçadas. O cenário se transformou, pois os comércios com suas portas abertas deram lugar às fachadas de vidro, onde o freguês adentra para comprar e se resfriar no ar condicionado.

⁵⁵ Esses estabelecimentos citados na tabela são apenas na zona urbana.



Figura 14: Avenida Marechal Rondon. Década de 1960.
Fonte: Acervo José Youssef.



Figura 15: Avenida Marechal Rondon, 2006.
Fonte: Acervo da autora.

O despojamento destes imigrantes a determinação e a preocupação com o futuro forçaram os mascates, comerciantes varejistas, empresários, a não ter uma vida de ostentação,

de luxo, nem para si e nem para sua família. Entre as décadas de 50 a 70 moravam em casas bem simples, que não demonstravam o que possuíam. Alguns deles moravam no fundo da loja, podendo assim ficar mais próximo da família. Carro, somente José Turquinho possuía, para poder fazer o comércio. Nos dias de hoje é possível localizar prédios de arquitetura sofisticada onde residem os velhos comerciantes e suas famílias.

Um dos elementos que caracterizava o árabe no Brasil é a sua capacidade de poupança, de economizar, mesmo que para isto tenham que passar por muitas dificuldades. Abdicam de confortos, morando no fundo da loja para estar sempre presente, para ficar de “olho” no movimento. Morando no mesmo prédio, eles mesmos trabalhavam na loja, não precisando contratar funcionários.

Os imigrantes “turcos” em Rondonópolis, como os de outras partes do Brasil, tinham como objetivo juntar dinheiro para enriquecer e retornar à sua pátria, demonstrando para os patrícios que alcançaram o sucesso. Era uma honra para a família que estava na pátria mãe, à espera de seus filhos que retornavam. Os dados obtidos na pesquisa revelam que para muitos deles o sonho de retornar não foi concretizado. Da relação de comerciantes citados, apenas dois, que já não vivem mais, retornaram definitivamente. Os demais chegaram a visitarem a pátria, mas não permaneceram. Tinham a convicção de que aqui no Brasil se ganhava mais dinheiro. Para isto bastava trabalhar, e isto eles sabiam fazer bem.

Quando indagados sobre o porquê de não querer voltar mais para sua terra de origem, a maioria dos depoentes afirmou que “aqui se vive em paz, não tem guerra”.

Alguns destes comerciantes árabes enviaram dinheiro do Brasil para ser investido no Líbano, Palestina e Síria, na compra de terras e prédios. Segundo eles, para beneficiar seus parentes que ainda permaneciam lá. A maioria deles veio só, apenas com a promessa do casamento. Dois destes entrevistados retornaram apenas para o casamento. Trouxeram a mulher, e aqui tiveram seus filhos, que eles fizeram questão de mandar para o Líbano para aperfeiçoar a língua e conhecer os parentes.

Hoje, depois de três décadas e meia de lutas para conquistar um espaço no comércio, estes homens estão velhos, não mais falando em português. Dizem que por causa da velhice só falam em árabe. Foi assim com o senhor Assad. Mas, no desenrolar da conversa, em que o filho fez o papel de tradutor, se entusiasma e deixa escapar o português carregado de sotaque árabe.

Seus filhos assumiram a frente dos negócios. “Pegaram” o que já estava solidificado, permaneceram. Hoje os filhos não colocam mais os tecidos pendurados nas portas. Usam vitrines, e as moças não precisam mais gritar para os fregueses na rua. Usam os manequins.

Nas ruas já não gritam mais o valor das mercadorias, que hoje está impresso na propaganda dos folhetins impressos.



Figura 16. - Av. Marechal Rondon década de 70.
Acervo: José Youssef.



Figura 17: Av. Marechal Rondon década de 2006.
Acervo: Acervo da Autora

As lembranças de um tempo passado se refletem no presente e constroem as lembranças do futuro, com a garantia de uma promessa profetizada no livro do Alcorão: “Do pó veio o homem, e ao pó retornará o homem”. Os “turcos” se fizeram presentes no comércio de Rondonópolis, integraram-se, mesclaram-se com seu povo, seu clima, suas alegrias e tristezas, sempre com a certeza de um dia retornar, para passear e matar as saudades dos seus vales, das montanhas e de sua gente.

Os velhos comerciantes, mesmo com as dificuldades da velhice, ainda fazem questão de acompanhar os negócios. Acordam cedo e vão para a loja, administradas por seus filhos e netos. Convidei três deles para me acompanhar em um passeio a pé pelas avenidas Amazonas e Marechal Rondon, em uma manhã de domingo, quando o trânsito estava calmo. Precisava fazer a localização das lojas dos comerciantes árabes nas décadas de 50 a 70.

Sáímos da Praça dos Carreiros, descemos a Avenida Marechal Rondon até chegar no antigo Porto do Rio Vermelho, hoje denominado de Porto do Cais. Um passeio espetacular, não só pelo fato de caminhar para identificar lugares, como pela oportunidade de ouvi-los; o jeito de falar, as discussões entre eles, discordando das atitudes dos “turcos” daquele tempo.



Figura 18: Balsa: Travessia do Porto do Rio Vermelho – 1950
Acervo: Henrique Nunes.



Figura 19: Final da Avenida Marechal Rondon, hoje Porto do Cais às margens do Rio Vermelho, 2006.

Acervo: Acervo da Autora.

O tempo⁵⁶ não é mais o aliado daqueles homens. O senhor Henrique, o senhor Assad e Salomão, este último o mais novo deles, discordava sempre, mas no final falavam em árabe e parecia ficar tudo bem. Presenciei cenas esplêndidas, manifestações de respeito para com os mais velhos. Relembrou de acontecimentos que eles poderiam descrever ou narrar.

Naquele momento eu era apenas a espectadora das lembranças daqueles três homens: um brasileiro, um libanês e um palestino, oriundos de países diferentes, hóspedes em terras brasileiras, concorrentes do senhor Henrique no comércio. A cidade de Rondonópolis no processo de colonização “abriu” os espaços para que estes imigrantes e migrantes pudessem ocupar seus espaços.

Neto (2005, p.33) escreveu que “As pessoas crescem, vivem e morrem e é no cotidiano que a vida delas se realiza e pode se realizar banalmente ou na sua plenitude”.

Esse relacionamento multifacetado de brasileiro e árabe apresentou ruas como um lugar de passagem, de circulação. Falaram com tanta emoção daqueles tempos, mesmo com o

⁵⁶ As atuais discussões sobre as relações entre tempo e espaço levam a compreensão de todo um inseparável, no qual o tempo assume o papel de uma dimensão, complementando as três dimensões do espaço. Para uma melhor análise sobre o assunto ver duas obras; Milton Santos, “Técnica, Espaço Tempo”, 1994, p.38 ou Henri Lefebvre, “De Lo Rural a Lo Urbano”, 1978, p.87.

corpo envergado pela idade e pelo trabalho de carregar pesadas malas no tempo em que foram mascates. Os depoimentos dos velhos imigrantes “turcos”, mascates e comerciantes permitiram retornar, pelas lembranças, ao tempo em que tudo começou: 1950, 1960, 1970... 2000.

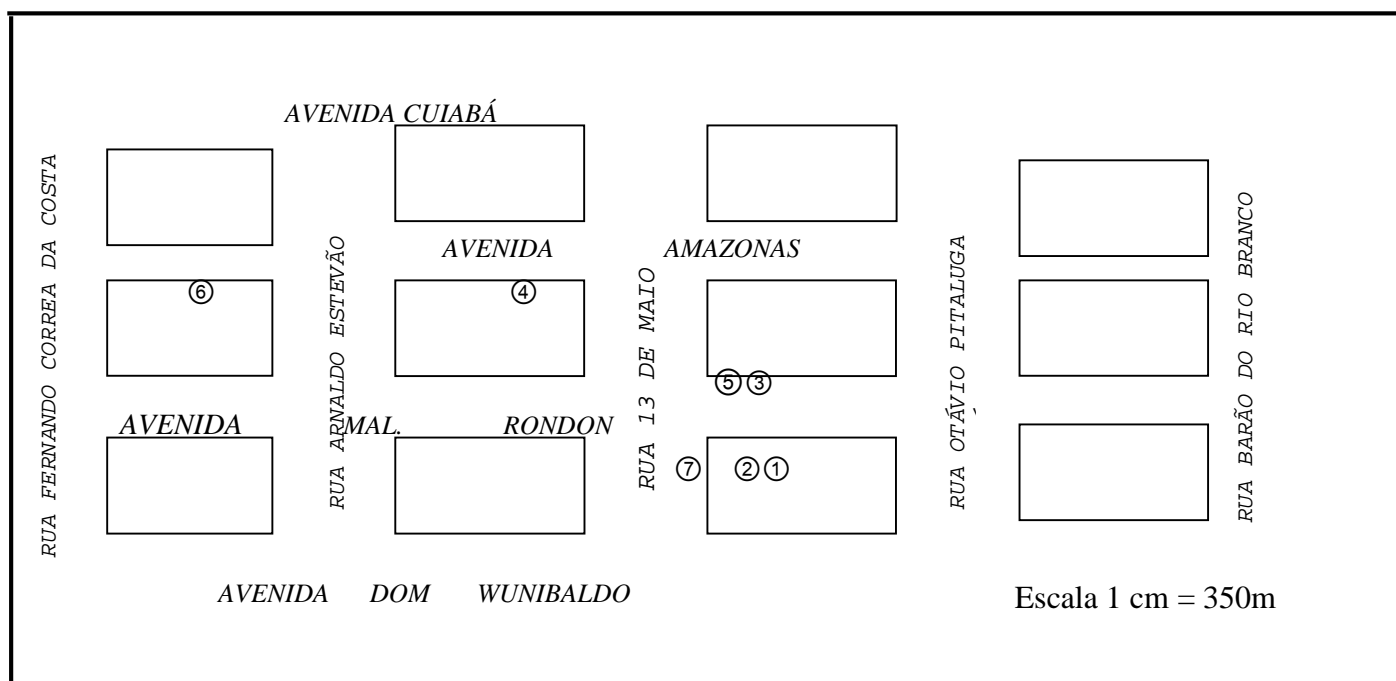


Figura 20: Lojas de comerciantes árabes em Rondonópolis – MT
 Fonte: Pesquisa da autora, 2005
 Organização e Desenho: José Adolfo I. Sturza

Lojas:

- ① A Princesinha (1955 – 80)
- ② Armazém Santa Cecília (1956 – 80)
- ③ Casa Jerusalém (1954 – 85)
- ④ Casa Libanesa (1954 – 73)
- ⑤ Casa Palestina (1959 – 85)
- ⑥ Casa Raner (?)
- ⑦ Empório Nasser (?)

4.2 A apropriação das terras públicas em Rondonópolis.

A primeira geração de imigrantes árabes de Rondonópolis e circunvizinhanças (Itiquira, Birro, Jibóia, Ahumas, Nova Galiléia, São José do Povo), dedicou-se ao comércio ambulante e, posteriormente, ao comércio nos armazéns de secos e molhados. Para eles, o

comércio era a melhor resposta ao desafio de enriquecer rápido e voltar para sua terra de origem, que era seu principal objetivo.

A origem dos imigrantes árabes entrevistados para esta pesquisa está ligada à agricultura no seu país, no Oriente Médio. Todos os entrevistados eram agricultores ou filhos de agricultores que cultivavam cereais e frutas, ou criadores de cabras e camelos. As famílias de José Salmen Hanze e Youssef cultivavam terras arrendadas, negociando os produtos da colheita.

Aqui no Brasil poucos continuaram como agricultores ou criadores de pequenos animais. No início desta pesquisa o que me chamou a atenção foi a diversificação das mercadorias comercializadas por José Salmen Hanze (Zé Turquinho). Os produtos vendidos por ele eram sal, querosene, diamante e gado. Ao contrário dos seus patrícios, que chegavam sem dinheiro, Zé Turquinho chegou em Rondonópolis, em 1947, com C\$700,00 que ele acumulara negociando em Itiquira. Foi com este capital acumulado no comércio ambulante, que ele deu início ao negócio com terras em Rondonópolis.

No ano de 1950, Zé Turquinho conheceu o deputado Rachid Mamed. Antes de tudo é preciso compreender o processo de ocupação das terras em Rondonópolis, que se dá em três períodos distintos. De 1901-1930 a ocupação tinha como objetivo os garimpos de Poxoréo, Itiquira. De 1968 a 1980, durante o período militar, a SUDAM com os incentivos fiscais e a regularização das terras devolutas promovida pelo INCRA estimularam a migração de empresários e pequenos produtores para Mato Grosso.

Neste contexto de política de ocupação e colonização o governo passou a conceder incentivos fiscais para os empresários do centro sul. O discurso do governo Mal. Castelo Branco em 1966, sublinha a importância da SUDAM⁵⁷ e BASA⁵⁸, dentro do projeto “ocupação da Amazônia”, “[...] SUDAM e BASA constituem os organismos executores básicos deste propósito, o qual se baseia em uma aliança entre o governo e a iniciativa privada⁵⁹”. A SUDAM e o BASA favoreciam só os grandes projetos na Amazônia. A colonização, a reforma agrária e regularização fundiária eram de responsabilidade do INCRA.

De 1902 a 1920, chegaram ao povoado do Rio Vermelho goianos e mineiros. Segundo Tesouro (1993, p.26), em 1915 “chegou a formar um povoado em torno de sessenta a setenta famílias, com certa organização política, economia de subsistência, sociedade tipo

⁵⁷ Em 1953 o órgão do Governo que concedia incentivos fiscais para atrair capitais era denominado de SPVEA, Superintendência efetivada, em 1966 é transformada em SUDAM. Para melhor esclarecimento deste processo em Rondonópolis consultar TESOURO, p. 30.

⁵⁸ BASA: Banco da Amazônia.

⁵⁹ Discurso do Mal. Castelo Branco: “A Indústria Brasileira e a Amazônia, na Confederação Nacional da Indústria (1969).

comunitária [...]”. Neste período, devido às enchentes, epidemias como o fogo selvagem, ataque de índios e onças, essas famílias abandonam o lugar.

São muitas as divergências em torno do processo de ocupação. A disputa se refere a quem chegou primeiro, ou seja, quem é “pioneiro”⁶⁰. O objetivo deste trabalho não é encontrar pioneiros, mas entender o processo histórico e o desenvolvimento do comércio de Rondonópolis com a chegada dos imigrantes árabes.

O senhor Bittencourt Lopes Esteves⁶¹, filho de um goiano da cidade de Palmeiras relatou que:

Olha o que eu sei é que por causa do garimpo e dos garimpeiros do vale do São Lourenço, por volta de 1924 o vilarejo do Rio Vermelho começa a ter gente novamente. De 1922 a 1930 tem a construção das linhas telegráficas, a balsa começou a funcionar. Em 1926, a construção da estrada Cuiabá-Coxim em 1929, pelo ano de 1930 chegaram alguns missionários protestantes. Só que novamente o “inferno” do fogo selvagem reapareceu, morreu muita gente, tinha uma praga de mosquitos que atacava tudo, as pessoas as lavouras. Esse Rio Vermelho não perdoava com as enchentes de janeiro a março. Então posso dizer que em 1940 só tinha cinco casas, em 1942, só três, e assim mesmo uma era de um índio que era o guarda do Correio, era uma barraca de palha.

Em 1947 já tem a estrada oficial de Cuiabá a Rondonópolis e de Rondonópolis a Alto Araguaia. A abertura da estrada ligando Rondonópolis a Campo Grande teve início em 1947. Esta rodovia, com 700 quilômetros, liga o Norte ao Sul do Estado, foi construída pelo Governo Federal, durante o mandato do governador Arnaldo Estevão de Figueiredo.

Esta estrada possibilitou a vinda de muitos migrantes, os quais vieram em busca de terras baratas. O Distrito passa a ser um intermediário da capital Cuiabá com as fronteiras dos outros estados.

De acordo com o Censo de 1950⁶², Rondonópolis, que era Distrito de Poxoréo, apresenta os seguintes dados.

População Urbana:	951 habitantes.
População Rural:	1.937 habitantes.
Total:	2.888 Habitantes.

Tabela 04: População de Rondonópolis em 1950
Fonte: IBGE.MT. Censo 1950.

⁶⁰ Na cidade de Rondonópolis há sempre uma divergência entre a população antiga da cidade e os historiadores; de que aqueles que chegaram primeiro são os pioneiros e não se sentem reconhecidos como tal. Há de analisar com mais detalhes os conceitos do que é ser pioneiro.

⁶¹ Bitencourt Lopes Esteves nasceu no Povoado do Rio Vermelho, foi professor, telegrafista, marceneiro, comprador de couro, sapateiro, agricultor, cobrador, pecuarista e jogador de carteadado, diga-se de passagem um profissional. Cursilista, exerce a função de ministro da Eucaristia da Paróquia do Bom Pastor. Entrevista concedida em agosto/setembro/outubro de 2000. Ao transcrever esta fita ele já havia falecido.

⁶² Censo de 1950. IBGE. Documento na pasta do ano de 1950, ainda não catalogada pelo Instituto em Cuiabá-MT.

Em 1950 observou-se uma retomada do crescimento populacional de Rondonópolis. Naquele momento o governo do Estado objetiva a política de ocupação das terras devolutas, considerando que era preciso fixar a mão de obra ociosa dos garimpeiros de Alto Araguaia, Itiquira, Poxoréo e Cuiabá. Segundo o senhor Bittencourt, estas áreas de garimpo, que funcionavam desde 1920, estavam em decadência.

A Lei de Terras em Mato Grosso foi criada em 1892, estabelecendo novas políticas agrárias. Neste contexto faz-se necessário entender de maneira sucinta a Lei de Terras de 1850. Silva (1990, p.419), em sua tese de doutorado, faz um estudo aprofundado acerca deste assunto. Segundo a autora,

A Lei de 1850, veio entre outras coisas, para vedar esta forma de aquisição de terras devolutas pelos particulares e fazer voltar o sistema de concessão de terras, outorgadas pelo Estado, agora não mais concessões por sesmarias, mas venda de lotes coloniais. Deste modo, o Estado procurava afirmar a exclusividade dos seus direitos sobre as terras vagas, conforme o artigo 1º da Lei de 1850: Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja a compra [...] A conclusão de que as terras devolutas, por tudo que foi dito, pertenciam ao domínio público do Estado, não foi, entretanto, de modo algum, aquela à qual chegou à maioria dos juristas e legisladores, desde o Império até a Primeira República.

Cem anos depois da Lei de Terras de 1850, a Lei passou por uma nova reestruturação, administrativa e política. Mas isto não foi suficiente para banir a apropriação de bens públicos por parte de muitos. José Salmen Hanze adquiriu suas terras de forma ilícita, apropriando-se de terras devolutas, recebendo-as como garantia de pagamento do dinheiro que emprestava aos pequenos proprietários de terra. De acordo com Castro (2002, p.62) que fez um estudo acerca da política de ocupação de Mato Grosso através da colonização oficial:

A partir de 1950, houve uma redefinição da política de ocupação e colonização de Mato Grosso visando à incorporação da fronteira agrícola da região à economia nacional. [...] No decurso das décadas de 50 a 60, foram parcialmente implantadas 29 colônias oficiais que ocuparam 400.668ha., área esta equivalente a 0,32% da superfície do antigo Estado de Mato Grosso [...].

O senhor Bittencourt relata que não foram só garimpeiros em decadência que vieram para Rondonópolis. Segundo o depoente, vieram:

“[...] baianos, cearenses, mineiros e capixabas que trabalhavam nas lavouras de café de São Paulo e Paraná. Veio também italiano, japonês e espanhol, todos eram colonos das fazendas de café lá do noroeste de São Paulo. [...]”

Neste processo vai aparecer um personagem denominado Tertuliano Vieira Albergaria da cidade de Marília-SP, dono da Colonizadora Noretama, vindo para Rondonópolis a convite de Candido Mariano da Silva Rondon. O projeto de Rondon era fazer renascer o distrito de Rondonópolis. Rondon possuía a Fazenda Velha, na região do Jurigue,

onde construiu sua casa. Rondon adquiriu estas terras em um acordo político com o deputado Major Otávio Pitaluga. Não só as terras, mas o nome da cidade de Rondonópolis também foi uma homenagem de Pitaluga a Rondon, pois antes era o Povoado do Rio Vermelho.

Tertuliano Albergaria era conhecido por ser um grande propagandista e vendedor de terras, que ergueu Marília e outras cidades em São Paulo, Bahia e Paraná. Rondon o convidou para ir a Rondonópolis para conhecer a região e poder traçar um mapa das terras de Rondonópolis. Ele mesmo organizou um mapa assinalando todos os pontos, glebas de terras com seus rios e relevo.

Na propaganda das terras de Rondonópolis, divulgada por Tertuliano, estava escrito que eram terras do “paraíso”, terra boa de muito progresso e futuro. Que tinha meios para sobrevivência. A propaganda da terra era tentadora. A notícia correu, atraindo compradores mineiros, goianos, paulistas e baianos.

O próprio Tertuliano era o corretor, vendendo e fazendo a propaganda. Porém as terras apresentadas por ele no mapa eram terras pertencentes aos índios Bororos e terras devolutas do Estado, destinadas a projetos de colonização. Eram terras localizadas no cerrado grosso na região da Paulista, terra ruim e arenosa.

Ainda seguindo a análise de Castro (2002, p.63) acerca do processo de colonização em Mato Grosso, diz que:

No que se refere à colonização particular ou privada, no Estado de Mato Grosso, ela adquire maior expansão na década de 50. [...], não teve muito êxito, porque ocorreu com muitas irregularidades. A documentação de propriedade fornecida diretamente pelo governo através de seus órgãos credenciados encontrava-se á margem das exigências legais.

Tertuliano avaliava essas terras como promissoras, mas, segundo o senhor Henrique, “aqui só tinha mato, mosquitos areia e piçarra”.

O depoente senhor Henrique relata que, a maior parte dos compradores de terras nesta área eram do Estado de São Paulo. O comprador escolhia a área através do mapa, assinalando o lugar onde desejava comprar a terra. Mas na realidade este lugar não existia.

Acertado o negócio, o comprador dava uma entrada. Assinava um documento, mas o Tertuliano “não dava nem um comprovante”. Depois ele desenhava outro mapa e vendia as mesmas áreas já vendidas anteriormente. Até o corretor, quando chegava a Rondonópolis, não mais era o mesmo. Era para evitar perguntas acerca das outras terras vendidas.

Seu Henrique e sua família eram sitiantes em Minas Gerais. Ele comprou mil alqueires. Até caminhão para chegar até em Rondonópolis a Colonizadora ofereceu. Seu Henrique conta “que até desenhos de gente cortando madeira, carpindo roças de café, tinha no

folheto de propaganda”. Isto fez com que muitas famílias sonhassem com uma área de terra. Afinal estava começando um novo “eldorado”, pois era assim que Tertuliano dizia. A afirmação veio do senhor Aristides Santarém⁶³:

Saí de Minas Gerais em 1946, eu e meu pai, e mais a mulher, pois eu tinha acabado de casar. Ficamos sabendo das terras em Rondonópolis através de um corretor por nome de Santana, mostrou o mapa, falou que as terras eram muito boas para plantar arroz e milho, dizia que era só ter vontade de trabalhar. Meu pai escolheu a terra e pagamos cinco mil contos, compramos 25 alqueires. O corretor disse que não precisava preocupar com mudança, porque o caminhão era por conta deles. E assim foi. Chegamos ao Rio Vermelho atravessamos a balsa e fomos para a tal da Paulista, no desenho do mapa localizamos onde supostamente nós tínhamos comprado. Mas acontece que o mesmo lugar já tinha sido comprado por um paulista de nome Tota. Foi grande a decepção nossa e do homem, aí entendemos que tinham passado nós pra trás. Vou dizer só não passamos fome, porque nunca tive preguiça, do peixe até ao tatu nós comia, pois não tinha outro recurso.

Foram muitas as famílias que caíram “no conto do vigário”, ou melhor, no conto do Tertuliano. Pois as terras “vendidas” por ele eram do projeto de colonização do governo. Eram oferecidos de mil a dez mil hectares a cada requerente. Depois de toda essa enganação que o Tertuliano fez, as famílias perderam seu dinheiro, porque os lotes não existiam. Então o governador do Estado, Arnaldo Estevão de Figueiredo, passou a organizar a distribuição dos lotes por intermédio do engenheiro Uitra Correia Barbosa, nomeado como fiscal das colônias da região de Rondonópolis.

José Salmen Hanze se interessou em adquirir terras. Pediu ajuda ao deputado patricio Rachid Mamed. Como José não era naturalizado brasileiro, Rachid Mamed orientou-o a não requerer terras em seu nome, mas no nome de outras pessoas.

José Turquinho requereu quatro áreas de terra. Pôs cada lote no nome de uma pessoa diferente. Quem arranjava os nomes era seu melhor amigo Oscar Escoleno. Segundo José Sobrinho, cada área requerida por José Turquinho tinha dez mil hectares⁶⁴. A área total requerida do Estado, entre o Lageado⁶⁵ e Rondonópolis, com a ajuda de Rachid Mamed, somava quarenta mil hectares.

⁶³ Aristides Santarém, nascido em Livramento em Minas Gerais, chegou em Rondonópolis em 1946. É lavrador aposentado e mora na cidade de Guiratinga (MT). Entrevista concedida em julho de 2005.

⁶⁴ O hectare é a medida oficial brasileira, (10.000m²), para avaliar o tamanho dos estabelecimentos fundiários, existem também outros tipos de medida regionais, o alqueire goiano (4,84 ha.). Em Rondonópolis, na compra e venda destas terras foram utilizados os alqueires paulistas (2,42 ha.).

⁶⁵ Lageado fica na região alta de Vila Operária, saída para Poxoréo, próxima a região de Mata Grande, Pequi, Macaco, hoje já não existe mais este lugar. Era uma região de piçarra, tinha muitas olarias, inclusive José Turquinho possuía uma lá.

Segundo relato de José Sobrinho, seu tio José Turquinho tratou logo de arrumar um engenheiro para medir suas terras. Era um alemão, chamado Johnson . Ele media a terra e colocava os marcos de madeira conforme os limites que constavam nos seus requerimentos.

Em 1947 chegou à Rondonópolis, o senhor Francisco Goulart, dono de cinquenta mil hectares de terra, requeridas na zona de Santo Antonio do Rio Vermelho, (Colônia do Marajá, próximo a Pedra Preta) Ponte de Pedra. Goulart vendeu para José Turquinho 5 mil hectares distribuídos nos limites do Córrego do Lageadinho, Vila Operária, Caixa d'água (hoje avenida D. Pedro II), Somai (hoje altos da Fernando Correa), Cerâmica São Pedro (atualmente no final da Presidente Médice), Rio Vermelho, Furninhas e Dr. Osvaldo (direção da gleba Rio Vermelho).

Francisco Goulart ainda tinha terras para vender para José Turquinho, na saída para Cuiabá. Na dúvida quanto ao negócio, foi consultar o amigo deputado que deu sinal “verde” para a compra. Mas como José não possuía dinheiro suficiente, o deputado Rachid garantiu-lhe empréstimos junto ao Banco do Brasil. José prometeu 25% do valor da venda de todos os loteamentos ao deputado Rachid Mamed.

O senhor José Sobrinho contou que estas terras eram boas, localizadas na parte mais alta da cidade. Nos dias de hoje os jovens escalam a caixa d'água ao lado do antigo aeroporto, de onde têm uma visão de toda a cidade.

Segundo relato de José Sobrinho, havia um caminho que acompanhava a linha telegráfica, com o seguinte percurso: da estação do Correio no final da avenida marechal Rondon, subindo saía onde está hoje a Vila Birigui (Perto da Santa Casa), subindo até chegar ao antigo aeroporto (hoje Vila Adriana), São Lourenço de Fátima e Cuiabá. Por isto ele tinha interesse em adquirir aquelas terras.

José Turquinho começou a lotear suas terras, medidas pelo agrimensor Johnson. Turquinho nunca deixava o agrimensor trabalhar sozinho. Estava sempre junto na abertura do cerrado, palmo a palmo, mão a mão.

No início, José Turquinho se hospedava na pensão em Rondonópolis, porque não possuía casa para morar. Segundo seu sobrinho, José dormiu muitas vezes no mato usando apenas a rede, da qual ele não se separava. Tudo isto com intuito de economizar para ficar rico e voltar para o Líbano.

Toda a área que hoje compreende as margens do Rio Vermelho atravessando a Presidente Médici, até os limites da vila Birigui, pertencia a José Turquinho à qual ele deu o nome de loteamento Cidade Salmen, em homenagem ao seu pai.

Naquele local ele queria construir uma cidade, que fosse diferente. Ruas largas e canteiros ao meio. O loteamento que ele pretendia transformar em cidade ficava na parte alta da cidade na saída para Cuiabá, às margens da Br 364, circunvizinhando o Rio Vermelho até o Lageadinho. Cada lote custava 10 contos de réis.

José Turquinho contratou muitos corretores, os quais ele mandou para fora do Estado para vender estes lotes. O senhor José Sobrinho contava que, quando o tio saía com o facão na mão para cortar os marcos dos terrenos, sempre dizia;

“Youssef, você lembra das ruas de Beirute? Eu quero que aqui seja assim. Vou construir um aeroporto, pois ai poderá ter do nosso lado mais hotéis, mais restaurantes, a rodoviária pode ficar do lado de lá, pois um dia ela sai de lá, a cidade vai ficar grande, então ela virá para cá. Nossas casas serão iguais às do Líbano”.

Enquanto bebia uma xícara de café turco, com o olhar sempre direcionado para além da janela de sua sala, José Sobrinho parecia ainda ouvir a profecia do seu tio. A cidade de Rondonópolis cresceu e a rodoviária teve que mudar para o lado de “cá”, não na Cidade Salmen, mas para um terreno que foi doado por José Sobrinho para que a Prefeitura pudesse construir a nova Estação.

Morador do Bairro Monte Líbano, José Sobrinho se debruça na janela de sua casa, como se dali pudesse enxergar toda a extensão das terras apropriadas pelo seu tio José Turquinho. José Sobrinho disse que os moradores da parte baixa da cidade (avenidas Amazonas e Marechal Rondon) acreditavam que, com o avanço deste novo loteamento, logo sairia uma estrada ligando Campo Grande a Cuiabá.

A Cidade Salmen estava estrategicamente muita bem localizada, e os comerciantes brasileiros ficaram preocupados com os seus negócios, porque o pólo ou centro comercial de Rondonópolis poderia mudar (parte central) para a Cidade Salmen.

Depois de feito o loteamento era preciso pensar na abertura das ruas, e José Sobrinho não queria ruas iguais às de Rondonópolis. Então contratou mão-de-obra e abriu uma rua que hoje se chama Presidente Médici, com quarenta metros de largura, com um canteiro central ajardinado. No início da avenida Fernando Corrêa construiu um trevo ligando à avenida Fernando Corrêa, que vai até o Monte Líbano, localizado na área loteada por José Turquinho.

O restante das ruas da Cidade Salmen era de vinte metros de largura. José Sobrinho dizia que “tudo era diferente e bem melhor que as ruas existentes em Rondonópolis”.

José Turquinho, em 1952, já era conhecido como um homem muito rico, não pelo seu comércio, que vai surgir a partir de 1953, mas rico pela extensão das terras que possuía, em muitas fazendas. O Governo do Estado também foi responsável pela venda de grandes

áreas como as de Naboreiro, Paulista, Campo Limpo e Macaco, essas áreas foram adquiridas por José Turquinho.

As terras maiores eram muito mais baratas. Eram extensões de cerrado e campo que não eram apropriadas para o cultivo. Segundo José Sobrinho, os valores eram abaixo do preço de mercado de São Paulo, podendo pagar em três vezes.

O senhor Trajano Binardi⁶⁶ foi capataz na fazenda de José Turquinho em 1952. Mesmo estando muito velho e doente, ainda se dispôs a falar dos tempos em que desmatou a fazenda Libanesa, e tocava o gado.

Cheguei a Rondonópolis em 1950, não tinha paradeiro, trabalhei no garimpo de Poxoréo, depois fui para os garimpos de Itiquira, foi lá que conheci seu José Turquinho, garimpava e as pedras que eu pegava vendia tudo pra ele. Um dia ele chegou e perguntou pra mim se eu não queria trabalhar pra ele em umas terras que ele comprou em Rondonópolis. A proposta foi boa, eu podia construir um barraco pra mim, ele me daria a comida. Olha assombrei, era só cerrado e cupim. Armei-me de machado, enxada e facão, foi muito tempo de serviço. Aí no meio do ano seu José trouxe o gado. Foram dez anos nesta vida, aí uma cobra cascavel me picou, deu umas complicações e tiveram que cortar a minha perna.

Johnson, o agrimensor, continuava trabalhando para José Turquinho, medindo os lotes que seriam repartidos e vendidos para se transformarem em chácaras. Os lotes eram de vários tamanhos. Os maiores mediam vinte hectares, os menores quatro hectares. Os clientes vinham de vários lugares de todo o Brasil, para comprar lotes e formar suas chácaras, plantar arroz, milho, feijão e construir seus ranchos para moradia.

É neste contexto que o irmão e os sobrinhos de José Turquinho chegaram a Rondonópolis. Turquinho precisava da ajuda dos seus parentes, para estabelecer o seu comércio, e para poder ampliar e diversificar seus negócios, já que se implantava uma nova política de doação de terras no Estado.

Os pequenos produtores estabelecidos plantavam lavouras de mandioca, milho e feijão, arroz, algodão, e alguns já criavam gado para recria. Construía suas tuias para armazenar os grãos. Não havia máquinas de beneficiamento, nem era possível levar os produtos para outras cidades devido à falta de estradas. O arroz ficava na tuia à espera de algum comprador. Então José Turquinho começa a diversificar seus negócios, instalando máquinas de beneficiar arroz.

José Sobrinho, em seu relato, analisa como o seu tio tinha uma visão dos negócios.

⁶⁶ O senhor Trajano Binardi é paulista de São Vicente, chegou a Mato Grosso em 1945, e, em Rondonópolis, em 1950, foi garimpeiro, capataz, tocador de gado e agricultor. Hoje é aposentado e mora numa casa de abrigo para idosos em Rondonópolis.

“Meu tio José Turquinho nunca “passava os carros adiante dos bois”. Falava que a guerra pegava o nosso povo desprevenido. Mas em relação aos negócios isto não podia, porque tudo vale dinheiro. Ensinava que para uma planta crescer era preciso cuidar lá do início, senão criava broca. Os galhos só cresciam depois de ter um tronco. Por isto, primeiro tinha que ter terras, depois quando cada um estivesse em seu lugar plantando e colhendo era hora de ter máquinas para beneficiar os grãos. Então todo o agricultor tinha que passar nas mãos dele”.

José Turquinho tornou-se um grande latifundiário. Ele adquiriu terras devolutas em 1948, entre São José do Povo e Rondonópolis. Quando dividiu e vendeu os lotes dizia: “José dá terras ao povo”, de onde o nome “São José do Povo”. José Turquinho garantia que as terras não seriam “invadidas”, quando o proprietário comprava e não tomava posse. Caso não pagasse rigorosamente em dia podia passar muitos anos e quando o dono retornasse não tinha juros. Turquinho renegociava a dívida e não deixava o freguês sem sua terra.

Dona Celina Vasconcelos⁶⁷, paulista, foi uma das primeiras moradoras a comprar lote em São José do Povo. Ao relatar a chegada de sua família em Mato Grosso no ano de 1948, dona Celina não esconde suas emoções. As dificuldades que enfrentaram para desbravar a terra, formar a roça, criar os filhos, todos eles pequenos em um lugar onde não havia nenhuma infra-estrutura.

Conversando com Dona Celina, ouvindo sua história de vida, perguntando-lhe sobre determinados acontecimentos, esclarecendo certos detalhes foi peregrinar por São José do Povo, ouvindo outros moradores antigos, que não conseguiram largar o cabo da enxada. Continuam trabalhando em seus pequenos lotes, ou sendo meeiros e vivem da agricultura familiar.

A história de dona Celina é semelhante à de muitas outras famílias de mineiros, nordestinos, goianos e paulistas que compraram terras de José Turquinho. Esta senhora de 84 anos contou como compraram as terras em São José do Povo.

Eu e meu marido Paulino morávamos na cidade de Franca-SP, nossa família era de pequenos sitiantes, tinha lá a roça, o gado, de um tudo, nada faltava. Mas o Paulino sempre foi muito aventureiro, então ouviu falar destas terras aqui no Mato Grosso, por causa da propaganda do tal Tertuliano. Vendemos tudo o que tinha, juntamos os minguados de dinheiro e os filhos que eram seis, tudo pequeno e viemos embora. Foi uma viagem difícil, as crianças ficaram doentes no caminho. Quando chegamos em Rondonópolis, era exatamente dia 20 de fevereiro de 1948, ficamos em uma pensão até que meu marido pudesse saber exatamente o que fazer. Foi aí que andando pela corruptela ele encontrou o José Turquinho que tava trazendo

⁶⁷ Celina de Vasconcelos, 84 anos, paulista de Franca- SP. Chegou em São José do Povo em 1948, ela e seu marido Paulino e seis filhos. Foram uma família muito querida, sempre solidários com aqueles que chegavam, tornaram –se líderes comunitários da Igreja Católica, junto com padre Miguel Ortiz. As famílias faziam questão de dar os filhos para o casal batizar, nas dificuldades sempre procuravam seu Paulino e dona Celina. O casal prosperou financeiramente. O senhor Paulino faleceu em 1989, e dona Celina mora em Rondonópolis, junto com seus filhos, e ainda na velhice adotou mais duas crianças. Esta entrevista foi concedida no dias 06, 08/09 de 2004.

mercadorias na balsa. Ele falou para Paulino sobre as terras de São José, que eram boa para a lavoura, que ali podia abrir um comércio. Então o José Turquinho colocou a gente no caminhão e foi levar lá. Não tinha nada só algumas taperas de casa, e terrenos muito alagados que chamava de varjão. Eu sei que compramos muita terra, Paulino deu uma entrada e o restante era para pagar em prestação. Hoje eu não sei o quanto foi de dinheiro, porque é um troca - troca de nome de dinheiro, que eu não sei mais, a única coisa que sei que ficamos sem nada.

Ao remexer estas lembranças dona Celina precisou de um tempo para se recompor, pois falar do passado é gratificante, mas também doído para esta senhora que, como ela mesma diz: “vive das lembranças”

Fomos trabalhar na roça, plantar arroz feijão e milho. Paulino contratou alguns colonos para ajudar, e assim foi por muito tempo. Um dia meu filho, o terceiro ficou doente, diz que foi meningite, morreu, eu fiquei desesperada, falei que ia embora, senão meus filhos iam morrer todos. E fui, voltei para São Paulo, para junto do meu povo. Depois Paulino veio também. Ficamos seis meses sem pagar as prestações das terras, Paulino conseguiu me convencer e eu voltei. Então meu marido foi conversar com o José Turquinho sobre a dívida, ele fez a conta e disse que não tinha juro nenhum, e começava a pagar as prestação de novo, sem tempo certo para terminar. Olha o respeito era grande, ele não deixou que ninguém invadissem nossas terras, no tempo que ficamos fora.

Ao analisar o depoimento de dona Celina, quando ela relata que José Turquinho não cobrava juros quando o comprador retornava e começava a pagar as prestações novamente. Na verdade o comprador perdia tudo o que já havia pagado, começando a pagar do início. José Turquinho apenas não deixava que outro invadissem ou comprasse aquela terra.

Eram pessoas simples, que não conseguiam compreender que estavam sendo exploradas, enxergavam este gesto como uma aparente bondade. De certa forma José Turquinho não perdia e não tomava prejuízo na venda de suas terras.

As entrevistas dos colonos, trabalhadores das fazendas de José Turquinho, José Sobrinho e Naim Charafedine possibilitaram a reconstituição desta trama para a construção da narrativa. Estes três libaneses foram os que mais possuíam terras em Rondonópolis. Os trabalhadores em seus relatos relutaram em responder a algumas perguntas durante a entrevista, relativas ao tempo que esses homens, com suas famílias trabalharam nas terras de Zé Turquinho.

Considerando que fazia apenas três meses que José Turquinho havia falecido, é compreensível certo constrangimento em falar destes problemas.

O senhor Sebastião⁶⁸, um alagoano que trabalhou nas terras de Naim Charafedine durante cerca de trinta anos, concordou em falar. Ele morava na fazenda, na estrada que dá acesso à cidade de Guiratinga, próximo a São José do Povo. Este homem e sua família trabalhavam na terra, plantando arroz, algodão, milho, melancia e pimenta do reino. Trabalhava como arrendatário, comprando o que era necessário para a lavoura: sementes, inseticidas e pagava mão-de-obra. No final da colheita pagava 30% do valor líquido da produção para o dono da terra. O arroz ia todo para as máquinas de beneficiar de José Turquinho.

Segundo o senhor Sebastião, não sobrava nada para ele, porque tinha que pagar máquina para preparar a terra de barro vermelho, pagava caro na semente e no veneno, na colheita tinha que pagar trabalhadores. Isto quando o tempo ajudava. Ele disse que chegou a perder a lavoura inteira de melancia, porque faltou chuva e elas secaram no campo.

Sem contar que, de vez em quando, a família dos árabes iam todos passear na fazenda e levavam de tudo o que tinha por lá. Em 1995 ele teve que deixar a terra, porque o senhor Naim morreu e os herdeiros das terras alugaram tudo para pasto. Sobre sua aposentadoria, pois já é um homem idoso, ele respondeu: “se quis aposentar tive que pagar INSS. Durante muito tempo, nem os anos que trabalhei naquela terra, puxando enxada, eles não quiseram averbar para a aposentadoria”.

Retornando ao loteamento Cidade Salmen, Turquinho tratou logo de colocar uma bomba de gasolina, situada no trevo que liga Rondonópolis a Cuiabá, na Avenida Presidente Médici. As terras e lotes de Turquinho eram muito procurados por compradores. Aproveitando desta procura, ele aumentou o preço dos lotes para dez mil cruzeiros, os do centro da cidade custavam cerca de três mil cruzeiros.

O primeiro prefeito eleito em 1955, o senhor Daniel Martins Moura, recebeu do governador Fernando Corrêa da Costa lotes para serem doados pela Prefeitura Municipal de Rondonópolis.

A Prefeitura loteou a Vila Operária, onde foram residir os trabalhadores. Por este motivo José Turquinho teve que suspender a venda dos loteamentos. Muitas famílias moravam no campo, mas precisavam mandar os filhos para a cidade para poderem estudar, então tinham que construir uma casa. A Prefeitura vendia estes lotes mais baratos, dificultando a venda de lotes de José Turquinho.

⁶⁸ Senhor Sebastião Quirino da Silva, alagoano, agricultor. Trabalhou nas terras de Naim Charafedine durante trinta anos como meeiro. Hoje ele e sua família moram em Rondonópolis e ele é vendedor de frutas na feira livre de Vila Aurora. Entrevista concedida em julho de 2005.

4.3 A cidade Salmen: um sonho que não se concretizou

A cidade que José Salmen Hanze desejou não pôde “vingar”, pois o número de lotes vendidos não foram suficientes para transformar o bairro Salmen na Cidade Salmen .

José deu para os sobrinhos, que muito o ajudaram, vinte hectares de terras, que se transformou na “Fazenda Libanesa” (hoje estrada do anel viário). Financiou para os sobrinhos plantação de café, deu um caminhão para cada um e uma olaria para o senhor Naim. Não vendeu nenhuma de suas propriedades. José Sobrinho relatou que, em 1991, o patrimônio de seu tio José Turquinho foi avaliado em sessenta milhões de dólares⁶⁹ . Muito dinheiro para um mascate de sal no ano 1947.

José Sobrinho seguiu os passos do tio. Comprou terras e começou a lotear. Em Rondonópolis, vários bairros localizados em terras que pertenceram a José Sobrinho receberam nomes árabes.

Muitos moradores destes bairros não conseguem suas escrituras porque a documentação de compra e autorização destes loteamentos nunca foram regularizadas junto à Prefeitura Municipal.

Para entender a questão das terras devolutas do Estado, A Lei de 06 de dezembro de 1949, Código de Terras de Mato Grosso, assinada pelo governador Arnaldo Estevão de Figueiredo, estabelecia condições e obrigações legais para quem requeresse as terras. Os lotes coloniais mediam de dez a cinquenta hectares. O adquirente deveria cultivar a terra e após três anos receberia a documentação definitiva.

De acordo com a referida lei, José Turquinho não poderia requerer as terras devolutas do Estado, porque não era naturalizado brasileiro. Orientado pelo deputado Rachid Mamed, procurou colonos para requerer as terras, os quais seriam seus “testas de ferro”, ou “laranjas”. Foram requeridos mil hectares de terra no nome de cada um destes agricultores. Em um ano foram requeridos 40 mil hectares.

O Código de Terras de Mato Grosso estabelecia regras para receber a documentação definitiva. Os colonos “escolhidos” não tinham recursos para plantar. Então o senhor José Turquinho, com a ajuda de Rachid Mamed, fazia empréstimos junto ao Banco do Brasil. Turquinho repassava os empréstimos para os colonos pagarem no final da colheita.

⁶⁹ O Sr. José Youssef declarou em seus depoimentos que o acúmulo da riqueza do seu tio chegava a 60 milhões de dólares. Indaguei por diversas vezes este montante por considerar um valor muito alto, mas mesmo assim ele insistia em afirmar o citado valor. Portanto qualquer responsabilidade acerca deste valor é do Sr. Youssef.

Entretanto, os juros cobrados por ele eram altos, e a colheita não era suficiente para pagar o empréstimo. José Turquinho exigia como garantia do empréstimo a terra. Depois de completar três anos de permanência na terra, o colono recebia o documento de aforamento e passava o documento para José Turquinho em troca da dívida.

Foi possível localizar dois destes colonos que, em 1947, pegaram dinheiro emprestado de José Turquinho para plantar arroz. O senhor Anísio Balduino,⁷⁰ morador na cidade de Tangará da Serra, serralheiro, fez seu relato muito emocionado. Lembrou-se do tempo em que veio de Minas Gerais cheio de sonhos para ele e sua família. O sonho maior era o de possuir um pedaço de terra para plantar e criar porcos e galinhas.

Já se passaram mais ou menos uns cinqüenta anos. Mas até hoje eu me lembro da vida difícil que passei em Rondonópolis. Sofri duas derrotas, primeiro caí no conto do Tertuliano, vendi minha terra lá em Minas, eram uns poucos hectares, mas dava para fazer um pé de meia. Fiquei sabendo da propaganda das terras por um conterrâneo. Fiz a trouxa e vim para Mato Grosso, deixando mãe, pai, mulher, tinha casado tinha pouco tempo. Vim embora e deixei a mulher com filho na barriga. Dei cento e cinqüenta conto para o Tertuliano para comprar as terras. Quando cheguei não tinha terra nenhuma. Fiquei trabalhando para um e outro em troca de comida, fui para o garimpo de Poxoréo, trabalhei igual condenado, não pegava uma pedra que rendesse só mixaria. Foi quando apareceu a proposta do bendito do “turco”, então eu aceitei, requeri junto ao Estado, foi mil hectares lá na Paulista, terra boa, o rio passava perto. Só que eu não tinha capital para fazer o plantio, o José Turquinho disse que não precisava preocupar que dinheiro ele emprestava, mas a garantia era à terra. Assinei um documento dando essa garantia. Peguei dele quinhentos contos. Plantei arroz, feijão, milho, de um tudo na lavoura. Três anos nesta labuta, recebi o documento da posse da terra, fiquei feliz por demais. Minha família veio tudo lá de Minas. Só que a colheita não dava para pagar o homem, em cinco anos ele tomou a minha terra. Eu tive que honrar meus compromissos feitos com ele. Entreguei o documento da terra, e fiquei trabalhando como meeiro na minha própria terra.

O relato do senhor Anísio demonstra os meios utilizados por José Turquinho para adquirir e legalizar tantas terras em pouco tempo. Ao longo dos anos José Turquinho, em virtude de suas propriedades, tornou-se respeitado, admirado e considerado como “homem bom”, porque possuía terras, onde o trabalhador desamparado podia ficar. Não se podem desprezar os benefícios e benfeitorias que o imigrante libanês fez na cidade de Rondonópolis. Ele foi à luta, passou fome, dispensou todo o conforto que o dinheiro podia oferecer para cada dia acumular riquezas.

Zaidan (2001, p.126) mostrou uma situação semelhante no Pará no início do século XX.

⁷⁰ Anísio Balduino, mineiro, nasceu em 1925, chegou em Rondonópolis em 1947, atraído pela propaganda da terra. Foi embora da cidade em 1985, passou por muitos lugares, até se estabelecer em Tangará da Serra-MT, como serralheiro. Concedeu a entrevista em novembro de 2004.

[...] Atraídos pela fama da borracha e da castanha, os Mutran chegaram a Marabá com pouco capital, mas com ânimo para trabalhar e enriquecer entraram na concorrência da castanha. [...], começou a luta entre os grupos de exploradores para apropriar-se da maior área de castanhais e registrar a terra. [...], muitos pesquisadores ao analisarem a exploração da castanha no Pará, relatam histórias contra a família Mutran, [...], esses autores fazem parecer que os Mutran era a única a explorar os colonos [...].

José Turquinho não foi o único libanês a lidar com a terra e utilizar métodos fraudulentos e ilegais para receber dívidas. José Sobrinho seguiu os passos do tio. Aprendeu com José Turquinho dois provérbios árabes, que durante as entrevistas, José Sobrinho gostava de repetir: “Uns comem carne de galinha e outros caem em armadilha”. “O cachorro do príncipe é príncipe também”.

Foi analisando estes provérbios, que surgiu uma constatação: o libanês José Sobrinho não perdoou nem a dívida do seu patrício, o mascate Mamydauh, que pegava mercadorias para vender do Empório Nasser, de propriedade de José Sobrinho.

Segundo a esposa de Mamydauh, dona Ana⁷¹, seu marido ficou desaparecido por cerca de um ano e seis meses, durante este tempo só teve notícias dele uma vez. Dona Ana conta este fato mergulhando em um passado de muito sofrimento, dor e saudades, pois foi quando ela e seus seis filhos saíram de São José do Povo, em 1979, mudando para Rondonópolis.

Saí de São José do Povo em 1979, carregando em cima de pau de arara, tábuas, panelas e os filhos, saí de lá porque ali não tinha mais futuro para mim e meus filhos, arrisquei com coragem uma mudança. Meu marido Mamydauh, saiu um dia de casa dizendo que ia trabalhar uns dias na fazenda do José Sobrinho, lá pelas bandas do Pantanal, mas que era só um mês, seria para pagar a dívida que tinha com o “turco”, dívidas do tempo da mascateação. Só que o meu marido nunca falava exatamente o que era e nem o valor desta dívida. Então passou um ano sem ter notícias dele. Achei que ele já tinha morrido, ou então foi embora e nos abandonou, por isto resolvi mudar para a cidade de Rondonópolis e começar uma vida nova.

Nesta pausa da entrevista foi preciso buscar fôlego para não deixar que as emoções de dona Ana transbordassem. Deixou transparecer os sentimentos de raiva acerca do libanês José Sobrinho. Em certo momento, ela pede para esperar um pouco, pois tinha algo guardado. Era um bilhete enviado pelo marido em fevereiro de 1980. O pequeno pedaço de papel escrito a lápis, dobrado e redobrado várias vezes por aquela mulher, com o intuito de compreender o que estava escrito nele.

Não foi possível saber com exatidão o que um dia estava escrito ali. Apagadas pelo tempo, as letras sumiram do papel. Ainda foi possível decifrar a palavra “vazenda”, que

⁷¹ Dona Ana senhora de 61 anos residente em Rondonópolis, foi mulher do Mamydauh, nunca casou com ele no papel, pois ela é brasileira e católica. Dedicou sua vida às lembranças do seu grande amor. Criou seus seis filhos sozinha desde a morte do seu marido em 1983. Entrevista concedida em julho de 2005.

significa fazenda. Abraços nos filhos e querida esposa. Mas dona Ana relatou o que estava escrito naquele pedaço de papel que recebeu em 1980.

Um dia pela manhã, bateu palmas na minha casa, fui ver quem era, um homem perguntou se ali morava a família do “turco”, respondi que sim, então ele entregou um bilhete. Abri, estava escrito assim: “Querida Ana estou em uma fazenda do José Sobrinho, dizem que fica no Pantanal, e eu acho que é mesmo, pois escuto o turrar das onças a noite, estou sofrendo muito, estou doente, muito magro, aqui é uma solidão. Parece que o que devo para ele não vou conseguir pagar nunca. Da a benção aos meus filhos. Um dia voltarei. Mamydauh”. Então, fiquei sabendo que meu marido estava vivo, fui procurar o José Sobrinho e ele disse que não, que o Mamydauh estava recebendo salário e ele podia sair quando quisesse. Seis meses depois daquele bilhete, jogaram o Mamydauh na minha porta, magro, doente e com doença de Chagas, sem um centavo no bolso e maltrapilho e me disse que nunca mais queria ver a cara daquele “turco”.

José Sobrinho morava em Rondonópolis, por isto sabia do paradeiro da família do mascate. Dona Ana disse que quando saiu de São José do Povo, não tinha conseguido quitar seu terreno que tinham comprado de José Turquinho. A casa em que morava, feita de adobe, caiu três dias depois que ela mudou-se para Rondonópolis. Esse adobe foi feito por ela e os filhos em um barreiro lá de São José do Povo. A casa foi construída com a ajuda dos vizinhos e do compadre Paulino.

Para completar este quadro geral sobre as terras adquiridas pelos libaneses José Turquinho, José Sobrinho e Naim Charafedine é preciso lembrar que havia a emergência dos projetos de colonização do governo do Estado.

Migrantes de todas as partes do país estavam chegando. Uns ficavam outros partiam em busca de melhores condições de vida. Os libaneses imigrantes em Rondonópolis foram os protagonistas, resistiram, permaneceram, trabalharam e souberam enriquecer.

Seu patrício sírio, porém, foi o *colono*⁷² coadjuvante, que, por não saber puxar o cabo da enxada na roça de José Sobrinho, serviu para bater a picareta no solo e abrir poços d’água. Pagou sua dívida de mascateação, voltou para sua casa maltrapilho, doente e sem um centavo no bolso.

Martins (2004, p.122) discute as relações de trabalho, a exploração dos trabalhadores nas fazendas caracterizada como uma nova forma de trabalho escravo, e a questão do imigrante, do estrangeiro nas lavouras: “[...] A terra tornou-se acessível apenas ao possuidor de dinheiro [...]”.

⁷² Ver este assunto com Ludmilla Savrry Almeida, “Sírios e Libaneses: redes famílias e negócios”. In; Célia Maria Borges (org). Solidariedade e conflitos. Histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000, p. 191. A autora lembra que em São Paulo alguns sírios e libaneses chegaram a trabalhar como colonos em fazendas.

José Salmen, José Youssef e Naim Charafedine, que não utilizaram apenas o dinheiro, mas esperteza, falta de escrúpulos, ganância, avareza, transgressão às leis e sonegação de impostos acumularam riqueza.

O texto de Martins (2004. p.123) dá significado para a situação do sírio Mamydauh “[...] O colono, o imigrante, tornando-se obrigado ao fazendeiro, ficando encerrado na fazenda, sem liberdade para deixá-la, a menos que recebesse permissão expressa do fazendeiro [...]”.

Mamydauh deixou a fazenda, doente e amargou até a sua morte as lembranças vividas naquela fazenda do Pantanal do Mato Grosso, lugar que ele não sabia nem onde ficava.

Juntando-se às memórias de dona Ana estão às lembranças de muitos migrantes e imigrantes. Uns pobres e explorados e outros ricos exploradores. Uns ficaram mascates e comerciantes. Outros se tornaram latifundiários e ficaram ricos. José Turquinho tinha a receita para adquirir terras devolutas do Estado com a ajuda do seu amigo deputado Rachid Mamed.

Concluo este trabalho sobre a trajetória dos depoentes, imigrantes sírios e libaneses em Rondonópolis, entre 1950 - 1970. Neste caso, a história confirma o provérbio: “Eu e meus irmãos contra meus primos, e eu e meus primos contra os estranhos”.

Hoje, são muitas as fazendas pertencentes aos descendentes dos primeiros imigrantes “turcos”. A “Fazenda Brasília”, uma imensidão de terras, pertence à senhora Juphia, companheira brasileira de José Turquinho.

Ela herdou as terras, mas ainda disputa na justiça a propriedade das terras. A área onde está localizado o antigo aeroporto (alto da Fernando Corrêa, saída para Cuiabá) é disputada pela senhora Juphia e a Prefeitura Municipal de Rondonópolis que tem documentos mostrando que essas terras eram devolutas.

José Turquinho nunca seguiu as leis exigidas pelo Código de Terras de Mato Grosso. Como muçulmano, ele não assumia atitudes coerentes com as Leis do Alcorão que dizia seguir: “E que surja de vós uma nação que recomende o bem, dite a retidão e proíba o ilícito”. (3º Surata, versículo 104.).

No livro sagrado dos muçulmanos está escrito: “Porque não explicais para o povo se o Islam ordena aos muçulmanos que é necessário informar ao povo a respeito dos preceitos islâmicos que proíbem a riqueza excessiva de poucos e a pobreza fatal das massas”. (ABDUL, p.105.).

Podem-se buscar as raízes deste processo em tempos mais recuados, no início do século XX, com os imigrantes árabes em São Paulo, no Pará, em Goiás, em Mato Grosso,

Mato Grosso do Sul na cidade fronteiriça de Chuí em Porto Alegre. A busca obsessiva da riqueza por sírios, libaneses e palestinos passou a ser uma característica destes imigrantes ao longo do século XX.

Porém, dos testemunhos antigos até a nostalgia contemporânea, existe uma unanimidade por parte dos “turcos”: “ser turco, quando chega ao Brasil, Sírio quando se estabelece e Libanês quando enriquece”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se cortássemos todos os cedros do Líbano - e os cedros são nossa fonte de inspiração;
E com eles erigíssemos aqui um templo
Cujas torres atravessassem as nuvens;
Se arrebatássemos de Baalbeck e de Palmira
Os vestígios de nosso passado glorioso;
Se arrancássemos de Damasco o Túmulo de Saladino
E de Jerusalém o Sepulcro do Redentor dos homens;
Se levássemos todos esses tesouros
A esta grande nação independente
E as seus gloriosos filhos;
Sentiríamos que, ainda assim,
Não pagamos tudo o que devemos
Ao Brasil e aos brasileiros.
(Ilyas Farhat Dinheiro na Estrada, 1986, p.3)

Quem chega a Rondonópolis, vindo da capital, tomando a principal via de acesso, entrará na cidade pela Avenida Presidente Médici, a avenida tão sonhada de José Salmen Ranze, se descer pela Avenida Fernando Correa da Costa então contemplará as terras que pertenceram a este libanês. Em direção à cidade, do lado esquerdo, está o antigo aeroporto que mantém a placa de bronze, com o seu nome em relevo: “Aeroporto José Salmen Ranze”.

Descendo pela Avenida Fernando Correa da Costa só tem dois caminhos para seguir até o centro da cidade: um pela direita, entrando na rua presidente Médici de ruas largas com canteiros, como sonhou José Salmen Ranze para a cidade que um dia ele almejou construir. Seguindo esta avenida em direção ao viaduto, do lado esquerdo, está a Vila Mamed, e do lado direito da avenida está a Vila Salmen. Caminhando pela cidade de Rondonópolis, encontramos resquícios da memória do tempo em que os “turcos” chegaram, abriram seus comércios, se solidificaram. Outros se foram, voltando para morrer no Líbano. José Salmen Hanze repousa em um túmulo na cidade de Rondonópolis, assim como seu sobrinho José Youssef.

As tantas lojas de palestinos, sírios e libaneses já não existem mais. Caminhando pelas avenidas Marechal Rondon e Amazonas não é possível encontrar nenhum tecido pendurado nas portas, nem árabes chamando pelo freguês na porta: “Entre senhora, entre senhor, venha ver calça, camisa, tecido bom, fazemos qualquer negócio...”

O cenário se modificou, o barulho agora é dos carros de propaganda anunciando as promoções. A geração que viveu a transformação da cidade de Rondonópolis está em vias de desaparecer. Alguns, quem sabe, farão parte do patrimônio cultural, como o nome do aeroporto, da associação dos pioneiros, com nome da rua e da rodovia, são os locais onde poderão ser encontrados homens e mulheres árabes no cenário rondonopolitano.

Não se faz esse reencontro com facilidade. A maioria se foi, estão no Líbano, fazendo seus investimentos imobiliários. Quem sabe, devido a tantos conflitos existentes por lá, filhos e netos dos árabes que um dia deixaram sua pátria em busca de riqueza, estejam voltando para o Brasil em busca de paz.

Os sonhos daqueles que um dia chegaram ao Brasil, em busca de riqueza, conseguida por alguns, hoje permanecem apenas nas lembranças incrustadas nas memórias já apagadas pelo tempo que passaram entre o Brasil e a terra de origem.

Na cidade de Rondonópolis, alguns “turcos” fizeram riqueza, de mascates, transformaram-se em comerciantes, para depois tornarem-se fazendeiros e latifundiários, donos de empresas, postos de gasolina, hotéis, diversificando seus negócios.

A riqueza foi, para muitos sírios e libaneses, uma das únicas formas de sentirem-se importantes, vitoriosos e vencedores, abençoados por Alá. Enriquecer pelo trabalho era uma bênção. Com o dinheiro poderiam voltar para sua pátria, ostentando riqueza, levar presentes para os parentes, ser recepcionado com uma grande festa, ser reconhecido como um vencedor. Alguns ampliaram as terras da família no Líbano, compraram comércios, fizeram casas, aplicaram o dinheiro.

Todavia é necessário refletir sobre os métodos utilizados para conseguir esta riqueza. Ocupação de terras devolutas do Estado, facilitada por patrícios que eram políticos, e posterior loteamento das mesmas; empréstimos de dinheiro a pequenos produtores, tendo como garantia de pagamento a terra; funcionários que nunca tiveram seus direitos trabalhistas; fraude nas medidas dos tecidos; retenção de trabalhadores na fazenda como garantia de pagamento de dívidas.

Foram muitos os métodos considerados ilícitos utilizados por alguns “patrícios” para se tornarem homens ricos. O objetivo desta pesquisa foi buscar através da oralidade, da documentação, respostas para tantas perguntas. Respostas que, durante muito tempo, ficaram

guardadas debaixo da capa do Alcorão, como garantia de devoção ao trabalho, de persistência, de acúmulo de poupança e empreendedorismo.

O tempo dos “turcos”, árabes, sírios, libaneses, palestinos, continua no presente através de seus descendentes da primeira e segunda gerações, os quais perpetuarão suas lembranças e tradições.

São filhos, netos que se orgulham de falar de seus pais, de seus avós, da trajetória que fizeram. Graças ao trabalho e sacrifícios dos primeiros imigrantes, é possível viver hoje com mais tranquilidade sem ter que carregar as malas de mercadorias e muito menos freqüentar os garimpos, as corruptelas, vilas e zonas de prostituição.

Muitos homens e mulheres não puderam optar entre ficar em seu país para vivenciar sua cultura e suas práticas, seus valores e religião. Embora muitos fossem muçulmanos, no Brasil se tornaram cristãos para serem aceitos e reconhecidos, para chegar ao “outro”. Muitos optaram pela adaptação e assimilação da nova cultura para serem aceitos.

No presente, os filhos e netos não são obrigados a assimilarem os valores e cultura dos antepassados (pais e avós). Eles podem fazer suas escolhas, trabalho, profissão, casamento, a liberdade de ir e vir. Visitar a terra de seus antepassados é a busca da valorização das raízes árabes, muçulmanas ou cristãs.

Said (2004, p.429), em seu leito de morte, termina sua autobiografia descrevendo ainda com lucidez o que é estar “fora do lugar”. Sentimento que foi vivido por muitos imigrantes “turcos” que, sentindo-se um estranho, um bárbaro, o estrangeiro que achava que jamais se adaptaria a essa terra chamada Brasil, no Estado de Mato Grosso e, porque não, na cidade de Rondonópolis, onde estão seus filhos e netos.

Em seu momento de despedida, Said escreve assim:

Prefiro isso à idéia de um eu sólido, à identidade a que tanta gente dá importância. Essas correntes, como a vida de uma pessoa, fluem ao longo de uma vigília e, em seu melhor estado, não requerem nenhuma harmonização. Elas escapam e podem estar fora do lugar, mas pelo menos estão sempre em movimento, no tempo e no espaço [...].

Se para Said, a insônia era um estado precioso, para os imigrantes “turcos” na cidade Rondonópolis, a insônia era o único momento de solidão nos quais podiam reviver seu passado tão distante no espaço.

O tempo era algo do qual não gostavam de pensar, eles dependiam de vender bem suas mercadorias, pois logo poderiam voltar para casa e olhar o céu de estrelas. O senhor

Said, o comerciante da fábrica de sombrinhas, nos momentos em que falava sobre estar no Brasil e voltar para o Líbano, as lágrimas marejavam em seus olhos.

Said diz:

Hoje já me acostumei com tudo por aqui, foi aqui que tudo consolidou, construí família e meus bens, mas mesmo depois de tantos anos ainda sinto saudades do cheiro de minha terra, das flores no jardim de minha casa, da minha mãe sofrida, mas que contava estórias para eu e meus irmãos dormir, mas o mais bonito que eu as vezes choro é mesmo de saudade do céu estrelado, sempre pensava estar muito perto de Alá. Tudo era muito próximo, a guerra fazia vítimas, mas mesmo assim o meu cedro do Líbano permanece em meu coração de árabe, forte como a madeira. Por isto estou aqui, nesta terra de brasileiros que me adotaram, serei enterrado aqui, e meus filhos ficarão para dizer da importância que se deve dar a esta pátria que nos acolheu.

Os filhos e netos do imigrante, que chegou como mascate e fez fortuna como comerciante e/ou industrial, ampliaram os negócios da família, legitimaram-se socialmente estudando em escolas de prestígio e seguindo carreiras caras às elites (advocacia, medicina, engenharia). Essa mobilidade ascensional deve ser somada à dispersão física dos membros da colônia pelo território do Estado, derivada da própria atividade de mascates e comerciantes.

Na cidade de Rondonópolis este aspecto pode ser observado, em algumas destas famílias; os Zaher se destacaram na política, na advocacia, no setor empresarial, dando multiplicidade aos negócios da família sendo considerados bem sucedidos.

A família Youssef destacou-se pela diversificação dos negócios. Mas o forte da família ainda é o ramo imobiliário. Com a morte do patriarca em 2005, os filhos herdaram os bens. A viúva, que é libanesa, retornou à sua pátria logo após os funerais do marido. Os filhos que já estavam no Líbano retornaram apenas para organizar e dividir a herança que lhes fora deixada, ampliando seus negócios no Líbano.

O único filho que permanece na cidade de Rondonópolis solidificou seus negócios. O grande solar dos Youssef, considerado por muitos como o “museu”, está à venda. Portanto, para a posteridade, aqueles que passarão em frente ao casarão do bairro Monte Líbano, não saberão da riqueza e ostentação que um dia houve naquele lugar.

Os filhos “bastardos” do senhor Youssef foram reconhecidos, mas teve ele o cuidado de beneficiá-los em vida. Ele sabia dos problemas que seria repartir os seus bens, quando seus filhos “legítimos” tomassem conta dos negócios.

A família de Salmen Hanze foi, também, a família de Youssef, mas como José Turquinho nunca se casou, deixou todos os seus bens para a senhora Jupia, uma brasileira que passou a administrar seus bens. As disputas judiciais em torno das terras são muitas, pois o único filho que a senhora Jupia tem, diz ser filho do senhor José Turquinho.

A família Charafedine se desfez com a morte do patriarca e da matriarca. O filho mais velho Melhem Charafedine, que era um conceituado médico na cidade, tornou-se um empresário do agronegócio voltado para a exportação. A grande área de terras pertencentes à família, hoje em sua maioria é arrendada para pasto. A irmã casou-se com brasileiro e juntou seu dote aos negócios do irmão.

A família Said Zahli já não mora mais na cidade de Rondonópolis. Está em Campinas de Goiás, na fábrica de sombrinhas. Uniu a família em torno do negócio. Homem simples, o senhor Said se tornou grande comerciante quando resolveu deixar as malas cheias de mercadorias, por não agüentar mais carregá-las pelo interior de Mato Grosso.

A família do mascate Raja Muhd mora hoje em Tangará da Serra-MT. Era grande comerciante de armarinhos, mas faliu. Mantém em uma sala de sua casa o restante de mercadorias que lhe sobraram. Vive ele e a esposa. Sua única filha faz medicina em São Paulo, mas como o senhor Raja mesmo diz: “Não tenho muita coisa, mas consigo ir ao Líbano a cada dois anos”. As suas idas ao Líbano possibilitam que ela mantenha o ritual do chá, pois é de lá que ele traz os ingredientes.

A família Ali Dib permanece em Rondonópolis. O patriarca Salomão já não mais existe, mas os negócios da família se solidificaram e se diversificaram. Cada um dos irmãos optou por um tipo de negócio: a loja de flores, a casa do caçador, o posto de gasolina, o hotel. Na família Ali Dib, ao contrário da cultura e tradições árabes, onde a figura do homem é central, tomando as decisões, é a senhora Cecília quem comanda os irmãos. Ela é a única mulher da família.

A família Assad é muito pequena, dois filhos, uma mulher e um homem. A filha morreu anos atrás. Hoje, Armando é quem dirige os negócios. As lojas estão sob seu comando, mas o velho Assad, mesmo com seus lapsos de memória fragmentada pelo tempo, está sempre sentado à porta e faz questão de cumprimentar cada freguês. Os netos do senhor Assad são dois, e já trabalham na loja, seguindo os passos do pai e do avô.

A família do mascate Mamydhau é grande, ao todo são dez filhos, mas seis desses filhos não se conhecem. Os quatro primeiros fazem parte do passado distante do mascate em terras brasileiras. Não puderam dar continuidade aos negócios do pai, pois não lhes deixou nenhuma herança, apenas a vontade de lutar e não ter medo de se aventurar, de ousar, como fez o velho mascate.

Mas sob o olhar perseverante da mãe dona Ana, todos os seis filhos de Mamydhau cresceram e se tornaram homens e mulheres de bem, não diversificaram os negócios, mas suas profissões: um é empresário e advogado, um é bombeiro, outro policial, um comerciante,

uma escriturária e geógrafa e uma professora, já quase mestre. Seguem seus caminhos unidos à figura da mãe aos seus filhos que são os netos do velho mascate que não os conheceu porque a vida lhes foi tirada prematuramente.

Hoje quando se reúnem fazem questão de recontar as histórias de reis, rainhas e bravos soldados que seu pai lhes contava quando voltava da mascateação, e, às vezes, um dos netos ainda pequeno pergunta “Por que não pude conhecer o meu avô?”. E a avó lhe responde: “Seu avô agora contempla o céu de estrelas da sua pátria tão querida, onde não lhe foi permitido ficar: a Síria”.

Entre risadas comem quibes, charutos e dizem que tem “sangue azul”. São fortes, filhos de sírio e brasileira, netos de sírio e francesa e assim continua a história desta família que não consegue esquecer a pronúncia de seu pai: “minhas bicrianças e meu rabibi.”⁷³



Figura 21: Família de Mamydhau.

Acervo: Acervo da Autora

Da esquerda para a direita: Dona Ana (esposa). Filhos: Márcio, Jean Carlos, Marcelo, Leila, a neta Ana Paula, filha Marildes e Marcino.

Suas aventuras e desventuras, batalhas e vitórias para permanecer nesta terra chamada Brasil, estão registradas nesta dissertação. Foi necessário se chegar aos quarenta anos de vida e experiências, estudos e batalhas sob orientação de um migrante sulista para que

⁷³ No alfabeto árabe não consta a consoante “c” por isto a pronúncia bicriança. Rabibi em árabe significa meu amor.

cada peça que compõe este cenário da escrita pudesse chegar não ao final, mas ao começo, para que alguém também descendente de “turcos” possa reescrever a história dos seus antepassados, que mesmo debaixo do céu brasileiro, possa imaginar o céu estrelado do Líbano, da Síria, e de outros países do Oriente Médio.

Aqui em terras brasileiras os filhos dos imigrantes não se sentem “fora do lugar” como se sentiu Edward W. Said, quando chegou aos Estados Unidos da América, mas agradecidos, pois lhes foi permitido nascer no Brasil, em Mato Grosso, em Rondonópolis.

Somos livres da guerra, somos livres na religião, somos ecléticos culturalmente e ainda podemos falar dos nossos pais e avós.

Afinal, 1900, 1910, 1920, 1930.....1950.....1970.....1980.....2000...2006 é o universo deste contar e recontar da história. Apropriando-me das palavras de Certeau (2000, p.14-15),

A violência do corpo não alcança a página escrita senão através da ausência, pela intermediação dos documentos que o historiador pode ver na praia de onde se retirou a presença que ali os havia deixado, e pelo murmúrio que deixa perceber, longinquamente, a imensidão desconhecida que seduz e ameaça o saber.

Enfim, muito obrigada aos imigrantes do Oriente Médio: libaneses, sírios, palestinos, argelinos e tantas etnias que enriqueceram a cultura brasileira. Perdão para aqueles que não têm suas histórias aqui relatadas e suas “andanças” não foram registradas apenas como elogios. A história exige do historiador a investitura da verdade. Há na pesquisa e na escrita um esforço na direção da cientificidade, da isenção, da racionalidade, mesmo quando durante a narrativa as emoções insistem em se manifestar.

Não se pode fugir da ficção, do imaginário que compõe nossas narrativas, até porque também a ficção parte do real, a fantasia é nossa aliada para a construção do que se diz ser a verdade. Repetidamente Certeau (2000, p.25-26) afirma que

O historiador também só pode escrever conjugando, nessa prática, o ‘outro’ que o faz caminhar e o real que ele não representa senão por ficções. Endividado pela experiência que tenho disto, gostaria de homenagear esta escrita da história.

Fazemos nossa a escrita de Michel de Certeau, através da qual a pesquisa nos remeteu às lembranças e experiências de vidas aqui relatadas pelos depoentes. Temos dívidas com a história e com o passado. Por isso pesquisei e escrevi sobre os imigrantes do Oriente Médio em Rondonópolis, revisitando a memória já quase esquecida de muitos dos entrevistados.

Embora haja críticas à forma como alguns enriqueceram, contudo este trabalho homenageia estes imigrantes que participaram da história de Rondonópolis, através do seu trabalho e da sua cultura.

Hoje os imigrantes árabes já não se fazem presentes na cidade de Rondonópolis, mas seus filhos, netos e bisnetos permanecem por alguma razão.

Como o espelho da memória que reflete o passado, os descendentes fazem ressurgir o cotidiano do comércio árabe nas avenidas Marechal Rondon e Amazonas e em tantas outras. Mas o comércio nem a cidade já não são os mesmos dos seus antepassados.

Segundo Certeau (1996, p. 31) “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia, nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente”.

Pelos detalhes do cotidiano, como colchas de retalhos em preto e branco ou coloridas, as imagens fotográficas são fontes documentais que identificam os personagens que dão sentido a esta dissertação. As fotografias que foram utilizadas neste texto, contribuíram para recompor detalhes das trajetórias dos imigrantes árabes.

Parafraseando Alves (2001, p. 2-8) que ao “flanar” pela cidade de Rondonópolis com o intuito de dar “visibilidade e sentido as coisas”, escreve:

Aos poucos, vão apagando a importância da vida, ao se descartar a participação das pessoas, ao se negar a preservação de valores culturais como, por exemplo, os expressos na arquitetura da cidade e no cotidiano dos seus moradores. [...] passos que mesclam etnias, naturalidades, gostos, perfumes, preocupações [...].

A imagem não fala por si só, é uma representação do real. As imagens de homens e mulheres em lugares e espaços sociais que foram palcos de disputas comerciais dos imigrantes “turcos” nos remetem por instantes para o tempo simbólico.

As imagens evidenciam detalhes do vestuário, das construções, do mobiliário, da forma de colocar as mãos, do sorriso, do amor escondido e no realce da maquiagem que o fotógrafo ou o “tirador de retratos”, fazem questão de ressaltar, pois a fotografia é para sempre, para os filhos e netos, para os parentes na terra natal. Faz-se uma composição do que se quer e do que não se tem: “A vida para sempre”.

Para Lê Goff (1985, p.39) “a fotografia [...] revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”.

Quem poderá dizer isto um dia, no tempo futuro, serão os descendentes dos imigrantes árabes, que ao rever as fotografias, buscando fragmentos da memória, contextualizarão acontecimentos passados.

Como filhos e filhas, netos e netas que ao longo de nossas vidas ouvimos de nossos pais as leis do Alcorão, com seus significados e interpretações que chocavam quem nasceu no Brasil, onde a liberdade de crença permite discutir política e religião, e ter a liberdade de opção. Mesmo não seguindo todos os ensinamentos dos antepassados “turcos” permaneceram como herança a forma de educar seus filhos e netos, o valor do trabalho, a obsessão pela poupança.

O passado se rompeu, restando apenas os estilhaços das lembranças de nossa infância que está longe. Às vezes, são as lembranças da infância que nos fazem ser românticos em relação ao passado. Por isto guardei-as comigo e ao escrevê-las tornei-me aprendiz de historiadora.

REFERÊNCIAS

ALCORÃO. O Islam, Sábios e Seguidores. Abdul Kader Audah (Tradutor)

ALCORÃO. Os direitos humanos no Islam. Dr. Zakaria El Berry (Tradutor)

ALVES, Laci Maria Araújo. **Rondonópolis: imagens e memória.** Rondonópolis: Ótima Copiadora, 2001.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a memória e a história.** Bauru: EDUSC, 2000.

BAXTER, Michael. **Garimpeiros de Poxoréo.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

BARROZO, J. C. **Em busca da pedra que brilha como estrela. Um estudo sobre o garimpo e os garimpeiros do Alto Paraguai-MT.** Araraquara, UNESP, 1997. (Tese de doutorado).

_____. **Exploração e escravidão nas agropecuárias da Amazônia Matogrossense.** Universidade Estadual de Campinas/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1982. (mestrado em Sociologia).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: EDUSP, 1987.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTRO, S. Pereira et. al. **A colonização oficial em Mato Grosso: a nata e a borra da sociedade.** Cuiabá: Ed. UFMT, 2002

_____. **A colonização oficial em Mato Grosso: políticas públicas.** Cuiabá: Ed. UFMT, 2002

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A invenção do cotidiano: morar e cozinhar.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **A escrita da história.** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

COELHO, Julio Cezar. **Lapidando diamantes: a presença da mulher nas zonas diamantíferas do leste mato-grossense (Lageado 1933-1953).** 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.

CURY, Carmelita. **Do Bororo ao Prodoeste.** São Paulo: Alvorada, 1973.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano.** São Paulo: Contexto, 2004.

DUOUN, Tufik. **A imigração sírio-libanesa às terras da promessa.** São Paulo: Tipografia Editora Árabe, 1994.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico**: explicitação das normas da ABNT. 13. ed. Porto Alegre: [s.l.], 2005

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si e escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde**: política de colonização no Brasil contemporâneo. Cuiabá: UNICEM, 2002.

GOULART, José Alípio. **O mascate no Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista 1967.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

NUNES, Heliane Prudente. **A imigração árabe em Goiás**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 2000.

OLIVEIRA, Marco Machado de (org). **Guerras e imigrações**. Campo Grande-MS: Ed.UFMS, 2004.

PALMÉRIO, Mário. **Vila dos confins**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

SAID, Edward W. **Fora do lugar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **La pluma y la espada**. Delegacion Coyoacán – México: Siglo Veintiuno Editores, 2001.

_____. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANDES, Noé Freire (org.). **Memória e região**. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Goiás, 2002.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Ligia Maria Osório. **A lei da terra**. 1990. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1990. vol. 01.

_____ **A lei da terra.** 1990. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1990. vol. 02.

TESORO, Luci Lea Lopes Martins. **Rondonópolis- MT:** um entroncamento de mão única-lembranças e experiências dos pioneiros. São Paulo, 1993.

TRUZZI, Osvaldo Mário Serra. **Patrício:** sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: HUCITEC, 1997.

ZAIDAN, Assaad. **Raízes libanesas no Pará.** Belém: [s.l.], 2001.

ANEXO A

FONTES DOCUMENTAIS

Livro de Registro e Contabilidade da Prefeitura Municipal de Rondonópolis-MT. 1959 a 1962. Livro Tombo nº. 01.

Livro de lançamento de Imposto de Indústria e Profissão da Prefeitura Municipal de Rondonópolis-MT. 1º de junho de 1955. Livro Tombo nº. 03.

IBGE – MT.

Documentos do Arquivo Histórico Museu Rosa Bororo.

Ministério das Relações Exteriores em Brasília.

Documentação do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

Jornal A Tribuna – Rondonópolis- MT

Núcleo de Documentação Histórica Otávio Canavarros – Departamento de História-CUR.

Cartório do 1º ofício - Rondonópolis-MT

FONTES PRIMÁRIAS

Passaporte do Sírio Mamydauh Almulhem.

Passaporte do Libanês Assad.

Diário da família Almulhem.

Cartas da família Almulhem.

Documentos pertencentes ao senhor José Salmen Hanze (cartas, escrituras, livros).

ANEXO B

RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

José Salmen Hanze, nasceu na cidade de Abay, no Líbano em 1904. Chegou ao Brasil em 1926. Chegou a Rondonópolis em 1948, foi o primeiro árabe a chegar, trazia sal de Corumbá para vender para os fazendeiros da região. Tornou-se um grande comerciante e proprietário de terras. Nunca se casou, viveu ao lado da senhora Juphia de Oliveira Mestre, que não era esposa, mas alguém que o ajudou e orientou na compra e venda de terras, fazia o papel de gerente. Após a morte de José Turquinho em 02/06/1989, a senhora Juphia herda suas terras, do qual ele deixou em testamento.

José Youssef Merhi, libanês, chegou ao Brasil em 1952, trazido pelo tio, para ajudá-lo nos negócios. José Sobrinho como ficou conhecido por ser sobrinho de José Turquinho, trabalhou muito em benefício da cidade de Rondonópolis, um homem culto e respeitado pela sociedade rondonopolitana. Construiu ao longo dos anos um museu em sua casa, dono de um grande patrimônio. Faleceu em maio de 2005.

Mamydauh Almulhem, nasceu na Síria em 1920, chegou ao Brasil em 1952, fugitivo de guerra. Foi mascate durante toda a sua vida. Foi pai de dez filhos aqui no Brasil, todas as suas mulheres eram brasileiras. Morreu dia 31 de julho de 1983 com a doença de Chagas.

Raja Muhd, libanês, chegou ao Brasil em 1941, foi mascate, depois comerciante em Rondonópolis, em 1990, mudou-se para Tangará da Serra, onde tem uma loja de roupas feitas.

Dona Ana dos Anjos, nasceu em Guiratinga em 1945. Hoje mora em Rondonópolis com seus seis filhos que teve com Mamydauh, mulher de coragem e de fibra, guarda com carinho todas as lembranças do marido, diz que mesmo tendo passado tantas dificuldades, nunca deixou de amar aquele homem. Entrevista concedida em 2005.

José Sampaio, ex-sitiente na localidade de Nova Galiléia. Entrevista concedida 26 julho de 2004.

Dona Iolanda, mineira, chegou a Mato Grosso em 1946 e em Rondonópolis em 1950, proprietária do Bar Flor de Liz, situado a Rua Rosa Bororo. Na ocasião desta entrevista ela tinha 79 anos, aposentada vivia na casa que restou do Flor de Liz. Esta entrevista foi concedida em outubro de 2003 e janeiro de 2004. Ela faleceu em fevereiro de 2004.

Assad, comerciante libanês em Rondonópolis, chegou ao final da década de 60. Nascido em 1927, chegou ao Brasil em 1952, fugindo da guerra. Dono da Casa Armando, na Avenida Amazonas.

Henrique Nunes da Silva, 81 anos, nasceu em Minas Gerais, veio para Mato Grosso em 1956, indo morar em Itiquira, trabalhava na Casa Araújo. Em 1959 veio para Rondonópolis trabalhar na mesma loja, com os anos ele e seu irmão compraram o prédio em que estava a loja. Atualmente sua residência é na Rua 13 de Maio, ao lado da casa Klima.

Nazih Melhem Salmen Hanze, nasceu no dia 04 de janeiro de 1936 no Líbano, na cidade de Abey, atividade agricultor. Irmão de José Salmen Hanze. Chega a Mato Grosso em 1952, e fica trabalhando em Rondonópolis com o seu irmão. Morreu em maio de 1989.

Naim Charafedine, libanês, sobrinho de José Turquinho. Chegou a Mato Grosso em 10/07/1953. Tornou-se um grande comerciante de secos e molhados, dono da Casa Libanesa, proprietário de muitas terras, tornou-se fazendeiro. Pai do médico e pecuarista Melhem Charafedine. Faleceu na década de 90.

Bitencourt Lopes Esteves, nasceu no Povoado do Rio Vermelho, foi professor, telegrafista, marceneiro, comprador de couro, sapateiro, agricultor, cobrador, pecuarista e jogador de carteadado, diga-se de passagem um profissional. Cursilhista, exerce a função de ministro da Eucaristia da Paróquia do Bom Pastor. Entrevista concedida em agosto/setembro/outubro de 2000. Ao transcrever esta fita ele já havia falecido.

Aristides Santarém, nascido em Livramento em Minas Gerais, chegou a Rondonópolis em 1946. É lavrador aposentado e mora na cidade de Guiratinga (MT).

Trajano Binardi é paulista de São Vicente, chegou á Mato Grosso em 1945, e em Rondonópolis em 1950, foi garimpeiro, capataz, tocador de gado e agricultor. Hoje é aposentado e mora numa casa de abrigo para idosos em Rondonópolis.

Celina de Vasconcelos, 84 anos, paulista de Franca - SP. Chegou a São José do Povo em 1948, ela e seu marido Paulino e seis filhos. Foram uma família muito querida, sempre solidários com aqueles que chegavam, tornaram - se líderes comunitários da Igreja Católica, junto com padre Miguel Ortiz. As famílias faziam questão de dar os filhos para o casal batizar, nas dificuldades sempre procurava seu Paulino e dona Celina. O casal prosperou financeiramente. O senhor Paulino faleceu em 1989, e dona Celina mora em Rondonópolis, junto com seus filhos, e ainda na velhice adotou mais duas crianças.

Sebastião Quirino da Silva, alagoano, agricultor. Trabalhou nas terras de Naim Charafedine durante trinta anos como meeiro. Hoje ele e sua família moram em Rondonópolis e ele é vendedor de frutas na feira livre de Vila Aurora.

Anísio Balduino, mineiro, nasceu em 1925, chegou a Rondonópolis em 1947, atraído pela propaganda da terra. Foi embora da cidade em 1985, passou por muitos lugares, até se estabelecer em Tangará da Serra-MT, como serralheiro.

Mohamad Khalil Zaher se tornou político e empresário dono de Faculdade. Mohamad Zaher é irmão de Ibrahim Zaher que foi proprietário da primeira revendedora de automóveis Chevrolet na cidade de Rondonópolis.

Cecília Ali Dib, libanesa, filha do senhor Ali Salomão Dib, chegou a Mato Grosso em 1957, indo residir na cidade de Poxoréo. O senhor Salomão foi mascate. Segundo sua filha ele fazia o trajeto de Cuiabá a Rio Verde de Goiás para buscar mercadorias, gastando dois meses no caminhão “pau de arara”. Hoje, Cecília é proprietária da casa de flores: Santa Cecília.

ANEXO C

Termo de Abertura

Serirá este livro que contém 50 (cincoenta) folhas numeradas tipograficamente de 1 a 50 para o lançamento do "Imposto de Indústria e Profissão" suas folhas vão rubricadas com a rubrica que uso e conforme consta do Termo de Encerramento

Prefeitura Municipal de Pondonópolis 1º de Junho de 1955

Prefeito Municipal

					0123	0183	0252	1244	Valão		
91	Ab. Amazonas	José Alves de Matos	91	Pondorop. Comercio	685.00	160.50	13.10	2.00	833.60	1168	em 28/12/55 integrad
92		José Valmer Hanger	92	Pondorop. Olaria	339.00	90.00	6.80	2.00	437.80	1067	em 6/12/55 integrad
93		Francisco Cardoso	93	Pondorop. Olaria	440.00	180.00	8.80	3.00	571.80	1129	em 20/12/55 integrad
94		Abilio Rocha de Almeida	94	Pondorop. Olaria	330.00	90.00	6.20	3.00	423.20	1015	em 17/12/55 integrad
95	Ab. Amazonas	Alberto Conia	95	Pondorop. Comercio	300.00	200.00	18.00	7.00	1.125.00	441	L. S. A. 23/6/56
96	Qua. F. Pessoa	Josimiano de Almeida	96	Pondorop. Barbearia	160.00	30.00	3.20	2.00	95.20	14	em 3/12/55 integrad
97	Ab. Amazonas	Juliano Machado Filho	97	Pondorop. Comercio	435.00	184.50	15.70	6.00	941.20	1063	em 6/12/55 integrad
98	Ab. Amazonas	Benedito Matias	98	Pondorop. Dentista	260.00	60.00	5.20	3.00	328.20		L. S. A.
99	Ab. Amazonas	Aquiles Barbosa	99	Pondorop. Dentista	260.00	60.00	5.20	3.00	328.20		L. S. A.
100	Qua. Grande	Pedro Alves Bener	100	Pondorop. Quisique	140.00	24.00	2.80	2.00	168.80	937/27	integrad
101	Ab. Amazonas	José Duailibi	101	Pondorop. Droguaria	620.00	100.00	12.40	5.00	737.40	1056	integrad L. S. A.
102	Ab. Amazonas	Baldino Oliveira	102	Pondorop. Comercio	114.00	16.20	2.30	2.00	134.50	1040	em 28/11/55 integrad
103	S. Lorenzo	Antonio Cruz	103	S. Lorenzo Comercio	772.00	200.00	16.00	6.00	994.00	225	em 7/12/55 integrad
104	Praca Bras	Virgilio Germano	104	Pondorop. Mecanico	525.00	120.00	10.50	4.00	659.50	1019	em 20/12/55 integrad
105		José Arcanjo	105	Pondorop. Comercio	600.00	162.90	13.20	5.00	781.10	1147	em 23/12/55 integrad

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)